

Filipa Mesquita Branco de Araújo Macedo



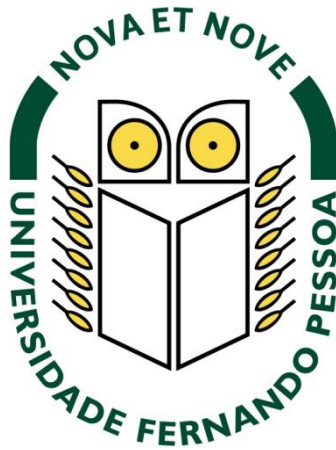
**“Discursos e Percursos de Praticantes de BDSM: Contributos para  
uma leitura despatologizante”**

Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2018



Filipa Mesquita Branco de Araújo Macedo



**“Discursos e Percursos de Praticantes de BDSM: Contributos para  
uma leitura despatologizante”**

Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2018

Filipa Mesquita Branco de Araújo Macedo

**“Discursos e Percursos de Praticantes de BDSM: Contributos para uma leitura despatologizante”**

Atesto a originalidade do trabalho,

---

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, sob a orientação do Professor Doutor Luís Santos.

Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2018

## **Resumo**

BDSM é um termo que abrange uma ampla gama de actividades relacionadas com *bondage* disciplina, dominação e submissão, sadismo e masoquismo. Pode ser definido como um jogo baseado no consentimento prévio entre as partes envolvidas, onde se materializam desejos privados, frequentemente entendidos como transgressores face às práticas sexuais ditas convencionais, como beijar, tocar, sexo oral ou a masturbação.

O presente estudo explora os percursos e discursos de praticantes de BDSM, contextualizando a emergência, desenvolvimento e avaliação das suas práticas. Foram realizadas entrevistas *online*, semi-estruturadas, a 13 pessoas com idades compreendidas entre os 24 e os 63 anos que se apresentaram como praticantes BDSM. Os discursos dos participantes foram organizados de acordo com a análise temática, tendo sido identificados três temas: i) entre o despertar e a consolidação do interesse pelo universo BDSM; ii) contactos, encontros e (des)continuidades; e iii) vivências eróticas e sexuais (des)vendadas.

Os resultados apurados sugerem percursos de entrada no universo BDSM motivados por um interesse explicado pelos participantes à luz de factores de natureza individual, da curiosidade ou simples vontade de quebrar a rotina. Sugerem ainda a avaliação positiva de um processo de identificação e consolidação desse mesmo interesse, descrito como uma aprendizagem contínua, de modo a materializar, com responsabilidade, um conjunto de fantasias, fetiches e desejos habitualmente mantidos no domínio do secreto, devido a uma percepção clara da estigmatização social habitualmente associada a este tipo de práticas.

**Palavras-chave:** BDSM; Comportamento Sexual; Sexualidade Atípica

## **Abstract**

BDSM is a term that is used to refer to a wide range of activities related with bondage, discipline, domination and submission, sadism and masochism. It can be defined as a game based on a previous consent between the involved parts to materialise private desires that are often understood as a transgression of so called conventional sexual practices, such as: kissing, touching, oral sex or masturbation.

The present study explores the courses and reasonings of BDSM enthusiasts in the context of emergence, development and evaluation of their own practices. For this study, semi-structured online interviews were conducted with 13 people with ages between 24 and 63 that describe themselves as BDSM enthusiasts. Their answers and reasoning were organised according to a theme analysis, resulting in three themes; i) awakening and consolidation of interest towards the BDSM universe; ii) contacts, dates and (dis)continuity; iii) (un)covered erotic and sexual experiences.

According to the results, the engagements with the BDSM universe were motivated by an interest of the participant that had to do with their individual nature, curiosity or simply the need to break with a routine. It also suggests that there is a positive evaluation due to an on-going learning and consolidation of the ways how to responsibly materialise a set of fantasies, fetishes and desires usually maintained as a secret because of a clear perception of a possible social stigma associated with these practices.

**Keywords:** BDSM; Sexual Behaviour; Atypical Sexuality.

## **Dedicatória**

Dedico-o à minha tia Nanda,

Que me ensinou a voar, a querer sempre mais, a dar o melhor de mim.

Que me ensinou para onde ir e que, havia sempre um lugar para onde voltar.

Dando-me asas nunca me fez esquecer que por mais alto que consiga voar, em cada uma das asas terá sempre escrito humildade e gratidão.

(Sei o quanto ficarias feliz e orgulhosa por presenciar este momento)

## **Agradecimentos**

Ao meu orientador, Professor Doutor Luís Santos, o meu eterno agradecimento. Agradeço-lhe por ter embarcado nesta aventura comigo e por me ter privilegiado com o seu conhecimento. Agradeço-lhe ainda pelo incentivo, pela disponibilidade, pela confiança, pela motivação e pela generosidade.

Agradeço à minha Avó e à minha Mãe, agradeço-lhes pelo amor, pela amizade, pela força e por acreditarem sempre em mim. Por validarem as minhas escolhas e por me apoiarem sempre, sem questionamentos. Agradeço-lhes por serem sempre o meu lugar seguro.

À minha Tia Salete, agradeço-lhe a sabedoria e o carinho que partilha comigo desde sempre.

Agradeço à Sónia, pela amizade, pela bondade, pela disponibilidade e pela entrega. A entrega àqueles de quem gostas, é sem dúvida aquilo que melhor te define.

Agradeço ao Alfredo, pela amizade de uma vida.

À Gisela, agradeço-lhe a amizade e a forma como tão intensamente vive as minhas alegrias, as minhas tristezas e as minhas vitórias.

Agradeço à Ângela, que apesar de estar longe, nunca senti que não estivesse comigo.

Agradeço à Jéssica, quando fazemos mudanças na nossa vida e temos o privilégio de conhecer as pessoas certas, aí sim, somos felizes. A Jéssica é uma dessas pessoas.

Agradeço à Rita, pela alegria, pela suavidade e serenidade que me transmite.

Agradeço à Dona Fernanda Bastos, agradeço-lhe a amizade, o carinho e o abraço com que sempre me recebe. Ela é também uma das pessoas certas que a vida me trouxe.

Agradeço a todos os meus amigos com os quais partilhei esta minha aventura, agradeço-lhes pela forma como receberam este projecto, pelo incentivo e pelo jeito livre e positivo com que o encararam. Isso faz-me ainda mais acreditar que eu tenho os Certos (amigos)!

Agradeço, por fim, aos meus participantes. A eles o meu intenso agradecimento. Agradeço-lhes a forma como tão prontamente se disponibilizaram, agradeço-lhes a confiança, a partilha e sensação de reconforto e enorme retorno que despertaram em mim. Agradeço-lhes a oportunidade e a possibilidade de tornarem este meu projecto real, de poder crescer e aprender. A eles, o meu eterno obrigada!

## Índice

|  |     |
|--|-----|
| Resumo .....   | i   |
| Abstract .....   | ii  |
| Dedicatória.....   | iii |
| Agradecimentos .....   | iv  |
| Introdução.....  | 1   |
| Capítulo I – Sexualidade e Excitação Sexual .....                        | 3   |
| 1.1 Considerações breves sobre sexualidade.....                          | 3   |
| 1.2 Factores que influenciam a excitação sexual.....                     | 5   |
| 1.2.2 Os Sentidos .....  | 7   |
| 1.2.2.1 O Toque.....   | 7   |
| 1.2.2.3 O olfacto.....   | 8   |
| 1.2.2.4 A audição.....   | 9   |
| 1.2.2.5 O gosto .....  | 9   |
| 1.2.3 Hormonas.....  | 10  |
| 1.2.3.1 Testosterona .....   | 10  |
| 1.2.3.2 Oxitocina .....  | 10  |
| 1.2.4 Substâncias.....   | 11  |
| 1.2.4.1 Afrodisíacas.....  | 11  |
| 1.2.1.2 Anafrodisíacas .....   | 12  |
| 1.3 O Ciclo de Resposta Sexual.....                                      | 12  |
| 1.3.1 O Modelo de Masters e Johnson .....                                | 12  |
| 1.3.2 Teoria do Caminho do Estímulo Erótico.....                         | 14  |
| Capítulo II – (Des)patologizar as Variações do Comportamento Sexual..... | 15  |
| 2.1 Comportamentos sexuais típicos .....                                 | 15  |
| 2.1.1 Beijar.....  | 15  |

|  |  |    |
|--|--|----|
| 2.1.2  | Tocar .....  | 16 |
| 2.1.3  | Sexo oral .....  | 16 |
| 2.1.5  | Masturbação .....  | 17 |
| 2.1.6  | Brinquedos sexuais .....   | 19 |
| 2.2  | Variações do comportamento sexual .....                                  | 20 |
| 2.2.1  | Fetichismo .....   | 21 |
| 2.2.2  | Travestismo .....  | 22 |
| 2.2.3  | Sadomasoquismo .....   | 23 |
| 2.2.4  | Voyeurismo .....   | 25 |
| 2.2.5  | Exibicionismo .....  | 26 |
| 2.3  | Tornar-se praticante de BDSM .....                                       | 26 |
| 2.4  | O que diz o DSM-5 .....  | 28 |
| Capítulo III – Metodologia .....                       |  | 30 |
| 3.1  | Desenho da Investigação .....  | 30 |
| 3.1.1  | Questões de investigação e objectivos .....                              | 31 |
| 3.1.2  | Participantes .....  | 32 |
| 3.1.3  | Instrumentos .....   | 33 |
| 3.1.4  | Procedimentos .....  | 34 |
| 3.2  | Pressupostos de análise de dados: Análise temática .....                 | 36 |
| 3.2.1  | Análise temática: definições, padrões e paradigmas .....                 | 36 |
| 3.2.2  | Fases .....  | 37 |
| Capítulo IV – Análise e Discussão dos Resultados ..... |  | 39 |
| 4.1  | Entre o despertar e a consolidação do interesse pelo universo BDSM ..... | 41 |
| 4.1.1  | O despertar .....  | 41 |
| 4.1.1.1  | Factores de natureza individual .....                                    | 41 |
| 4.1.1.2  | A curiosidade .....  | 41 |
| 4.1.1.3  | O quebrar da rotina .....  | 43 |

|  |    |
|--|----|
| 4.1.2 A consolidação.....                            | 43 |
| 4.1.2.1 Um processo de aprendizagem.....             | 45 |
| 4.1.2.2 Um processo de identificação .....           | 45 |
| 4.1.2.3 Receios, cuidados, regras e limites.....     | 48 |
| 4.2 Contactos, encontros e (des)continuidades.....   | 55 |
| 4.2.1 Contactos .....                                | 55 |
| 4.2.1.1 Tipologia .....                              | 55 |
| 4.2.1.2 Critérios.....                               | 57 |
| 4.2.2 Encontros .....                                | 58 |
| 4.2.2.1 Online.....                                  | 58 |
| 4.2.2.2 Presenciais.....                             | 59 |
| 4.2.3 Continuidades .....                            | 64 |
| 4.2.3.1 Regularidade.....                            | 64 |
| 4.2.3.2 Com quem? .....                              | 65 |
| 4.2.4 Descontinuidades .....                         | 67 |
| 4.2.4.1 Motivos.....                                 | 67 |
| 4.3 Vivências eróticas e sexuais (des)vendadas ..... | 69 |
| 4.3.1 A procura intencional de prazer.....           | 69 |
| 4.3.2 A importância do erotismo .....                | 71 |
| 4.3.2.1 Fantasias e restrições.....                  | 71 |
| 4.3.2.2 A novidade .....                             | 75 |
| 4.3.2.3 A transgressão .....                         | 76 |
| 4.3.3 Conciliações (im)possíveis .....               | 77 |
| 4.3.3.1 Entre o público, o privado e o secreto.....  | 77 |
| 4.4 Balanços e perspectivas de futuro .....          | 81 |
| 4.5 Discussão.....                                   | 84 |
| Conclusão .....                                      | 92 |

|                                 |     |
|---------------------------------|-----|
| Referências Bibliográficas..... | 94  |
| Anexos _____                    | 105 |
| Anexo A _____                   | 106 |
| Anexo B _____                   | 108 |
| Anexo C _____                   | 110 |
| Anexo D _____                   | 112 |
| Anexo E _____                   | 114 |

## **Índice de Figuras**

|   |    |
|---|----|
| <b>Figura 1.</b> Figura para ver a localização aproximada das estruturas do sistema límbico ..... | 7  |
| <b>Figura 2.</b> Apresentação geral dos temas em análise .....                                    | 39 |
| <b>Figura 3.</b> Entre o despertar e a consolidação do interesse pelo universo BDSM .....         | 40 |
| <b>Figura 4.</b> Contactos, encontros e (des)continuidades .....                                  | 54 |
| <b>Figura 5.</b> Vivências eróticas e sexuais (des)vendadas .....                                 | 68 |

## **Índice de Tabelas**

|   |    |
|---|----|
| <b>Tabela 1.</b> Efeitos Sexuais Causados por Alegados Afrodisíacos .....     | 11 |
| <b>Tabela 2.</b> Frequência da Masturbação por Idade e Grupos de Género ..... | 18 |
| <b>Tabela 3.</b> Tipos de Parafilias .....                                    | 20 |
| <b>Tabela 4.</b> Prevalência de Fetiches .....                                | 22 |
| <b>Tabela 5.</b> Caracterização sociodemográfica dos participantes .....      | 33 |

## **Lista de abreviaturas**

**BDSM** – *Bondage* Disciplina Sadismo e Masoquismo

**HPV** – Papilomavirus Humano

**DOM** – Dominador

**DOMME** - Dominadora

**DS ou D/s** – Dominação/Submissão

**SSC** – São, Seguro e consensual

**SUB** – Pessoa submissa, homem ou mulher

**SWT** – Swtichter

## **Introdução**

O BDSM é um termo abrangente que abarca uma ampla gama de actividades relacionadas com *bondage* e disciplina, dominação e submissão, sadismo e masoquismo (Sagarin, Lee, Erickson, Casey & Pawirosetiko, 2018). Pode ser definido como um jogo onde se movimentam desejos privados, de alguma forma transgressores face às práticas sexuais ditas convencionais (e.g. beijar, tocar, sexo oral, masturbação) (LeVay, Baldwin & Baldwin, 2015; Lehmler, 2014), realizadas sempre com base no consentimento prévio negociado entre as partes envolvidas (Weiss, 2011). É ainda encarado como um modo de corporizar um conjunto de fantasias numa relação marcada pelo privilégio de dar e receber prazer sem os habituais grilhões do preconceito e da moral (Weiss, 2011). Tal como acontece com outras minorias sexuais (e.g., bissexuais, homossexuais), também os praticantes de BDSM enfrentam o estigma e a discriminação, pelo facto dos seus comportamentos sexuais divergirem, em larga medida, das habituais normas da sociedade em matéria de sexualidade (Lee, Kleweut, Sagarin & Finkestein, 2017).

Muitas vezes associado à doença mental, à perversão e ao crime, o BDSM é um fenómeno social muitas vezes incompreendido e que, por essa razão carece de mais estudos científicos (Graham, Butler, McGraw, Cannes & Smith, 2016). Numa realidade temporal não muito distante, a pesquisa sobre BDSM incidia, fundamentalmente, numa tentativa de explicar, patologizando, as motivações e os comportamentos dos praticantes. Contudo, tem-se assistido, sobretudo na última década, a algumas mudanças que evidenciam uma vertente que vai no sentido da compreensão das pessoas e das suas práticas nesta matéria, contrariando algumas crenças que associam o BDSM à doença e à perversão e mais ao lado recreativo (Langdrige & Baker, 2007; Moser & Kleinplatz, 2006; Newmahr, 2011; Weis, 2011). Apesar de ainda escassos e incipientes, os estudos sobre praticantes de BDSM têm sugerido uma prevalência de características psicológicas positivas, nomeadamente maior extroversão, abertura face a novas experiências e menos sensíveis à rejeição, quando comparados com a população não praticante (Wismeijer & van Assen, 2013).

Considerando, ainda assim, o desconhecimento científico mais ou menos generalizado em matéria de BDSM, são necessárias mais pesquisas no sentido de mitigar

a sua estigmatização, bem como as leituras exclusivamente ancoradas na psicopatologia (Holvoet, Huys, Coppens, Seeuws, Goethals & Morrens, 2017).

O BDSM é hoje um fenómeno relativamente popular, inclusivamente na indústria cinematográfica, e tem vindo a estimular a curiosidade de um número cada vez maior de pessoas. Importa, por isso, que os diversos profissionais que trabalham na área da sexualidade, entre os quais os psicólogos, tenham um conhecimento mais aprofundado e factual sobre este tema, de modo a exercerem a sua prática desligados de eventuais preconceitos. ((Lawrence & Love- Crowell, 2008; Pascoal, Cardoso & Henriques, 2015; Pillai-Friedman, Pollitt & Castaldo, 2015).

O presente estudo parte de um posicionamento não patologizante relativamente às práticas BDSM e aos seus praticantes e pretende dar voz aos mesmos com vista a explorar compreensivamente os seus discursos e percursos. Pretende, especificamente, aferir o despertar dos seus interesses pelas práticas BDSM, contextualizar a entrada nestas práticas e explorar as dinâmicas e significados atribuídos às mesmas.

Em termos de organização, a primeira parte do trabalho, de carácter teórico, compreende dois capítulos: o primeiro, dedicado à sexualidade e excitação sexual, e o segundo, à (des)patologização das variações do comportamento sexual. A segunda parte do trabalho, referente ao estudo empírico, encontra-se, igualmente, organizada em dois capítulos: o primeiro refere-se à metodologia e o segundo à apresentação e discussão dos resultados. O trabalho termina com as conclusões, onde são sistematizados os principais resultados, identificadas algumas das suas limitações e sugeridas pistas de investigação futura.

## **Capítulo I – Sexualidade e Excitação Sexual**

### **1.1 Considerações breves sobre sexualidade**

A sexualidade é um tema central da existência humana e inclui uma diversidade de aspectos, entre os quais se destacam: sexo, identidade sexual, género, identidade de género, orientação sexual, erotismo, amor, ligação física e ainda reprodução (Pereira, 2014). Numa possível visão positiva, a sexualidade pode ser encarada como sinónimo de energia, excitação e amor. Num sentido mais nocivo, a sexualidade pode trazer angústia, preconceito, violência e doença. Quando se fala de sexualidade, importa, por isso, considerar-se um conceito mais abrangente do que o sexo (LeVay, Baldwin & Baldwin, 2015). Durante séculos, as sociedades de todo mundo comungavam da visão de que o sexo significava apenas “pénis na vagina”, no contexto exclusivo do casamento e com uma finalidade exclusiva: a procriação. Perseguir qualquer outra forma de prazer genital era vista como pecaminosa, podendo, em casos extremos, levar à prisão. Nos últimos tempos, a actividade sexual tem vindo a tornar-se mais complexa, sendo que falar de sexo é sinónimo de uma ampla gama de comportamentos (Lehmiller, 2014).

O conceito de sexualidade é, na actualidade, um conceito mais abrangente e integra todo o domínio da experiência humana, incluindo os traços físicos e psicológicos, as atracções sexuais e os relacionamentos, estabelecendo-se uma ligação entre identidades e comportamentos sexuais e as restantes estruturas sociais (LeVay, Baldwin & Baldwin, 2015). No presente, nas sociedades ocidentais, a actividade sexual não se restringe moral ou legalmente ao casamento heterossexual tradicional. Na verdade, o sexo pode ocorrer entre parceiros que não estão unidos pelo laço do matrimónio, uma espécie de “amigos com benefícios”, outras vezes entre desconhecidos, em relações mais ou menos episódicas, entre pessoas com diferentes orientações sexuais. Nesse sentido, cada vez mais o sexo é visto de forma recreativa, como uma expressão (ou não) de amor ou de celebração. Para outras pessoas, o sexo significa, ainda, uma forma de ganhar dinheiro (Meston & Buss, 2007).

Em termos de comportamento sexual, é possível considerar-se que este acontece devido à interacção de forças agrupadas em três categorias: i) psicológicas; ii) culturais; e iii) biológicas e evolutivas. A psicologia inclui diversas abordagens sobre a sexualidade (LeVay, Baldwin & Baldwin, 2015). O humor, o nível de alerta cognitivo, a atitude

perante o sexo e os relacionamentos, as expectativas comportamentais bem como as associações aprendidas através do reforço, constituem-se como os factores psicológicos passíveis de afectar o comportamento sexual. Apesar de alguns destes factores serem transitórios, podendo mudar de um momento para o outro, outros apresentam-se como características relativamente estáveis. No entanto, independentemente da sua estabilidade, cada um deles pode inibir ou promover o comportamento sexual (Lehmiller, 2014). Assumidamente estável e individual, a personalidade pode afectar significativamente a natureza e a frequência das actividades sexuais (Markey & Markey, 2007; Miller, Lynam, Zimmerman, Logan, Leukefeld & Clayton, 2004). Outra característica reconhecida como relativamente estável que pode afectar o comportamento sexual são as associações aprendidas (Plaud & Martini, 1999), isto é, cada indivíduo, baseado em experiências de aprendizagem prévia, tende a associar algo diferente ao sexo.

Também os estados de humor têm uma influência relevante, sendo também um exemplo de características psicológicas que se apresentam como mutáveis no que diz respeito ao impacto que têm no sexo (Lehmiller, 2014). Masters e Johnson (1970) referem a noção de distração cognitiva, onde os estados de humor negativos e positivos em associação com os níveis de distração cognitiva influenciam a predisposição e satisfação em relação ao sexo. Desta forma, estados de humor negativos aliados a níveis de distração elevados, apesar de não influenciar a predisposição, estão associados a uma menor satisfação sexual; por sua vez, os estados de humor positivos em associação com níveis baixos de distração cognitiva tendem a gerar um padrão de efeitos oposto. De salientar que estes efeitos assumem um carácter bidireccional, ou seja, atitudes e estados de humor moldam o comportamento sexual, assim como o comportamento sexual também as nossas atitudes e estados de humor.

Todas as sociedades têm um papel regulador no que diz respeito à sexualidade, estabelecendo padrões para o que se considera ser sexualmente “normal” e “desviante” (DeLamater, 1987). O contexto cultural e social desempenha um papel de destaque na determinação do comportamento sexual. Para além da ciência, também a religião e os meios de comunicação são forças culturais que influenciam o sexo. A televisão tem vindo, desde a sua invenção, a influenciar o sexo, no sentido que, de forma contínua e gradual, tem vindo a incluir conteúdos sexuais. Paralelamente à televisão e outros meios de comunicação, é inegável que o aparecimento da *internet* veio mudar para sempre a vida

sexual dos indivíduos. À distância de um clique, há a possibilidade de aceder a uma vasta e diversificada gama de informação de cariz sexual, estando a pornografia também gratuitamente disponível. A par do acesso fácil a material sexualmente explícito, a *internet* abriu as portas para o mundo dos encontros *online*, da auto-expressão sexual através de *webcams* e dos telemóveis, instigando o *cibersex* e o *sexting* (Lehmiller, 2014; Carvalheira, 2018).

De igual forma, o comportamento sexual é afectado por factores biológicos e evolutivos, estando os primeiros associados principalmente à composição genética e aos níveis hormonais. Pesquisas decorrentes dos factores evolutivos têm vindo a demonstrar que relativamente às outras espécies, há muito poucos comportamentos que podem ser considerados exclusivos da espécie humana, sendo que aquilo que nos aproxima é maior do que aquilo que nos afasta (Lehmiller, 2014). Como exemplos disso mesmo podemos considerar a actividade sexual entre espécies do mesmo sexo (Bagemih, 1999); o sexo oral (Tan, Jones, Zhu, & Zhang, 2009) e a masturbação (Bagemih, 1999). Em síntese, a sexualidade humana apresenta-se como um fenómeno complexo, influenciado por inúmeros factores, que vão desde biológico até ao social (Lehmiller, 2014).

## **1.2 Factores que influenciam a excitação sexual**

### **1.2.1 O Cérebro**

O cérebro é o centro do controlo da excitação sexual. Contudo, o grau de controlo e a forma como cada um responde aos estímulos sexuais varia de forma considerável entre os indivíduos. Considera-se que sejam três as secções mais importantes para a excitação: i) o sistema límbico; ii) o córtex cerebral e iii) os neurotransmissores (Lehmiller, 2014). Começando pelo sistema límbico, composto pelo hipocampo e pelo hipotálamo, é identificado como o “centro do prazer” (Liebowi, 1983). O papel do sistema límbico foi estabelecido nos últimos anos através da ressonância magnética funcional, que possibilitou observar quais áreas do cérebro que se tornam neurologicamente activas, quando há excitação sexual. Pesquisas realizadas com indivíduos de ambos os sexos expostos a filmes eróticos, por exemplo, demonstraram, através da ressonância imagética funcional, uma activação significativa da amígdala (Karama, Lecours, Leroux, & Beaugard, 2002) e uma activação do hipotálamo restrita ao sexo masculino (Arnou,

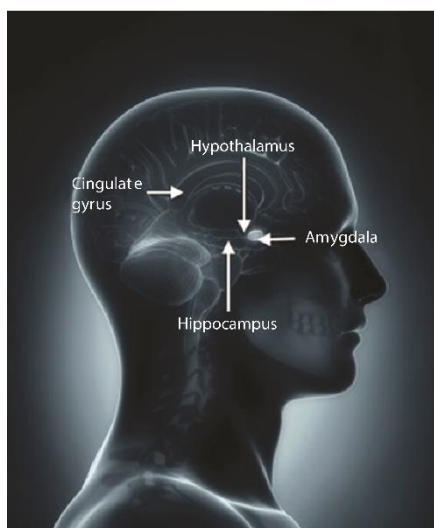
Desmond, Banner, & Atlas, 2002; Ferretti, Caulo, Del Gratta, Di Matteo, Merla, Montorsi ... Romani, 2005). De acordo com tais pesquisas, o hipotálamo surge como uma das estruturas límbicas mais importantes para o funcionamento sexual.

Para além do sistema límbico, também o córtex cerebral, a camada externa do cérebro, desempenha um papel de destaque na excitação sexual. Designada como a região que controla os pensamentos, memórias, imaginação e o uso da linguagem, esta pode ser usada tanto para inibir como para facilitar a excitação sexual. Entre muitas outras funções sexuais a cargo do córtex cerebral, encontramos a capacidade para fantasiar.

Uma das formas mais frequentes de expressão sexual ocorre inteiramente no interior do cérebro: fantasiar. Definida como qualquer imagem mental que seja sexualmente excitante ou erótica, a fantasia sexual pode ser uma história elaborada ou um pensamento fugaz (Carvalheira, 2018). Pode envolver imagens bizarras ou ser bastante realista, pode integrar memórias de eventos passados ou ser uma experiência completamente imaginária (Leitenberg & Henning, 1995). A grande maioria das pessoas fantasia. Os estudos são reveladores de que mais de 95% dos homens e mulheres fantasiaram pelo menos uma vez na vida (Davidson, 1985; Pelletier & Herold, 1988). Nesta senda, os homens tendem a fantasiar mais do que as mulheres, sendo o conteúdo das fantasias diferentes entre homens e mulheres (Carvalheira, 2018). As fantasias servem para além de aumentar a excitação sexual, para compensar uma situação sexual menos favorável e para reduzir a ansiedade sexual (McCauley & Swann, 1980). A fantasia é também o lugar para a expressão de desejos ocultos (Lehmiller, 2014). As fantasias sexuais são, por norma, vistas como um aspecto saudável da sexualidade humana. Desta forma, as pessoas que fantasiam com maior frequência tendem a relatar serem sexualmente mais satisfeitas (Leitenberg & Henning, 1995). As pesquisas indicam ainda que 98% dos homens e 80% das mulheres que se encontram num relacionamento, fantasiam com alguém que não o actual parceiro/a, tornando-se essas fantasias mais comuns à medida que o relacionamento se prolonga no tempo (Leitenberg & Hicks, 2001). Fantasiar é, assim, uma experiência universal, ainda que nem todas as fantasias possam ou devam ser concretizáveis. As imagens eróticas têm o efeito de excitação e de nos conduzir à actividade sexual (Carvalheira, 2018).

Os neurotransmissores, paralelamente ao sistema límbico e ao córtex cerebral também, afectam a excitação sexual. Estes neurotransmissores são a dopamina e a

serotonina. Tendo a dopamina a capacidade e aumentar a excitação sexual e o comportamento sexual, à serotonina são lhe reconhecidos efeitos contrários, a presença de serotonina tende a reduzir a excitação sexual e inibir o orgasmo. Estes efeitos inibitórios da serotonina podem ser úteis, especialmente em pessoas que atingem o orgasmo muito rapidamente (Gomes, 2004; Lehmiller, 2014).



**Figura 1.** Figura para ver a localização aproximada das estruturas do sistema límbico.

Adaptado de Psychology of Human Sexuality (Lehmiller, 2014)

## 1.2.2 Os Sentidos

A informação sensorial oriunda da pele, olhos, nariz, orelhas e boca podem contribuir para a excitação sexual (Lehmiller, 2014).

### 1.2.2.1 O Toque

Geralmente definido como parte integrante da excitação sexual e do prazer, o toque está envolvido quer na actividade sexual individual quer quando esta acontece em parceria. Contudo, aquilo que pode ser considerado um toque agradável para uns pode não o ser para outros, considerando-se aqui a influência de factores individuais, mas também culturais. Daí que, a ideia de que a maioria das pessoas se sente excitada quando as suas zonas erógenas primárias são tocadas (e.g., genitais, mamilo, períneo, lábios e parte interna da coxa) não seja consensual. O tipo de toque revela-se, ainda assim, muito

importante. Se algumas pessoas preferem um toque mais leve (e.g., um beijo suave, um carinho nos mamilos), outras há que privilegiam ser agressivamente manipuladas (e.g., mamilos torcidos e presos) (Lehmiller, 2014).

#### **1.2.2.2 A Visão**

Tomando em linha de conta o valor que a sociedade tende a atribuir à atracção física, bem como a popularidade dos filmes, revistas e *sites* com conteúdos sexuais estáticos e/ou dinâmicos (e.g., fotos, vídeos), a visão é um importante sentido permeável à excitação sexual. Tal como o toque, os estímulos visuais com vista a gerar excitação sexual variam entre pessoas e culturas. De uma forma geral, culturas e sociedades constroem as suas preferências individuais, ditando o que é e o que não é sexualmente atraente. A crença generalizada de que os homens são mais fortemente estimulados por estímulos visuais tem vindo a ser corroborada por algumas pesquisas. Os estudos indicam que, no que respeita à estimulação visual através de vídeos pornográficos, os participantes do sexo masculino relatam de forma consistente mais excitação sexual do que os participantes do sexo feminino (Koukounas & McCabe, 1997; Lehmiller, 2014). Contudo, quando a avaliação é feita considerando os indicadores fisiológicos, esta diferença tende a desvanecer, ou seja, tanto homens como mulheres mostram excitação significativa como resposta a estímulos visuais eróticos, com o acrescento que, no que respeita a determinados estímulos, a excitação assume uma maior proporção para as mulheres (Chivers, Rieger, Latty & Bailey, 2004).

#### **1.2.2.3 O olfacto**

De modo mais ou menos consciente, a pesquisa tem revelado que o cheiro pode influenciar a excitação sexual. Os efeitos conscientes são determinados pelas experiências como resultado de aprendizagens anteriores e pelos padrões culturais. Desta forma, os aromas associados ao sexo aprendidos através de experiências anteriores podem instituir-se como poderosos gatilhos para excitações futuras. No que concerne aos efeitos inconscientes do olfacto, uma grande quantidade de pesquisas sugere que as feromonas afectam os seres humanos (e.g., sincronia no ciclo menstrual, suor) sendo substâncias

químicas segregadas pelo organismo, elas desempenham um papel na comunicação sexual (Lehmiller, 2014). Sendo muitas vezes inconscientes, ou seja, o cheiro pode muitas ter efeito sobre o comportamento sem que se tenha consciência dele, o que pode significar que as feromonas podem de alguma forma guiar a sexualidade sem que haja uma consciência disso (McClintock, 2000).

#### **1.2.2.4 A audição**

Sendo reconhecido como o mais variável de todos os sentidos no que concerne ao seu papel na excitação sexual, a audição varia de acordo com as preferências individuais. Estas preferências individuais são frequentemente estabelecidas através da aprendizagem. A audição pode desempenhar diferentes papéis no que diz respeito à actividade sexual, sendo que os sons emitidos durante o acto sexual podem funcionar para informar o parceiro sobre o seu desempenho sexual. Desta forma, a audição pode ser utilizada para melhorar a experiência sexual. No entanto, a emissão de sons também pode ser utilizada para facilitar a resposta sexual. Levin (2006), concluiu que entre casais heterossexuais, os homens percebem os sons emitidos pelas mulheres durante o sexo como sexualmente excitantes e facilitadores do orgasmo masculino.

#### **1.2.2.5 O gosto**

O paladar pode afectar a excitação sexual, ainda que o seu efeito seja pouco dissociável do cheiro, pois ambos se encontram altamente interligados. Tal como acontece com audição e com o olfacto, também o gosto pode ser bastante específico para cada indivíduo, tendo em conta aquilo que se considera como sexualmente agradável. Quando se faz referência ao gosto como um dos sentidos que afecta a excitação sexual, fala-se, por exemplo, das secreções corporais naturais, apreciadas por uns e desvalorizadas por outros, do uso de lubrificantes e da incorporação de comida durante o acto sexual (Lehmiller 2014).

### **1.2.3 Hormonas**

A par com os processos cerebrais e sensoriais, também as hormonas desempenham um papel de destaque na excitação sexual, designadamente a testosterona e da oxitocina (Lehmiller 2014).

#### **1.2.3.1 Testosterona**

A testosterona é uma hormona segregada pelas gónadas e pelas glândulas supra-renais. Embora seja produzida em maior quantidade nos homens, esta hormona não é exclusiva do sexo masculino. Produzida nos testículos e nos ovários, a sua quantidade é reconhecidamente menor nas mulheres, que para um funcionamento normal não necessitam de uma quantidade equivalente aos homens (Bancroft, 2002). No entanto, apesar da sua presença ser em menor número nas mulheres, a testosterona também está relacionada com o desejo sexual. As mulheres que não possuem ovários experimentam uma diminuição da libido e dificuldades em alcançar a excitação sexual (McPherson, Herbert, Judge, Overton, 2005).

#### **1.2.3.2 Oxitocina**

Produzida no cérebro, a oxitocina é uma hormona com uma ampla gama de efeitos sobre o comportamento sexual humano. Para além do auxílio na libertação do leite durante o período da amamentação, esta hormona tem vindo a ser reconhecida como detentora de um papel vital no desenvolvimento de laços entre parceiros românticos e sexuais, sendo libertada durante a intimidade física. Reconhecida como a “hormona do amor” ou a “droga do abraço”, o seu contributo na excitação sexual também se encontra documentado. Algumas pesquisas realizadas em ratos machos, demonstraram que após serem injectados com oxitocina, estes ratos apresentavam erecções (Gimpl & Fahrenholz, 2001). Da mesma forma, alguns estudos recentes realizados com humanos revelaram que a administração de oxitocina através de um *spray* nasal produzia aumentos inesperados desejo e actividade sexual (Lehmiller 2014).

## 1.2.4 Substâncias

### 1.2.4.1 Afrodisíacas

As substâncias encerram outro conjunto de factores que afecta a excitação sexual. Às substâncias afrodisíacas é-lhes reconhecido o efeito de aumentar o desejo e o comportamento sexual. Durante séculos as pessoas acreditaram que vários alimentos possuíam qualidades afrodisíacas. Contudo, não existem evidências científicas que corroborem que o consumo de determinados alimentos seja gerador de efeitos de excitação física, podendo as influências relatadas ser atribuídas ao efeito placebo. Além disso, também os chifres e o pénis de alguns animais são ainda hoje procurados em algumas culturas asiáticas, por serem se acreditar, nessas culturas, que os mesmos são potenciadores da sexualidade e da virilidade (Harding, 2006). Outras substâncias consideradas afrodisíacas incluem o uso de algumas drogas, álcool e viagra, cujos efeitos se encontram descritos na tabela 1 (Lehmiller, 2014).

**Tabela 1.** *Efeitos Sexuais Causados por Alegados Afrodisíacos*

| Substâncias                       | Efeitos Sexuais   |
|-----------------------------------|---|
| Álcool                            | Através de uma redução nas inibições e efeitos esperados, o álcool pode ser um suave afrodisíaco em pequenas doses. Em maiores quantidades, tem um efeito depressor na excitação e no orgasmo em homens e mulheres. |
| <i>Ecstasy</i> (MDMA)             | Os usuários relatam maior desejo e orgasmos mais intensos, mas também dificuldades na erecção e atrasos na obtenção do orgasmo.   |
| Cannabis                          | Cerca de metade dos usuários relatam um aumento da libido e um maior prazer sexual; a outra metade não.   |
| <i>Poppers</i> (Nitrato de amila) | Os usuários que inalam <i>Poppers</i> relatam orgasmos mais intensos, no entanto alguns homens experimentam dificuldades de erecção temporárias.  |
| Viagra                            | Cria uma capacidade de erecção nos homens, vinculado à libertação de ocitocina em ratos machos; sendo desconhecidos se os efeitos hormonais similares ocorrem em humanos.   |

Adaptado de Psychology of Human Sexuality (Lehmiller, 2014)

### **1.2.1.2 Anafrodisíacas**

Os anafrodisíacos são reconhecidos por provocar a redução da excitação e do comportamento sexual. Nos últimos anos, alguns investigadores deslocaram o foco da pesquisa para as substâncias que limitam a excitação sexual. O interesse prende-se essencialmente com a descoberta de substância anafrodisíacas seguras e eficazes que possam ser usadas no impedimento de crimes como a violação e outros crimes sexuais, mas também como forma de reduzir o desejo em pessoas com hiperssexualidade (Lehmiller, 2014).

## **1.3 O Ciclo de Resposta Sexual**

### **1.3.1 O Modelo de Masters e Johnson**

O modelo de Masters e Johnson é modelo mais conhecido e discutido de resposta sexual humana. A partir da observação do ciclo sexual de um vasto número de homens e mulheres, os autores concluíram que a excitação e a resposta sexual seguiam um padrão previsível, explicando o seu modelo em quatro fases: excitação, *plateau*, orgasmo e resolução (Masters & Johnson, 1972; Lehmiller 2014).

A fase da excitação dita o início excitação sexual e caracteriza-se pela ocorrência de dois processos fisiológicos que irão ter continuidade ao longo das restantes fases. O primeiro momento ocorre com o aumento do fluxo sanguíneo para os tecidos corporais (e.g., tecidos genitais), denominado vasoconstrição. Em segundo lugar verifica-se uma tensão e uma contracção voluntária e involuntária dos músculos, tanto na região genital como em todo o resto do corpo; esta contracção mais prolongada designa-se miotonia. Outras alterações físicas passíveis de se constatar nesta fase são o aumento da frequência cardíaca e da respiração e uma aparência gradualmente avermelhada do tórax.

O gatilho para a excitação é variável de indivíduo para indivíduo, sendo que, em alguns casos, a excitação pode ser precedida por algum tipo de estimulação física como a masturbação. Em alternativa, a excitação pode também resultar da estimulação visual,

como a pornografia, do uso de uma substância afrodisíaca ou de um processo cognitivo, como é o caso das fantasias sexuais. A excitação é, desta forma, um evento biopsicossocial.

A fase de *plateau* corresponde a um prolongamento da fase anterior, onde os processos de vasoconstricção e miotonia se intensificam. Alguns pesquisadores sexuais vêem como desnecessária a existência separada destas duas fases (Levin & Riley, 2007). Nos homens as principais alterações verificam-se com a existência de uma erecção completa e a secreção da pré-ejaculação pela Glândula de *Cowper*. Nas mulheres, as principais mudanças incluem inchaço dos mamilos, expansão completa e alongamento da vagina, retracção do clítoris e desenvolvimento da plataforma orgásmica.

Se a estimulação apropriada continuar, por norma, o orgasmo acontece, havendo uma série de contracções breves e rítmicas. No caso dos homens, o orgasmo é coincidente com a fase ejaculação. Nas mulheres, verifica-se uma contracção da plataforma orgásmica e do útero, podendo, ou não, ser acompanhada da expulsão de fluído. Outras mudanças verificadas ao longo desta fase incluem o aumento das frequências cardíaca e respiratória. Contrariamente ao que acontece com as mulheres, é raro os homens não experimentarem o orgasmo durante a actividade sexual. Muitas mulheres não atingem regularmente o clímax, especialmente se a estimulação for apenas vaginal (Fugl-Meyer, Oberg, Lundberg & Lewin, 2006). Os orgasmos femininos e masculinos são semelhantes, embora possa existir uma variabilidade significativa na intensidade, número de contracções e duração. Apesar de breves, os orgasmos são, de um modo geral, extremamente prazerosos tanto para os homens como para as mulheres.

A resolução é a última fase do ciclo de resposta sexual, tendo lugar quando toda a estimulação é interrompida. A fase de resolução comporta o retorno dos órgãos genitais ao seu estado normal, ou seja, não desperto; o pénis torna-se flácido e a plataforma orgásmica desaparece, ficando os ritmos cardíaco e respiratório mais lentos. A fase de resolução pode seguir-se a qualquer uma das fases anteriores e a sua duração pode variar entre alguns minutos ou algumas horas; no entanto, por norma, tem uma duração mais rápida em adultos mais velhos do que em jovens (Nusbaum, Lenahan & Sadosky, 2005). Contrariamente a algumas crenças populares, não há evidências científicas que suportem o estereótipo de que os homens, no geral, adormecem imediatamente após o sexo. Na verdade, as pesquisas demonstram que tanto homens como mulheres são igualmente

propensos a relatar serem os primeiros a adormecer depois do sexo (Kruger & Hughes, 2011).

### **1.3.2 Teoria do Caminho do Estímulo Erótico**

O modelo do caminho do estímulo erótico (Keesling, 2004) é um modelo psicológico da resposta sexual baseado no modelo de Masters e Johnson e compreende quatro fases: a fase da sedução, a fase das sensações, a fase da rendição e por último a fase da reflexão.

A fase da sedução incorpora um conjunto de comportamentos que têm como objectivo atrair e/ou seduzir o outro. A sedução acaba por dar lugar à segunda fase, a fase das sensações, fase que corresponde ao que Masters e Johnson denominaram de excitação e *plateau*. Nesta fase acontece a combinação entre os cinco sentidos e as fantasias sexuais, criando uma sensação de excitação e é essa mesma que instiga a continuação da actividade sexual. Nestas duas primeiras fases, os factores psicológicos são vistos como impulsionadores das respostas fisiológicas. Alcançado o pico de excitação, tem lugar o orgasmo, culminando com a fase de reflexão, durante a qual ocorre uma reinterpretação das experiências sexuais e onde lhe é atribuído significado. Dependendo do indivíduo, a atribuição do significado pode ser positiva ou negativa, ditando a probabilidade da continuidade (ou não) da actividade sexual no futuro com aquele parceiro.

## **Capítulo II – (Des)patologizar as Variações do Comportamento Sexual**

### **2.1 Comportamentos sexuais típicos**

Os comportamentos sexuais típicos incluem as formas mais comuns de actividade sexual. As pessoas obtêm prazer através de diversas formas de comportamento sexual. De acordo com uma pesquisa, de carácter nacional, relativa à saúde e comportamento sexual dos americanos, as práticas mais recorrentes identificadas com base num inquérito realizado a 6000 indivíduos são a masturbação, o sexo oral, o coito vaginal ou sexo anal (Herbenick, Schick, Sanders & Dodge, 2010). Independentemente do tipo de prática sexual, homossexual ou heterossexual, o sexo com o/a parceiro/a faz as pessoas felizes durante o acto em si, contribuindo, igualmente, para o aumento do nível de felicidade (LeVay, Baldwin & Baldwin, 2015).

#### **2.1.1 Beijar**

O acto de beijar é uma actividade fortemente ligada ao sexo, sendo a boca uma zona erógena dotada de inúmeras terminações nervosas. Nesse sentido, beijar pode ser sinónimo de algo muito prazeroso. O beijo é, na cultura ocidental, um dos comportamentos mais comuns e socialmente aceite, contrariamente a outras culturas, onde o beijo é visto como algo repugnante (Gregersen, 1996). A distinção mais comum é feita entre o beijo de boca fechada, associado a manifestações de afecto e carinho, e o beijo de boca aberta, associado a estados de paixão. O Kamasutra, por exemplo, documenta a existência de 17 tipos de beijos diferentes que variam em termos de permissão da acção da língua, à quantidade de pressão e força aplicada, entre outros (Lehmiller, 2014). Para alguns indivíduos, o beijo representa o amor verdadeiro. Tendo diferentes graus e sabores, os beijos podem também, para outros indivíduos, não significar nada ou ser apenas um indicador de que a actividade sexual está prestes a ocorrer, podendo, de igual forma, simbolizar a união de duas pessoas (LeVay, Baldwin & Baldwin, 2015).

### **2.1.2 Tocar**

O toque é, na maioria das vezes, parte integrante da actividade sexual. O toque sexual, por regra, concentra-se nas zonas erógenas primárias e secundárias, podendo, contudo, envolver todas as partes do corpo (Lehmiller, 2014). O simples toque no corpo de outra pessoa pode ser sinónimo de intimidade sexual. A cabeça, o pescoço e a zona abaixo do pescoço são consideradas como atractivas para o toque, bem como a estimulação manual entre duas pessoas, denominada de masturbação mútua. Já acariciar é um termo mais amplo e que pode indicar qualquer um dos comportamentos referidos anteriormente. Também o contacto geral corpo-a-corpo, acompanhado por movimentos de fricção ou impulsos pélvicos que estimulam o clítoris ou o pénis é, para muitas pessoas, uma prática comum da actividade sexual (LeVay, Baldwin & Baldwin, 2015).

### **2.1.3 Sexo oral**

No último século, a estimulação dos órgãos genitais através da boca tornou-se uma prática comum. O termo geral para descrever a estimulação da vulva pela boca do parceiro é *cunnilingus*, enquanto que o termo *felatio* designa a estimulação oral do pénis. Sendo o sexo oral um comportamento praticado por homens e mulheres de todas as idades e diferentes orientações sexuais, pode igualmente assumir várias formas: ser realizado individualmente ou em simultâneo, na chamada posição 69. Além disso, o foco de incidência também pode variar e, muitas vezes, o *felatio*, ou felação, inclui a estimulação oral do ânus/escroto (Lehmiller, 2014). Em contextos heterossexuais, a evidência científica sugere que os homens desfrutam mais do sexo oral do que as mulheres; desta forma, as mulheres que se envolvem na prática de sexo oral parecem fazê-lo mais pela possibilidade de proporcionar prazer aos seus parceiros do que pela experiência prazerosa em si (LeVay, Baldwin & Baldwin, 2015).

### **2.1.4 Penetração vaginal e/ou anal**

O coito vaginal é, no universo dos relacionamentos heterossexuais, a forma mais comum de actividade sexual e abre caminho para uma variedade de posições que, ao serem exploradas, proporcionam experiências físicas e emocionais diferentes (Lehmiller, 2014). Estas posições podem, igualmente, ser adaptadas ao estado de espírito de cada parceiro/a, naquele determinado momento. Algumas posições exigem um maior esforço, outras permitem movimentos mais relaxados; há posições que favorecem o contacto visual, algumas proporcionam uma maior estimulação erótica ao homem, outras fornecem mais estímulo à mulher. Embora associado aos comportamentos sexuais menos comuns, a prática de sexo anal tem aumentado nos últimos anos. Sendo uma actividade que produz opiniões divididas, onde para uns é sinónimo de repulsa e para outros de excitação, o sexo anal está, de igual forma, associado à homossexualidade. No entanto, esta modalidade é também praticada entre heterossexuais que optam pela prática do sexo anal com o objectivo de evitar a gravidez (LeVay, Baldwin & Baldwin, 2015). Outra concepção a respeito do sexo anal prende-se com a noção de que, para a maioria das pessoas, a prática de sexo anal é restrita à penetração peniana anal. No entanto, esta não é a única forma em que o ânus pode estar envolvido na actividade sexual, podendo ser estimulado através da introdução de um dedo ou mesmo da mão inteira e do antebraço, configurando, neste caso, a prática de *fisting* (LeVay, Baldwin & Baldwin, 2015), de um brinquedo sexual e ainda oralmente, através da prática de *anilingus* (Lehmiller, 2014).

### **2.1.5 Masturbação**

Há muitos séculos que a masturbação tem sido fonte de preocupação moral e médica. Esta prática foi historicamente encarada como uma fonte de prazer sem a possibilidade de procriação, mas também, durante muito tempo, uma actividade pecaminosa (Lehmiller, 2014). O médico suíço Samuel Tissot considerou, inclusive, a masturbação mais perigosa do que a varíola e o filósofo Immanuel Kant considerou-a pior do que o suicídio (Weeks, 2011). O termo masturbação pode ser usado para indicar qualquer tipo de estimulação manual dos genitais, incluindo os do/a parceiro/a. No entanto, quando se fala em masturbação, a associação é feita a um comportamento auto-

erótico, seja pelo uso da mão ou de outros meios, como vibradores ou outros artefactos (LeVay, Baldwin & Baldwin, 2015). As fantasias sexuais andam de mãos dadas com uma grande variedade de comportamentos sexuais, especialmente com a masturbação (Lehmiller, 2014). Apesar de associada, na maioria das vezes, a um comportamento individual, a masturbação pode ser combinada com outras actividades sexuais; uma mulher pode estimular manualmente o seu clítoris enquanto se envolve no coito com o parceiro, ou um homem pode ser masturbar enquanto é penetrado por outro homem (LeVay, Baldwin & Baldwin, 2015).

No que respeita à masturbação em relação a homens e mulheres, as mulheres parecem recorrer a técnicas mais diversificadas. Grande parte deste conhecimento sobre a diversidade de técnicas deve-se ao trabalho de Masters e Johnson, que observaram várias centenas de homens e mulheres a se masturbarem, como parte dos seus estudos gerais do comportamento sexual (Masters & Johnson, 1966). Embora a masturbação seja um comportamento comum para homens e mulheres, existem algumas diferenças sexuais importantes. Especificamente, pode dizer-se que os homens são mais propensos a se masturbarem do que as mulheres e também os homens o fazem com maior frequência, tal como pode ser verificado na tabela 2 (Lehmiller, 2014).

**Tabela 2.** *Frequência da Masturbação por Idade e Grupos de Género*

|                  | Idade |       |       |       |       |       |       |       |
|------------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
|                  | 18-19 | 20-24 | 25-29 | 30-39 | 40-49 | 50-59 | 60-69 | 70 +  |
| Homens           |       |       |       |       |       |       |       |       |
| No último mês    | 61,1% | 62,8% | 68,6% | 66,4% | 60,1% | 55,7% | 42,3% | 27,9% |
| Ao longo da vida | 86,1% | 91,8% | 94,3% | 93,4% | 92%   | 89,2% | 90,2% | 80,4% |
| Mulheres         |       |       |       |       |       |       |       |       |
| No último mês    | 26%   | 43,7% | 51,7% | 38,6% | 38,5% | 28,3% | 21,5% | 11,5% |
| Ao longo da vida | 66%   | 76,8% | 84,6% | 80,3% | 78%   | 77,2% | 72%   | 58,3% |

Adaptado de Psychology of Human Sexuality (Lehmiller, 2014)

### 2.1.6 Brinquedos sexuais

Uma grande quantidade de objectos naturais e artificiais é utilizada para o uso sexual. Dentro desta gama, alguns são amplamente usados, como é o caso dos vibradores, e outros, mais peculiares, servem interesses sexuais minoritários e/ou fetichistas (LeVay, Baldwin & Baldwin, 2015). Os vibradores estão entre os brinquedos sexuais mais populares e são populares entre homens e mulheres. Um estudo realizado na Universidade do Indiana, a partir do Centro de Pesquisa *Sexual Health Promotion*, concluiu que cerca de metade de todas as mulheres entre os 18 e os 60 utilizam o vibrador. Ainda de acordo com o mesmo inquérito, foi possível aferir que o uso mais elevado está entre mulheres não heterossexuais, das quais 70% das mulheres eram lésbicas e 80% bissexuais (Herbenick, Reece, Sanders, Dodge, Ghassemi & Fortenberry, 2009). Associado a um comportamento solitário, o recurso ao vibrador pode, igualmente, ter lugar durante o sexo com o/a parceiro/a. A maioria das mulheres que usa o vibrador durante a actividade sexual com o parceiro relata não sentir qualquer tipo de constrangimento (Herbenick *et al.*, 2010). Como se disse, também o sexo masculino pode recorrer ao uso de vibradores, de acordo com Reece *et. al* (2010), cerca de 40% dos homens usa vibradores durante o acto sexual com a parceira. Os dildos são outro tipo de brinquedo sexual que pode ser utilizado para a penetração da vagina e do ânus. Os dildos podem assumir uma grande variedade de formas, inclusive a forma de um pénis e serem feitos de diversos materiais. No entanto, a borracha e o silicone surgem como os preferidos, devido à sua flexibilidade. O uso dos dildos requer, por norma, o uso de lubrificantes não apenas para a penetração anal mas também para a vaginal. É importante referir que o uso de brinquedos sexuais é passível de transmitir infecções, um exemplo é a possibilidade de transmissão do Vírus do Papiloma Humano (HPV), portanto, qualquer brinquedo deve ser escrupulosamente limpo depois de usado. Contudo, mesmo após a limpeza dos objectos, ainda há a possibilidade de serem detectados algum tipo de agentes infecciosos (Anderson & Dennerstein, 2014). A maioria das pessoas recorre ao uso de brinquedo sexuais para adicionar tempero e variedade ao sexo, onde, para além dos brinquedos sexuais, se pode incluir um vasta gama de outros produtos como óleos, comida, penas, lutas de

travessieiros, mordidas eróticas, submissão, dominação, fantasias, massagens, sexo totalmente vestido, *striptease*, uso de máscaras ou vendas, uso de espelhos e sexo em lugares comuns, sendo que o que se pretende é que o sexo seja divertido e, simultaneamente, um apelo à criatividade (LeVay, Baldwin & Baldwin, 2015).

## 2.2 Variações do comportamento sexual

A maior parte dos indivíduos, em alguma altura da vida, já experimentou uma fantasia sexual menos usual ou se envolveu em alguma prática sexual mais excêntrica (Carvalheira, 2018). Pensamentos e comportamentos menos convencionais acrescentam tempero às vivências sexuais e funcionam como um auxílio para manter o interesse nas relações sexuais (Gomes, 2004). Actualmente, a investigação na área da sexualidade tem vindo a considerar que apenas uma pequena parte daquilo que é o reino da sexualidade atípica é representativa de algum tipo de desordem. Interesses sexuais menos convencionais ou, numa linguagem mais específica da comunidade BDSM, *kinks*, são, na pior das hipóteses, inofensivos ou, simplesmente, esquisitos; na melhor, são vistos como estratégias criativas que enriquecem as experiências e fortalecem os relacionamentos (LeVay, Baldwin & Baldwin, 2015).

As parafilias são geralmente agrupadas em duas grandes categorias, as consideradas não coercivas e consensuais e as coercivas e não consensuais. Na tabela 3 encontra-se um breve resumo de cada parafilia e dos seus respectivos interesses sexuais.

**Tabela 3.** *Tipos de Parafilias*

| Parafilia              | Fonte de excitação sexual  |
|------------------------|--|
| Fetichismo             | Objecto não humano, partes do corpo ou secreção corporal                           |
| Travestismo            | Vestir-se como um elemento do outro sexo ou ver-se como um elemento do outro sexo  |
| Masoquismo             | Receber dor  |
| Sadismo                | Infligir dor   |
| Voyeurismo             | Espiar outras pessoas sem o seu consentimento, que se estão a despir ou fazer sexo |
| Exibicionismo          | Expor os órgãos genitais   |
| Escatologia Telefónica | Chamadas telefónicas com conteúdo obsceno  |
| Pedofilia              | Crianças e adolescentes  |
| Necrofilia             | Cadáver e ossos humanos  |
| Zoofilia               | Animais  |

Adaptado de Psychology of Human Sexuality (Lehmiller, 2014)

### 2.2.1 Fetichismo

O fetichismo ocorre quando uma pessoa experimenta uma intensa excitação sexual perante um objecto não-humano (e.g., chinelos, sapatos), uma parte do corpo não genital (e.g., mãos, pés), ou secreções corporais (e.g., saliva, urina) (Kafka, 2010). O conceito de fetiche refere-se a qualquer objecto que tenha um significado sexual (Weeks, 2011). A maioria dos fetiches está relacionada com o corpo humano, tal como pode ser visto na tabela 4. De acordo com Lehmiller (2014), o estímulo pode ser algo usado no corpo, como a *lingerie*, jóias ou ainda uma característica geral do corpo, por exemplo, a obesidade. Grande parte dos fetiches, cerca de 47%, é dirigida aos pés e aos sapatos (Scorolli, Ghirlanda, Enquist, Zattoni & Jannini, 2007). No caso dos pés, possivelmente pelo facto destes estarem habitualmente escondidos por meias e sapatos, é-lhes conferido um fascínio especial, contrariamente às mãos, habitualmente expostas e frequentemente tocadas. Outros fetiches comuns são os fluídos corporais, como a saliva (proporcionando a chuva de prata) e a urina (proporcionando a chuva dourada). O desejo fetichista pode ainda ser direccionado para materiais como o couro, a borracha, a seda ou o pêlo. Uma minoria, menos de 1%, pode ainda sentir-se atraída por fraldas ou cateteres (Scorolli *et al.*, 2007).

Sendo amplamente rentabilizados pela indústria do sexo e dos acessórios sexuais, os fetiches podem ainda surgir associados a práticas de dominação e submissão como a qualquer outra prática inerente ao chamado sexo convencional, habitualmente designado na comunidade BDSM como “baunilha” (LeVay, Baldwin & Baldwin, 2015). A maior parte das pessoas com interesses fetichistas não preenche os critérios para o diagnóstico de perturbação fetichista (American Psychological Association [APA], 2014), uma vez que não relatam necessariamente a disfunção clínica em associação com os seus comportamentos fetichistas. Ao não cumprirem os critérios associados a uma perturbação fetichista, previstos no Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais, vulgo DSM – 5, considera-se que tais indivíduos têm um fetiche (APA, 2014).

**Tabela 4. Prevalência de Fetiches**

| Fetiches Corporais   |             |
|--|-------------|
| Fetiches   | Percentagem |
| Pés e/ou dedos dos pés   | 47%         |
| Fluidos corporais (e.g., sangue e urina)                                     | 9%          |
| Cabelo   | 7%          |
| Músculos   | 5%          |
| Tatuagens e piercings  | 4%          |
| Área oral (boca, lábios, e/ou dentes)  | 2%          |
| Unhas das mãos ou unhas dos pés  | <1%         |
| Odores corporais   | <1%         |
| Fetiches por Objectos  |             |
| Meias, saias e outros objectos usados nas pernas                             | 33%         |
| Calçado  | 32%         |
| Roupa interior   | 12%         |
| Estetoscópios  | 1%          |
| Fraldas  | <1%         |
| Cateteres (ou seja, tubos inseridos na uretra para drenar a urina da bexiga) | < 1%        |

Adaptado de Psychology of Human Sexuality (Lehmiller, 2014)

### 2.2.2. Travestismo

O travestismo caracteriza-se por vestir-se com peças habitualmente associadas ao sexo oposto (*cross-dressing*) com um propósito: a excitação sexual (Lehmiller, 2014). As primeiras experiências de indivíduos que obtêm prazer em vestir-se do sexo oposto tendem a acontecer nos primeiros anos de vida, frequentemente antes dos 10 anos de idade (Doctor & Prince, 1997), não representando, mesmo que presente na idade adulta, necessariamente uma perturbação de travestismo (Lehmiller, 2014). Mulheres e homens podem travestir-se por entretenimento, assumindo uma proporção exagerada, semelhante a uma caricatura.

Um estudo realizado na Suécia revelou que 2,8% dos homens e 0.4% das mulheres já experimentaram pelo menos um episódio de travestismo (Langstorm & Zucker, 2005).

Muitos travestis heterossexuais mantêm esta faceta em segredo por receio da ridicularização ou rejeição por parte dos parceiros. Por outro lado, há aqueles que se aventuram em público, sendo essa exposição, para muitos, uma fonte de excitação. Para os homens heterossexuais casados, este comportamento é, regra geral, ocultado das suas esposas que, comumente associam o comportamento de *cross-dressing* à homossexualidade. Contudo há esposas que aceitam o *cross-dressing*, acabando por integrá-lo nas actividades sexuais de casal (LeVay, Baldwin & Baldwin, 2015).

Desta forma e segundo o DSM-5 (APA, 2014), o diagnóstico de perturbação de travestismo não se aplica a todos os indivíduos que se vestem como o sexo oposto, mesmo àqueles que o fazem habitualmente. Aplica-se a indivíduos cujo travestismo ou pensamentos de travestismo são sempre ou muitas vezes acompanhados de excitação sexual e que estão emocionalmente perturbados por este padrão ou sentem que este é prejudicial para o seu funcionamento social e interpessoal.

### **2.2.3 Sadomasoquismo**

O sadomasoquismo é um termo que compreende uma classe de actividades sexuais em que a excitação resulta de proporcionar ou receber dor (Lehmiller, 2014). O sadomasoquismo emergiu como uma categoria no século XIX, afirmando-se como um conceito chave na nova sexologia. Richard von Krafft-Ebing definiu o termo sadomasoquismo em 1886 na sua obra intitulada *Psychopathia Sexualis*, sendo o conceito baseado em duas personagens literárias reais, o Marquês de Sade e Leopold von Sacher-Masoch (Weeks, 2011). Na cultura popular, o termo BDSM é utilizado para descrever diversos tipos de práticas sexuais consentidas nas quais existe uma percepção de troca de poder diferenciado (implícito ou explícito) face à interacção erótica e/ou sexual e que envolve estimulação física e/ou psicológica que resulta em satisfação e prazer sexual (Meeker, 2013). O acrónimo BDSM unifica os tipos de prática envolvidos, isto é: bondage e disciplina (B/D), dominação e submissão (D/S) e, por último, sadismo e masoquismo (S/M) (Faccio, Casini, & Cipollett, 2014).

*Bondage* e disciplina concernem a práticas de restrição, nomeadamente a nível físico, mediante o recurso a vários objectos (e.g., cordas, peças de vestuário, algemas, correntes), e psicológico (e.g., disciplina, obediência, humilhação). A dominação e a

submissão envolvem, sobretudo, *role-plays* com enfoque no poder e no controlo e o sadismo e o masoquismo *per si*, as práticas associadas ao infligir e ao sentir dor (Hébert & Weaver, 2014).

Todavia, delimitar o conceito de BDSM não é simples, uma vez que é possível encontrar uma multiplicidade de definições que nos remetem para diferentes concepções do fenómeno e que incluem dominação/submissão, o *role playing*, a consensualidade, a restrição física, o uso de fantasias, a troca de poder (Weinberg, Williams & Moser, 1984 *cit in* Weinberg, 1987; Baker, 2007). Desta forma, subjacente a estas definições existe uma variedade de comportamentos sexuais que são experienciados pelos parceiros como geradores de prazer (Rye & Meaney, 2007). Nos últimos anos, alguns autores têm tentado uma definição mais ampla, não limitando o BDSM às práticas, mas estendendo-o à erotização do corpo e do potencial erótico (Thompson, 1994 *cit in* Plante, 2006) e a uma noção mais alargada enquanto estilo de vida, não se encerrando nas práticas sexuais e estendendo-o a aspectos não sexuais.

As práticas BDSM são relativamente comuns (Lehmiller, 2014) e podem ainda ser entendidas como um processo de crescimento, com lugar para a criatividade e para a conexão, onde o desejo é uma representação não daquilo que falta ou que se precisa mas antes um processo de esforço e de aperfeiçoamento contínuo (Carlstrom, 2018). Baseado na negociação cuidadosa entre os participantes (Williams, Thomas, Prior & Christensen, 2014), o conceito e a prática do consentimento é o que distingue o BDSM do abuso (Ortmann & Sprott, 2013).

Sendo o sadomasoquismo considerado uma categoria tão arbitrária como qualquer outra, o seu crescente perfil público pode ser lido como uma mudança ampla, representativa também do rompimento do vínculo entre a reprodução e a sexualidade e de uma celebração e reconhecimento da diversidade sexual como uma característica do mundo contemporâneo (Weeks, 2011). Um estudo sobre o universo do BDSM *gay* (Chaline, 2010) confirmou uma evolução ao longo do último meio século, de uma subcultura secreta para uma comunidade aberta de S/M, onde o rótulo abrange diferentes actividades eróticas e diferentes identidades. O que anteriormente era visto como transgressor ganha agora uma dimensão mais *mainstream* (Weeks, 2011).

Apesar das crescentes mudanças, o BDSM é ainda, muitas vezes, olhado como algo patológico. Cumpre, porém, ressaltar que, de acordo com o DSM-5 (APA, 2014), o

diagnóstico de perturbação de sadismo ou masoquismo sexual só tem lugar se for referido mal-estar (e.g., ansiedade, obsessões, culpa ou vergonha) acerca desses impulsos, havendo prejuízo na concretização de outros objectivos; caso contrário, estes indivíduos podem ser referidos como tendo um interesse sexual sadista/masoquista mas não uma perturbação.

#### **2.2.4 Voyeurismo**

O voyeurismo pode ser descrito como o acto de experimentar excitação sexual e fantasiar, através da visualização de pessoas, na generalidade mulheres. A prática do voyeurismo inclui a observação de pessoas que se estão a despir ou envolvidas numa actividade sexual (Långström, 2010). Por norma, os *voyeurs* realizam esta prática de forma discreta, escolhendo um local escuro, podendo ainda usar espelhos ou câmaras de telemóvel (LeVay, Baldwin & Baldwin, 2015). Considerado uma das variações do comportamento sexual mais comuns, uma parte do voyeurismo parece ser socialmente aceite, decorrente da imensa popularidade da pornografia, clubes de *striptease* e programas de televisão. O voyeurismo pode ter lugar num local público (e.g., provador de uma loja), numa casa de banho pública ou na própria casa do *voyeur* (Lehmiller, 2014). Embora seja desconhecida a origem do voyeurismo, uma potencial explicação pode ser dada através da correlação de vários factores. Desta forma, factores biológicos (e.g., níveis altos de actividade sexual) criam uma predisposição que, quando combinados com certos factores psicossociais (e.g., habilidades sociais deficitárias, ausência de um comportamento socialmente adaptado), podem precipitar o desenvolvimento de tendências voyeuristas ou de outros interesses sexuais menos comuns como é caso exibicionismo (Långström & Seto, 2006). O voyeurismo tende a ser um comportamento repetido ao longo dos anos. Esta tendência pode ser explicada à luz do condicionamento operante, onde o acto de expiar é, par ao *voyeur*, incrivelmente gratificante, levando este comportamento a ocorrer novamente no futuro (Lehmiller, 2014).

Em todo o caso, a perturbação de voyeurismo só é diagnosticada se os indivíduos referirem mal-estar ou problemas psicológicos decorrentes das suas preferências sexuais voyeurísticas. Por outro lado, e de acordo com o DSM – 5 (APA, 2014) se não existirem défices noutras áreas importantes do funcionamento devido a este interesse sexual e se as

suas histórias psiquiátricas e legais não indicarem que actuam de acordo com este interesse, podem ser referidos como tendo um interesse voyeurístico, não devendo ser diagnosticados com uma perturbação do voyeurismo.

### **2.2.5 Exibicionismo**

O exibicionismo pode ser explicado como o acto de expôr os órgãos genitais em público (Lehmiller, 2014) e de obter prazer por isso mesmo (LeVay, Baldwin & Baldwin, 2015). Sendo o exibicionismo definido comportamentalmente e não como uma preferência, os seus praticantes não se mostram mais excitados por se exporem quando comparados com outras formas de expressão sexual (Marshall & Fernandez, 2003). A par com o voyeurismo, também o exibicionismo é considerado bastante comum, de acordo com uma pesquisa realizada com estudantes universitários, em que os resultados revelaram que mais de 40% das mulheres e 12% dos homens experimentou pelo menos um episódio (Clark, Jeglic, Calkins, & Tatar, 2014). Os comportamentos de exibicionismo e voyeurismo encontram-se frequentemente sobrepostos, sendo que, por norma, um indivíduo que manifesta um destes interesses, muitas vezes manifesta o outro, razão pela qual recai a suspeita de que as suas origens sejam comuns (Lehmiller, 2014). Desta forma, e tal como já referido anteriormente para o voyeurismo, a perturbação de exibicionismo só é diagnosticada, de acordo com o DSM – 5 (APA, 2014) se o indivíduo experimentar sofrimento ou incapacidade resultante desses impulsos ou a sua história psiquiátrica e legal indicarem a sua actuação de acordo com estes impulsos.

## **2.3 Tornar-se praticante de BDSM**

A comunidade BDSM é particularmente orientada pelas regras. Os praticantes de BDSM sujeitam-se a um processo de aprendizagem, mais ou menos longo e exigente, sendo que o caminho em direcção ao aperfeiçoamento do desempenho é feito passo a passo (Weiss, 2011). Este processo de identificação e de aprendizagem abre, de acordo com a mesma autora, as portas para o autoconhecimento, autoaperfeiçoamento, para a maximização dos prazeres e das capacidades corporais, possibilitando uma organização

dos relacionamentos e intimidades de maneiras específicas. Tornar-se praticante de BDSM requer pesquisa e introspecção. Nesse sentido, tornar-se praticante BDSM é, regra geral, encarado como uma forma de crescimento e desenvolvimento individual, uma espécie de projecto que requer investimento pessoal. Tal investimento implica uma aprendizagem contínua, realizada não apenas individualmente, mas no seio de uma comunidade, com a qual é habitual estabelecer um primeiro contacto *online*, seguido de encontros face-a-face, em múltiplos espaços e eventos, onde é possível aprender e dominar a terminologia, as técnicas possíveis, num processo que é também de educação pessoal (Weiss, 2011).

Os interesses dos praticantes de BDSM divergem quanto às suas preferências em relação às práticas mas também em relação ao tipo de prazer e satisfação que procuram. Em relação às práticas, alguns são atraídos por uma gama limitada de actividades do BDSM (como o bondage), enquanto outros podem ter preferências BDSM mais amplas e flexíveis (como a humilhação verbal). Ao contrário da percepção *mainstream*, a maioria das práticas BDSM envolve pouca dor (Weiss, 2011). As práticas BDSM encerram ainda a possibilidade de interpretar diversos papéis durante as sessões. Como o papel dominador/a (ou o "dom", a pessoa que exerce controlo), o papel submisso/a ("sub", a pessoa que se submete) ou ainda alguém que exerce as duas funções dependendo da ocasião ("*switcher*"). Independentemente do papel que escolham desempenhar, a maioria dos praticantes diz envolver-se nas actividades BDSM pelo prazer emocional e não exclusivamente pelo prazer erótico (Wismeijer & van Assen, 2013). O BDSM coloca, assim, o corpo como foco central, melhorando os sentimentos de corporeidade, permitindo explorar os relacionamentos corporais com o mundo e com outras pessoas (Turley, 2016). Também a dor, ou a sua representação, assume contornos complexos no universo BDSM. No “jogo” a distinção sobre este conceito é feita pelos próprios participantes que, por analogia, associam o BDSM ou o S/M a “uma dor boa” e, por exemplo, o arrancar um dedo do pé, a uma “dor má” (Weiss, 2011).

As questões do auto-domínio referidas anteriormente, articulam-se fortemente em torno de um conjunto de regras, articuladas em torno da tríade pela qual se rege o BDSM: São, Seguro e Consensual. Este mantra (SSC) tornou-se fundamental para a organização social do BDSM, sendo a principal forma para a distinção entre as práticas seguras, agradáveis e aceitáveis e as práticas inseguras, desagradáveis e inaceitáveis (Weiss,

2011). Como forma de garantir o cumprimento das regras, várias práticas tornaram-se padronizadas, onde os imperativos são a negociação e o uso da palavra de segurança (*safe word*) (Weiss, 2011; Ortmann & Sprott, 2013; Williams, Thomas, Prior & Christensen, 2014; Carlstrom, 2018). Através da exigência e do consentimento verbal explícito e específico para cada acto sexual e da negociação, fica assegurada a existência de um consentimento informado durante todo o jogo e que os desejos e fantasias de cada jogador/a são correspondidos no decurso da cena. Durante a fase da negociação, é sugerida a divulgação sobre o estado emocional, físico ou sexual de cada praticante, devendo aqui descrever-se a preferência em relação aos jogos e às práticas, por fim, referir os limites (Weiss, 2011). A existência de regras cria a base social para que as práticas BDSM sejam compreendidas por muitos como práticas sexuais desejáveis, exigindo-se aos seus praticantes que mapeiem previamente os seus limites, tendo em conta a avaliação dos riscos, dos limites e do modo de conservar o controlo (Giddens, 1992; Weiss, 2011).

## **2.4 O que diz o DSM-5**

De acordo com o DSM-5 (APA, 2014), uma parafilia refere-se a qualquer outro interesse sexual intenso e persistente que não o interesse na estimulação genital ou carícias preliminares consentidas com parceiros humanos fenotipicamente normais e fisicamente adultos. Paralelamente, é considerada a existência de parafilias específicas, mais facilmente descritas como interesses sexuais preferenciais do que interesses sexuais intensos. As parafilias podem estar relacionadas, em primeiro lugar, às actividades eróticas do indivíduo, enquanto outras estão relacionadas com os objectos eróticos do indivíduo. A noção de parafilia pode ser sinónimo de “além do amor típico” ou “amor normal”, levantando-se pertinentemente a questão do que é normal e típico quando se fala em comportamento sexual. O comportamento sexual considerado típico e atípico pode diferir radicalmente entre culturas e sociedades, isto é, os comportamentos classificados como parafilicos podem variar em função de como cada cultura vê o sexo (Lehmiller, 2014). Ao falar de parafilias, torna-se essencial estabelecer a distinção entre parafilia e perturbação parafilica (Blanchard, 2010).

Ao longo da história, psiquiatras e psicólogos definiram parafilias como um comportamento desordenado. Contudo, o DSM – 5 (APA, 2014) documenta a distinção

que tem vindo a ser feita entre interesses sexuais menos convencionais, considerado inofensivos e aqueles vistos como altamente prejudiciais. Desta forma, uma parafilia pode ser definida simplesmente como um interesse sexual invulgar, em contraste como aquilo que se considera ser uma perturbação parafílica, onde um interesse sexual incomum é gerador de angústia para o indivíduo e/ou envolve vitimização de outros. A mesma fonte considera uma perturbação parafílica uma parafilia que, no presente, causa mal-estar ou défices no indivíduo ou uma parafilia cuja satisfação ocasionou dano pessoal ou risco de dano para o outro. Assim sendo, uma parafilia é uma condição necessária, contudo não suficiente para se ter uma perturbação parafílica, e uma parafilia, por si só, não justifica, ou requer automaticamente uma intervenção clínica.

Nos critérios de diagnóstico de cada perturbação parafílica, o Critério A especifica a natureza qualitativa da parafilia (e.g., foco em crianças ou na exposição dos genitais a estranhos) e o Critério B especifica as consequências negativas da parafilia, isto é, mal-estar, défices ou danos causados aos outros. No que respeita à distinção entre parafilias e perturbações parafílicas, o diagnóstico deve ficar reservado para indivíduos que preencham os Critérios A e B, ou seja, indivíduos que têm uma perturbação parafílica. Contudo, se o indivíduo preenche o Critério A mas não o Critério B para uma determinada parafilia, pode afirmar-se que o indivíduo tem uma parafilia, mas não uma perturbação parafílica. Para além disso, as perturbações parafílicas representam padrões persistentes de comportamento, por um período de pelo menos seis meses (APA, 2014).

### **Capítulo III – Metodologia**

#### **3.1. Desenho da Investigação**

O século XX foi para a pesquisa em ciências humanas e sociais, o século de grandes descobertas teóricas, expansão da actividade pesquisadora e de difusão dos conhecimentos (Chizzotti, 2006). Os métodos qualitativos foram usados pela primeira vez em estudos etnográficos nas primeiras décadas do século XX (Baker, Pistrang & Elliot, 2016).

A pesquisa qualitativa é essencialmente um encontro humano onde os próprios investigadores actuam como instrumento de medida. Desta forma, as crenças dos pesquisadores, os seus entendimentos e as suas compreensões sobre o tema da pesquisa irão influenciar inevitavelmente a recolha e a interpretação dos dados (Baker, Pistrang & Elliot, 2016). Segundo Gough e Madill (2012), em vez de tentar eliminar essa fonte de preconceito, muitos pesquisadores argumentaram que a subjectividade do pesquisador enriquecia o processo de pesquisa e, como tal, devem ser considerada.

Para Denzin & Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que os seus pesquisadores estudam as coisas nos seus cenários naturais, procurando entender os fenómenos de acordo com os significados que as pessoas lhes conferem. Seguindo essa linha de raciocínio, Vieira e Zouain (2005) afirmam que a pesquisa qualitativa atribui especial importância aos discursos dos actores sociais envolvidos e aos significados transmitidos por eles. Desta forma, esse tipo de pesquisa dá primazia à descrição detalhada dos fenómenos e dos elementos que o envolvem.

Considerando o interesse do construcionismo social este versa sobre como a linguagem é usada para ordenar e gerir o mundo. Por contraste aos fenomenologistas, os construcionistas não vêem a linguagem como um reflexo de pensamentos e sentimentos subjacentes ao indivíduo, em vez disso, o seu interesse vai no sentido de ver como as pessoas usam a linguagem para estruturar ou fazer coisas (Baker, Pistrang & Elliot, 2016).

Creswel (2007) destaca o facto de que, na perspectiva qualitativa, o ambiente natural é a fonte directa de dados e o pesquisador, o principal instrumento, sendo que os dados recolhidos são predominantemente descritivos. Além disso, para o autor a

preocupação com o processo é muito maior do que com o produto, ou seja, o interesse do pesquisador ao estudar um determinado fenómeno é verificar de que forma este se manifesta nas actividades, nos procedimentos e nas interacções quotidianas. Richardson (1999) acrescenta que a pesquisa qualitativa é especialmente útil em situações em que se evidencia a importância de compreender aspectos psicológicos cujos dados não podem ser recolhidos de modo completo por outros métodos, devido à complexidade que encerram (por exemplo, a compreensão de atitudes, motivações, expectativas e valores).

A matéria-prima para a pesquisa qualitativa é a linguagem comum. A linguagem pode ser obtida de várias maneiras. Através das próprias descrições do participante ou gravada durante uma entrevista qualitativa. Ou pode ainda ser o resultado da transcrição de uma conversa, como aquela entre um cliente e um terapeuta durante uma sessão de terapia (Baker, Pistrang & Elliot, 2016).

A abordagem qualitativa permite ao pesquisador abordar questões de pesquisa que não seriam tão facilmente abordadas de forma quantitativa, como a natureza das experiências individuais, possibilitando que o indivíduo seja estudado em profundidade e detalhe. A abordagem é mais flexível, permitindo ao pesquisador uma maior versatilidade não restringindo a recolha de dados a hipóteses pré-existentes. Os métodos qualitativos de autorrelato geralmente dão mais liberdade ao participante do que os métodos quantitativos estruturados. Por exemplo, o recurso a perguntas abertas dão aos entrevistados a possibilidade de responder através das suas próprias palavras, estes métodos podem usados como um recurso para “dar voz” aos participantes, especialmente àqueles que estão em desvantagem ou são socialmente excluídos e cujas experiências raramente constituem interesse para pesquisa psicológica. Os procedimentos de recolha de dados são igualmente menos restritos permitindo aos pesquisadores ter acesso a informação que inicialmente não estavam à procura (Baker, Pistrang & Elliot, 2016).

### **3.1.1. Questões de investigação e objectivos**

Considerando os aspectos acima referidos, o presente estudo tem como objectivo explorar os percursos e discursos de praticantes de BDSM, contextualizando a emergência, desenvolvimento e avaliação das suas práticas. Tendo como objectivos específicos: aferir o despertar do interesse pelas práticas BDSM; contextualizar a entrada

dos participantes nas práticas BDSM; explorar os significados atribuídos às práticas BDSM; indagar a pertinência e o significado atribuído às categorias de dominador/a e submisso/a; caracterizar a (in)existência de cuidados associados à prática BDSM e tipificar os receios inerentes à prática BDSM.

### **3.1.2. Participantes**

O presente estudo empírico contou com a participação de um total de 13 participantes adultos, 12 do sexo masculino e um do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 24 e os 63 anos. Como critérios de inclusão considerou-se: i) o ser maior de idade; ii) de nacionalidade portuguesa; e iii) ser ou ter sido praticante de BDSM. Como critérios de exclusão foram previstos: i) a menoridade; e ii) não ser nem ter sido praticante de qualquer modalidade BDSM.

Quanto ao estado civil e tal como é possível verificar na tabela 5, quatro participantes são solteiros, quatro são casados, três separados/divorciados e um vive em união de facto. No que concerne à formação académica, a maioria dos participantes concluiu o ensino superior ( $n = 10$ ). Dos restantes três, um concluiu o 2.º ciclo do ensino básico e dois participantes concluíram o 3.º ciclo do ensino básico. No que diz respeito à informação decorrente da situação profissional, todos os participantes de encontram empregados. A tabela abaixo traduz a caracterização sociodemográfica dos participantes, identificando-os ficticiamente, em função do papel, sexo, idade, estado civil, sexo, escolaridade e profissão.

**Tabela 5.** *Caracterização sociodemográfica dos participantes*

| Ent.      | Papel | Sexo      | Idade | Estado Civil   | Escolaridade | Profissão              |
|-----------|-------|-----------|-------|----------------|--------------|------------------------|
| Vasco     | SUB   | Masculino | 39    | Solteiro       | 3.º Ciclo    | Técnico de Manutenção  |
| Gustavo   | SUB   | Masculino | 36    | Solteiro       | 3.º Ciclo    | Apoio ao Cliente       |
| Francisco | SWT   | Masculino | 31    | Solteiro       | Licenciatura | <i>Chef</i> de Cozinha |
| André     | DOM   | Masculino | 45    | Separado       | 2.º Ciclo    | Bombeiro               |
| Miguel    | SUB   | Masculino | 24    | Solteiro       | Licenciatura | Assistente de Loja     |
| Alfredo   | DOM   | Masculino | 52    | Separado       | Licenciatura | Hoteleiro              |
| Maria     | SUB   | Feminino  | 51    | Separada       | Licenciatura | Enfermeira             |
| Joaquim   | SUB   | Masculino | 56    | Casado         | Licenciatura | Advogado               |
| Filipe    | SWT   | Masculino | 54    | Casado         | Licenciatura | Advogado               |
| Dinis     | SUB   | Masculino | 57    | Casado         | Licenciatura | Informático            |
| Artur     | SUB   | Masculino | 63    | Separado       | Licenciatura | Engenheiro             |
| António   | DOM   | Masculino | 34    | Casado         | Licenciatura | Contabilista           |
| Rodrigo   | SUB   | Masculino | 36    | União de Facto | Licenciatura | Comercial              |

### 3.1.3 Instrumentos

A investigação realizada combina os seguintes materiais: questionário sociodemográfico (Anexo A), e guião de entrevista criado para o efeito pela investigadora e respectivo orientador (Anexo B).

O questionário foi pensado de modo a recolher informação sobre o papel com o qual o/a participante mais se identifica (e.g., dominador/a, submisso/a, *switcher*), o sexo, a idade, o estado civil, a escolaridade, a profissão e a situação profissional.

O guião de entrevista foi pensado para ser aplicado na forma semiestruturada, sendo composto por seis perguntas de partida, abertas e exploratórias, e que serviram de mote para a construção de uma conversa entre a entrevistadora e cada participante em torno dos objectivos do estudo.

### 3.1.4 Procedimentos

Dos procedimentos constam a revisão da literatura sobre a temática e a construção dos instrumentos de recolha da informação empírica. O estudo foi submetido à Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa e, uma vez obtido o parecer favorável (Anexo C) foram iniciados os contactos com os participantes, designadamente através do ciberespaço, concretamente a partir de fóruns e *sites* da comunidade BDSM. Sendo a comunidade BDSM um grupo de difícil acesso, a *internet* revelou-se o meio com maior viabilidade para a recolha de dados, pois é o meio preferencialmente utilizado pela comunidade. Deste modo, procedeu-se a uma pesquisa de *sites*, fóruns e grupos temáticos dedicados às práticas BDSM.

Passando agora a explicar os procedimentos de recrutamento e selecção dos participantes, importa dizer que os mesmos foram recrutados *online*. Para o feito, foi criado um endereço electrónico especificamente para o contexto da entrevista. Após ter sido efectuado o registo da investigadora em dois *sites* (<https://www.classificadosx.net/pt> e <http://www.adultosclassificados.com>) foi introduzido, em cada um deles, um anúncio com o seguinte texto:

“O meu nome é Filipa Macedo, tenho 33 anos e encontro-me a realizar uma investigação sobre *BDSM*, cujo objectivo consiste em explorar os percursos e os discursos de praticantes em torno da emergência e significados atribuídos às suas práticas. Gostaria de perguntar se se encontra alguém disponível para conversar comigo sobre esta temática, em condições que poderei explicar em privado e de forma mais detalhada. Muito obrigada”.

Foram inúmeros os contactos que recebidos, via *email*, com manifestações de interesse em participar no estudo e obter uma informação mais pormenorizada sobre os objectivos da investigação. O facto do estudo se posicionar numa visão não patologizante das práticas BDSM revelou-se crucial para a não declinação da participação. Desconstruir a imagem patologizante das práticas BDSM associada, por vezes, à psicologia clínica revelou-se fundamental para a diminuição de uma possível desconfiança dos potenciais participantes e, dessa forma, iniciar a construção de uma relação empática, criando espaço para o desenvolvimento de entrevistas despidas de preconceitos. Com o decorrer da investigação revelou-se necessário encontrar um limite temporal para a recolha de entrevistas, uma vez que foram muitos os pedidos recebidos por correio electrónico para

participar no estudo. De salientar a amabilidade e a generosidade de todos os participantes que tão prontamente se disponibilizaram a contribuir com o seu testemunho.

Atendendo a que os dados foram recolhidos mediante a entrevista *online*, foi disponibilizada a todos os participantes uma Declaração de Assentimento na Participação (Anexo D), a qual apresenta o estudo e os seus objectivos, bem com as respectivas condições de participação. Nessa Declaração consta ainda o endereço electrónico da investigadora, exclusivamente criado para a presente investigação, para o qual os participantes poderiam enviar quaisquer dúvidas ou pedidos de esclarecimento. A mesma Declaração sugeria aos potenciais participantes a criação de um endereço electrónico reservado à sua participação, de modo que os mesmos pudessem ver garantido o total respeito pela sua identidade e confidencialidade dos seus dados.

Após a devolução da Declaração de Assentimento na Participação, procedeu-se à administração do questionário sociodemográfico e, de seguida, à condução da entrevista semiestruturada. As entrevistas foram realizadas *online*, tendo sido dada aos participantes a possibilidade de a mesma ser realizada com ou sem imagem, de acordo com a manifestação de vontade dos mesmos. Todas as entrevistas foram realizadas sem imagem e em formato escrito e tiveram, em média, uma durabilidade de sete horas, repartidas por vários dias. Foi ainda recomendado aos participantes a adopção de um *nickname* (nome fictício) a utilizar durante a entrevista, de modo a ocultar a identidade de cada um/a. Uma vez finalizada a entrevista, a investigadora reiterou os seus agradecimentos, colocando a possibilidade de um eventual contacto posterior para algum esclarecimento entendido como conveniente.

Recolhida a informação empírica, numa primeira etapa, foi efectuada uma leitura flutuante dos dados em bruto, o *corpus* de análise, constituindo-se este, o primeiro contacto com material recolhido. Finda a fase da leitura inicial, procedeu-se a leituras mais profundas e precisas com o intuito reduzir os dados tendo em conta os objectivos previamente definidos, a fim de descrever e discutir os mesmos.

### **3.2 Pressupostos de análise de dados: Análise temática**

#### **3.2.1 Análise temática: definições, padrões e paradigmas**

A análise temática é um método que permite identificar e analisar padrões de dados qualitativos (Braun & Clarke, 2013). Sendo as abordagens qualitativas altamente diversas, complexas e diferenciadas (Holloway & Todres, 2003), a análise temática deve ser vista como um método fundamental para a análise qualitativa. Este método é utilizado para identificar, analisar e relatar padrões (temas) nos dados, privilegiando a compreensão dos significados explícitos e implícitos associados a dados textuais (Braun & Clarke, 2006, 2013). Segundo Braun e Clarke (2006, 2013), no que concerne à análise temática, há a adopção de um conjunto de conceitos que se pretendem centrais a toda a análise, sendo eles: o tema, o subtema, o código, o organizador central e o mapa temático. O tema captura algo importante sobre os dados em relação à questão de pesquisa e possibilita aceder a padrões comuns ao longo do conjunto de dados, considerados pertinentes, para as questões de partida da investigação, sendo dependentes da relevância do que se pretende investigar. Dos temas fazem parte os subtemas e os códigos. O subtema, não tendo necessariamente que existir, é uma subdivisão que capta um elemento específico considerado importante de um tema. Os códigos são considerados unidades menores de análise, que identificam uma característica específica de um segmento de dados. É uma concepção resumida das unidades de registo de análise. O organizador central da análise é uma ideia principal à qual se agrupam os dados e se estabelecem as relações entre os temas. A ideia possibilita dar resposta a todas as questões de investigação, bem como relacionar todos os temas na análise. O mapa temático é a representação gráfica que fornece informação sobre a conceptualização dos padrões de dados e das relações entre eles, de uma forma generalizada.

Um dos benefícios da análise temática é a sua flexibilidade, podendo esta técnica de análise de dados ser utilizada independentemente do quadro teórico, das questões da investigação, dos métodos de recolha de dados e do número de participantes. Os temas e padrões podem ser identificados na análise temática de duas formas: de uma forma indutiva ou dedutiva. Por vezes, tal como referem Braun e Clarke (2006, 2013), podem igualmente surgir as possibilidades mistas, isto é, há uma conciliação entre as abordagens indutivas e dedutivas. Outra questão, prende-se com a identificação dos temas, podendo

estes ser identificados num nível mais semântico ou num nível mais latente. Desta forma, considerando uma abordagem semântica, os temas são identificados dentro dos significados explícitos ou superficiais dos dados e o/a investigador/a não está à procura de nada além do que o participante disse ou do que foi escrito. Em contraste, uma análise temática mais latente vai além do conteúdo semântico dos dados, identificando e examinando ideias, suposições e conceitos subjacentes.

A análise temática pode ainda ser conduzida com base em paradigmas essencialistas ou construcionistas (Braun & Clarke, 2006, 2013). O presente estudo orienta-se pelo paradigma construcionista na análise temática dos dados. A análise foi essencialmente dedutiva (teórica), uma vez que a pesquisa literária sobre o tema informou a prática. O recurso à forma indutiva possibilitou um problematizar os dados recolhidos de modo permeável às suas nuances, dando-lhes visibilidade através da nomeação dos temas. Relativamente aos temas, estes foram mais semânticos, numa fase inicial, e numa fase posterior, mais latentes. O discurso dos participantes, o conhecimento sobre o enquadramento teórico e o contacto privilegiado alcançado no contexto da entrevista possibilitaram a identificação de temas mais latentes.

### **3.2.2 Fases**

Paralelamente aos conceitos e paradigmas subjacentes ao processo de análise temática, Braun e Clarke (2013) definiram um conjunto de fases ou etapas a seguir na orientação do processo de análise. Segundo as autoras, este modelo não deve ser visto de forma linear, não se podendo avançar para a próxima fase sem completar a fase anterior, em vez disso, a análise é um processo recursivo. Esta análise temática considerou a proposta de Braun e Clarke (2006, 2013), nomeadamente os seis passos que esta técnica prevê: 1) familiarização com os dados; 2) início da codificação; 3) procura de temas; 4) revisão dos temas; 5) definição e nomeação dos temas; produção do relatório.

A familiarização com os dados constitui-se como a primeira fase da análise temática. É uma fase comum a todas as formas de análise qualitativa, onde o/a pesquisador/a deve mergulhar e tornar-se intimamente familiarizado com os dados, fazendo anotações de quaisquer observações analíticas iniciais. A segunda fase, a fase da codificação, é igualmente um elemento comum de muitas abordagens qualitativas. Esta

envolve a geração de dados concisos, não sendo a codificação simplesmente um método de redução de dados, mas antes um método analítico, onde, através dos códigos, é capturada uma leitura semântica e conceptual dos dados. O/A pesquisador/a codifica cada item de dados e termina essa fase agrupando todos os códigos e extractos de dados relevantes.

A procura de temas é a terceira fase da análise temática. Um tema é um padrão coerente e significativo, relevante para a questão da pesquisa. A procura do tema é um processo activo, os temas não estão escondidos nos dados à espera de ser descobertos pelo/a investigador/a; em vez disso, o/a investigador/a constrói os temas, encerrando essa fase com o conjunto de todos os dados codificados relevantes para cada tema. A quarta fase corresponde à revisão dos temas. Aqui, o/a investigador/a deve reflectir se os temas contam uma história convincente sobre os dados e começar a definir a natureza individual de cada tema e a relação entre os temas. Pode, por vezes, ser necessário recolher dois ou mais temas juntos ou dividir um tema em dois ou mais ou descartar completamente os temas candidatos e recomeçar o processo de desenvolvimento de temas.

A definição e nomeação dos temas é uma fase que requer que o investigador conduza e escreva a análise de cada tema (o investigador deve perguntar “que história conta este tema?” e “como este tema se encaixa na história geral?”), identificando a essência de cada tema e construindo um nome conciso, forte e informativo para cada tema. A última fase da análise temática corresponde à produção do relatório. A narrativa analítica aliada aos dados extraídos permitem contar ao leitor uma história coerente e persuasiva sobre os dados, e contextualizá-la em relação à leitura existente. A concretização destes passos permitiu obter os resultados que serão apresentados e discutidos a seguir. Antecede à apresentação e discussão dos resultados, com o intuito de facilitar a leitura, a representação do itinerário das entrevistas *online*, organizadas em três eixos, sendo estes o reflexo dos três temas que emergiram da leitura do nosso *corpus* de análise, a saber: i) Entre o despertar e a consolidação do interesse pelo universo BDSM; ii) Contactos, encontros e (des)continuidades e, iii) Vivências eróticas e sexuais (des)vendadas.

## **Capítulo IV – Análise e Discussão dos Resultados**



## **4.1 Entre o despertar e a consolidação do interesse pelo universo *BDSM***

Os resultados apurados no tema *Entre o despertar e a consolidação do interesse pelo universo BDSM* sugerem de acordo com o expectável, uma diversidade de estímulos, motivações, experiências e percursos.

### **4.1.1 O despertar**

De uma forma geral, a origem do interesse pelo universo BDSM foi associada a uma espécie de natureza individual, à curiosidade e à vontade de quebrar a rotina sexual.

#### **4.1.1.1 Factores de natureza individual**

No que se refere à natureza individual, os próximos entrevistados, André, dominador, 45 anos, e Rodrigo, submisso, 36 anos, referem, respectivamente:

Tudo isto já estava no meu ser, na minha imaginação e forma de estar. Sempre gostei de me sentir por cima, de ser dominante, e nunca aceitei o contrário. Não sou um homem violento nem gosto de BDSM por esse aspecto, mas sim pelo domínio, pela humilhação (claro que gosto de humilhar quem gosta de ser humilhado/a e não tolero que o façam fora destes jogos) e pelo prazer físico e psicológico que isso me dá (André, dominador, 45 anos).

Nunca procurei nada sobre o assunto. Diria que foi mesmo de forma natural, um chamamento. De certa forma, acredito que uns nascem para tal e outros não. Nasci para o que sou, nasci para servir uma dominadora, para ser submisso, para ser cão. Naturalmente, acabei por descobrir esse mundo. Foi tudo mais claro quando conheci a primeira dominadora, aí também aprendi muito mais sobre o assunto e comecei a entender tudo um pouco mais. De certa forma, o BDSM veio ter comigo porque tinha de ser, fui feito para tal, é assim que interpreto (Rodrigo, submisso, 36 anos).

#### **4.1.1.2 A curiosidade**

A concretização O despertar do interesse pelo universo BDSM foi também associado, por todos os participantes entrevistados, à curiosidade, aguçada pela navegação de *sites* temáticos, a literatura erótica e/ou pornográfica e a pornografia *online*.

Miguel, submisso, 24 anos, associa o despertar do seu interesse nesta área da sua vida à literatura e alguns filmes eróticos e pornográficos.

O meu interesse sobre o BDSM começou a existir na altura do lançamento do primeiro livro das 50 sombras de *Grey*. Depois disso comecei a ler outros livros eróticos: *A Vénus das Peles*, *120*

*dias de Sodoma e A Dominadora*. Também nessa altura comecei a pesquisar e a querer saber mais sobre o assunto, registei-me no *Fetlife*<sup>1</sup> (Miguel, submisso, 24 anos).

António, dominador, 34 anos conta que o seu interesse surgiu de forma casual, através de um *site* com vídeos pornográficos.

Em 2000/2001, estava a passar as categorias em vista e não sabia o que era; cliquei e achei muito estranho, mas ao mesmo tempo intrigante e fui pesquisar mais sobre o tema. Foi meramente casual, identifiquei-me muito com algumas práticas (António, dominador, 34 anos).

Os discursos dos próximos participantes permitiram-nos perceber que o interesse pelo BDSM surge associado à curiosidade mas também à existência de alguns fetiches. Gustavo, submisso, 36 anos, refere que o seu envolvimento nas práticas BDSM aconteceu não só pela curiosidade mas também pelos seus fetiches, designadamente os pés de uma mulher.

Sempre fui muito apaixonado em relação ao sexo e desde logo sempre tive curiosidade para ir experimentar coisas diferentes. Tudo o que se possa descrever como Fetiches; claro que apenas exploro fetiches que me causem interesse. Penso que o primeiro fetiche foi adorar os pés de uma mulher (Gustavo, submisso, 36 anos).

Do mesmo modo, também para Dinis, submisso, 57 anos, o fetiche pelos pés e chinelas ditou o seu despertar para o BDSM.

Para mim começou tudo com "simples" fetiche. A atracção começou por ser pés e chinelas. Deve ter tido a ver com alguma "cena" com a empregada da minha mãe ou com uma da minha tia, onde eu passava algum tempo. Lembro-me de eu ser muito pequeno e a empregada da altura da minha tia andar comigo na cozinha, agarrado atrás dela com os meus pés enfiados entra os seus calcanhares e as chinelas. Era "apenas" uma inocente brincadeira. Em relação a uma empregada da minha mãe, que andava sempre de chinelas em casa, eu adorava cheirá-las e lambê-las quando ela ia à rua. E depois calçá-las. A associação à expressão BDSM só por volta dos 18 anos quando comprei o meu primeiro número da revista americana "*Variations*", que deixava "preto no branco". Todos os "bois" eram chamados pelos nomes. Mas a percepção de que a coisa era mais complicada e mais intensa surgiu quando li (às escondidas) "*Vénus das peles*" aos... 16 (Dinis, submisso, 57 anos).

A curiosidade surge ainda, no discurso de outros participantes, associada à fantasia ou despoletada por um episódio sexual invulgar, tal como nos relatam Maria, submissa, 51 anos, e Filipe, *switcher*, 54 anos.

---

<sup>1</sup> De acordo com a informação na página oficial (<https://fetlife.com>), consultada a 13 de Julho de 2018, trata-se de uma rede social destinada à comunidade BDSM, Fetichista e *Kinky*, com 6, 897,858 Milhões de membros registados.

O meu interesse pela prática BDSM surgiu recentemente, talvez estivesse latente. Deveu-se ao facto inicial por "um mundo diferente" do sexo, curiosidade, descobrir sensação de prazer através da dor, humilhação. BDSM era algo que acontecia só em filmes (Maria, submissa, 51 anos).

Através de uma amiga que em determinada altura do acto sexual me solicitou que a amarrasse à cama. Foi, na altura, invulgar mas excitante, daí para a frente foi uma busca num campo desconhecido (Filipe, *switcher*, 54 anos).

#### 4.1.1.3 O quebrar da rotina

Por fim, a vontade de quebrar a rotina foi também invocada para explicar o despertar do interesse pelo universo BDSM.

Teve a ver um pouco como a maioria dos casos onde a curiosidade da natureza humana se faz sentir com mais força a partir de determinada idade, o ir lendo tomando conhecimento desse mundo ajuda depois no desenvolvimento. Começa devido a alguma rotina na nossa vida sexual, o ouvir falar de determinado assunto, que desperta a tal curiosidade inicial, depois o aprofundar desse assunto o tentar perceber como funciona esse meio, o que move as pessoas que por ele se movimentam, depois sendo mesmo curioso vai despertar em determinada altura a vontade de experimentar um dos lados para perceber como é de facto. Depois ou se fica por ali e foi uma experiência única ou se percebeu que esse pode ser um novo caminho (Alfredo, dominador, 52 anos).

Bem, o que me despertou para essa prática foi o sair da rotina nas relações sexuais (Vasco, submisso, 39 anos).

#### 4.1.2 A consolidação

A maioria dos participantes relata que a consolidação do seu interesse pelo universo BDSM ocorreu já na idade adulta, mais especificamente entre os 21 e os 48 anos.

Tinha acabado uma relação. Ia trabalhar para um restaurante estrangeiro muito premiado. Na altura conheci uma prostituta em Lisboa com quem mais tarde desenvolvi uma relação de amizade. Foi com ela que tomei coragem e comecei a procurar novas experiências no campo da sexualidade. As primeiras relações bis, humilhações e enrabadelas foi ela que mas fez ou introduziu (Francisco, *switcher*, 31 anos).

Depois o aprofundar desse assunto, o tentar perceber como funciona esse meio, o que move as pessoas que por ele se movimentam, depois sendo mesmo curioso vai despertar em determinada altura a vontade de experimentar um dos lados para perceber como é de facto, depois ou se fica por ali e foi uma experiência única ou se percebeu que esse pode ser um novo caminho (Alfredo, dominador, 52 anos).

Eu considero-me uma pessoa de “mente aberta” apesar de a nossa sociedade não estar preparada para determinadas situações relacionadas com sexo, muito menos falar delas. Encontrei uma pessoa que partilha dos mesmos interesses que eu, curiosidade nessa área, lemos artigos, falamos abertamente das situações e, a minha curiosidade que estava “latente” despertou e quis

experimentar algumas práticas nessa área, assumindo o papel de submissa (Maria, submissa, 51 anos).

Tive essa experiência pela primeira vez aos 40 anos e fiquei completamente perturbado. Desde então classifico as mulheres entre “Donas” potenciais e amigas (Joaquim, submisso, 56 anos).

Foi mesmo graças a essa pessoa em si, essa dominadora que em conversa se abriu comigo, se revelou. Já nos conhecíamos há algum tempo e simplesmente me disse o que era e que me identificava como submisso, que tinha a certeza que eu era submisso pelo que ela sentia e analisava e que até me testava para confirmar ou não. Os próximos dias continuamos a falar do assunto, a explicar-me e passado poucos dias, fez-me o que ela chamou de teste, perguntou-me se me submetia a testar-me, explicou-me bem que era mesmo dominadora por natureza com prazer em mandar, ser dominadora (Rodrigo, submisso, 36 anos).

A par dos participantes anteriores, António, dominador, 34 anos também consolidou o seu interesse já na idade adulta

Iniciou-se efectivamente quando comecei a trabalhar, em 2007, tive um maior poder financeiro, deste modo pude alugar quartos em hotéis e pensões para satisfazer este prazer (António, dominador, 34 anos).

Não obstante, em dois outros casos, os participantes relatam a existência de interesses, fantasias e pensamentos que só posteriormente associaram ao BDSM:

Estou a falar de tempos ainda de pré adolescente, tipo 10 ou 12 anos e daí por diante. Nessa altura já fantasiava com este tipo de coisas. Naquela altura imaginava-me a dominar, humilhar e a castigar principalmente jovens e adolescentes como eu, jovens submissos e submissas. Não conhecia nem sabia que existiam os mais diversos fetiches, mas curiosamente alguns deles já viviam na minha imaginação. Depois desse despertar, a idade foi passando, tornei-me adulto, tive acesso a mais informação, acesso a pessoas que gostam também e tudo foi evoluindo de forma natural (André, dominador, 45 anos).

Dinis, submisso, 57 anos relata-nos como se foi formando o seu alter-ego de seu nome, Helena:

Uma criança de 12 anos (há 45!) não fazia a mínima ideia do que poderia ser um tal de BDSM. As "etiquetas" para cada coisa só aparecem mais tarde. O submisso dos pés começou a sentir prazer em calçar essas chinelas tão femininas. E depois vieram os saltos altos e as maquilhagens. E esse pobre rapaz descobriu um mundo fantástico a transformar-se na rapariga autoritária e cruel que adorava ter conhecido mas sempre existiu apenas na sua cabeça. E vieram revistas e correspondências com clubes Suíços, e roupas algemas, cabeleiras e chicotes. E mais de uma centena de pares para os pés. Este *email* que estamos a usar não é "altiva" [referindo-se ao nome do endereço electrónico] inocentemente. A Helena foi-se formando a pouco e pouco. De início eram só as sandálias e a maquilhagem da minha mãe. Depois deixaram de servir. Aos 18 anos comecei a comprar calçado próprio para a Helena. Eu sonhava com uma mulher avassaladoramente elegante, caprichosa e autoritária. Era a minha “*Wanda Masoch*”<sup>2</sup> mas com

---

<sup>2</sup> Personagem principal da obra mais conhecida de Leopold von Sacher-Masoch, “*A Vénus das Peles*”.

características que verdadeiramente me encantavam, que me enfeitiçavam e que percebi rapidamente nunca ir encontrar. Então aos poucos fui-me tornando nela. Acabei por personificar aquela mulher que desejava desesperadamente ter conhecido. E senti-me bem, protegido, seguro. A Helena foi durante décadas o meu porto seguro. Sinto isso tudo nela, não sou eu, o Dinis, eu sou só um pobre diabo, que teve uma qualquer experiência na infância com pés e chinelas. É a Helena, é outra pessoa, outra coisa, afasto-me dela e somos duas entidades distintas. No papel de Helena sinto menos problemas. A Helena não resolve mas apazigua (Dinis, submisso, 57 anos).

#### **4.1.2.1 Um processo de aprendizagem**

A consolidação do interesse pelo universo BDSM surge no relato dos participantes como implicando um processo de aprendizagem e, simultaneamente, um outro de identificação. Para André, 45 anos, tornar-se dominador resulta de um processo contínuo e diversificado de aprendizagem.

Quando me divorciei, um dos pontos positivos que vi nisso (e, claro, uma das formas de me ajudar a ultrapassar essa fase complicada) foi poder finalmente entrar neste mundo sem qualquer entrave. Claro que não foi fácil. Conheci *sites* relacionados, comecei a falar com pessoas do meio, quase sempre submissos e submissas (quase nunca outros dominadores) estive durante meses a adaptar-me à minha condição de Dominador, até conhecer o primeiro submisso disposto a algo real comigo. Claro que é um pouco assustador, um iniciante ter as suas primeiras sessões, mas lá consegui. Desde aí, tenho aprendido e evoluído bastante. Considero-me e sou considerado no meio como um Dominador experiente. Passei de um fervoroso admirador das práticas BDSM a um Dominador. Claro que é preciso preparação em todos os aspectos, desde alterar o “*chip*” dentro da nossa cabeça de que passamos a ser alguém diferente, comprar material, criar perfis em *sites*, ler muito, ver muitos vídeos, aprender com mestres estrangeiros, contactar submissos/as. Sou também um dominador que se sente realizado quando sente que os/as subs ficam realizados também como o que lhes proporciono (André, dominador, 45 anos).

#### **4.1.2.2 Um processo de identificação**

A identificação com os diferentes papéis (dominador, submisso e *switcher*) surge como determinante para a posição que cada um dos participantes irá ocupar.

##### **4.1.2.2.1 Como dominador**

O facto de ter frequentado uma festa, não de carácter exclusivo BDSM, foi o gatilho para perceber que queria ser Dominador. Alfredo, dominador, 52 anos, descreve essa experiência como:

Intensa, libertadora, de forma que no final da noite tinha percebido que era Dominador que queria ser. Essa festa foi o rastilho, a certeza desse papel foi mais tarde numa sessão com uma amiga que também pretendia experimentar algo do género, mas como submissa. Nessas festas o ambiente respira sexo, sensualidade e somos envolvidos nele, como disse a festa não era de temática

exclusivamente BDSM, mas ocorreram algumas práticas e um dos organizadores da festa a determinada altura convida-me para castigar uma submissa, como uma forma de a debutar e do receio inicial, nervosismos, acabei por perceber que se calhar era “aquilo” que gostava de ser... Dom (Alfredo, dominador, 52 anos).

Já para António, dominador, 34 anos, a dominação remete para um exercício de liberdade mas sem negligenciar a responsabilidade.

Para mim é algo que uso para satisfazer os meus desejos e necessidades sem contestação, obviamente respeitando os limites previamente impostos, poder levar a sessão aos limites, a parceira, sem cair num machismo fácil, usar a mente e o corpo da parceira a meu bel-prazer. Ter uma parceira à mercê dos meus prazeres e caprichos é altamente viciante, ouvir uma nalgada bem dada estando ela presa de quatro com os pulsos presos aos tornozelos e com uma cinta por baixo do colchão, sem se poder mover é algo que me dá muita tusa (peço desculpa pela linguagem e pela imagem que lhe deixei) (António, dominador, 34 anos).

#### **4.1.2.2.2 Como submisso**

Para outros participantes ser submisso significa uma entrega ao outro. A este propósito, Miguel, submisso, 24 anos, sublinha que a palavra de ordem na submissão é a entrega.

O que me fascinou desde cedo foi a submissão e a entrega a outra pessoa. O que procurava quando entrei para a Comunidade era conhecer pessoas e explorar a minha submissão, entregando-me a outra pessoa. Porque tudo aquilo me fascinou, em especial a entrega a outra pessoa e também toda a envolvimento “cerimonial” do BDSM que é muito interessante (Miguel, submisso, 24 anos).

Por sua vez, Rodrigo, submisso, 36 anos, explica que o seu objectivo é agradar.

Entendo a submissão como [o acto de] admirar uma dominadora, prestar-lhe serviço, submeter-me aos caprichos e desejos dela, capaz de me submeter a tudo por ela, capaz de provar que somos capazes de passar por várias situações simplesmente para agrado dela ou para lhe provar servidão e respeito, capaz de ser humilhado para seu puro prazer ou como prova de fidelidade (Rodrigo, submisso, 36 anos).

Maria, submissa, 51 anos, por seu lado, descreve a submissão como uma forma de prazer.

A submissão é um acto que alguém se sujeita a outrem que tem domínio sobre ela, fazendo o que o outro pretende a seu proveito e a Sub obtém prazer através dessa submissão (Maria, submissa, 51 anos).

O carácter introvertido de Joaquim, submisso, 56 anos, aliado à sua atracção por mulheres de personalidade dominante, parece ter, de acordo com as suas palavras, determinado o seu papel enquanto submisso.

Sou bastante tímido. Sempre me senti atraído por mulheres com uma personalidade dominante, perante as quais me sentia intimidado. Acho que isso transparecia no meu comportamento. Foi uma questão de oportunidade, deparar com a primeira Senhora que “adivinhou” a minha personalidade “submissa” e senti gozo em aproveitar-se dela para satisfazer os seus “caprichos”. Tenho para mim que, na generalidade das espécies animais, o macho submete-se à fêmea. Como exemplo posso referir o zangão que é usado pela abelha-mestra para a fecunda depois eliminado. Ou basta ver o comportamento de um cão a cortejar uma cadela com cio: é o retrato perfeito de um submisso que aceita todos os vexames para que apenas lhe seja concedido cheirar e/ou lambar as partes íntimas da fêmea. E não é invulgar ver uma cadela simular copular um macho. O desejo/prazer da submissão do macho à vontade e capricho da fêmea está pois muito presente na natureza. Sinto uma emoção irreprimível se uma fêmea sensual me escolhe como objecto do seu poder e afirmação da sua superioridade. A vontade de praticar a inversão de papéis - a chamada "simulação masculina", escolhendo-me para sua "vítima", constitui o expoente máximo da minha realização como submisso. Realmente, não pode haver acto de maior humilhação do que uma mulher assumir o papel de macho e forçar este a aceitar ser a fêmea. Não sinto especial prazer físico nesse acto mas o prazer psicológico é espantoso, sobretudo se for acompanhado de ajustada humilhação verbal (Joaquim, submisso, 56 anos).

Dinis, submisso, 57 anos, vê a submissão como algo exclusivo ao sexo masculino, subvertendo, aparentemente, os tradicionais papéis de género.

Um homem jamais poderá ser dominador. Como homem ajoelharia a seus pés e beijá-los-ia subserviente. O homem é demasiado rude, desajeitado, trapalhão para poder dominar. Só a elegância e a voluptuosidade de uma mulher pode fazê-lo. Mas isto é a minha opinião. O meu sentir. Vale o que vale. A submissão é o prazer da entrega. Vai muito para lá dos estereótipos BDSM, dos cabedais, cruces, algemas, chicotes e chibatas. Há muitos anos uma colega disse-me que a zona mais erógena do nosso corpo não estava no meio das pernas, estava no meio das orelhas. Demorei algum tempo a digerir, mas concordo plenamente (Dinis, submisso, 57 anos).

Da mesma forma, Artur, submisso, 63 anos, considera a submissão como uma sujeição às demandas do sexo oposto.

Entendo por submissão uma forma de me submeter às ordens de uma ou mais mulheres e fazer o que elas entendem! Sinto-me bem comigo mesmo de estar a ser comandado, cumprindo todas as suas ordens, nomeadamente no campo sexual. Digamos como um cão que cumpre as ordens da dona (Artur, submisso, 63 anos).

#### 4.1.2.2.3 Como *switcher*

Em relação ao tornar-se *switcher*, apenas dois participantes abordaram o facto de a sua posição ser mais dinâmica e dependente dos contextos. Para Francisco, *switcher*, 31

anos, alternar entre o papel de dominador e o papel de submisso é algo dependente do momento e estado de espírito.

Eu gosto de ser submisso e dominador. Depende da situação. Mas maioritariamente submisso. E o que gosto de viver é um reflexo do que gosto de fazer a outras mulheres. Mas sinto gosto em sofrer. Dominador quando me quero vingar, castigar. Submisso quando não quero tomar decisões, estar à mercê de alguém (Francisco, *switcher*, 31 anos).

Para Filipe, *switcher*, 54 anos, tanto a submissão como a dominação assumem a mesma finalidade, o prazer sexual.

Comecei por procurar uma relação como dominador, com parceiras submissas e que se fossem sujeitando a práticas mais duras, quer em termos de restrições de mobilidade durante o acto sexual, que aceitassem castigos físicos mais intensos, como preliminares do acto sexual. Depois inverti a situação e deixei-me submeter a práticas semelhantes mas com menor intensidade. Até que actualmente me encontro numa posição de *switcher*, em que o domínio se alterna, tendo sempre como fim o prazer sexual. Dominação é a capacidade de determinar um comportamento alheio. Submissão é a sujeição a uma vontade alheia (Filipe, *switcher*, 54 anos).

#### **4.1.2.3 Receios, cuidados, regras e limites**

Relativamente às práticas no universo BDSM, tentámos perceber quais os receios e os cuidados inerentes e como são negociadas as regras e os limites na dinâmica relacional de exercício de poder. Miguel, submisso, 24 anos, refere como principal receio a passagem do cenário *online* para o presencial.

Especialmente quando se avança para encontros, para conhecer a pessoa que se conheceu *online*, existem sempre alguns riscos associados (Miguel, submisso, 24 anos).

Já para Joaquim, submisso, 56 anos, o receio reside no risco de contracção de infecções e doenças.

Se as relações forem promíscuas (com multiplicidade de parceiros, por exemplo) os riscos idênticos a outros relacionamentos sexuais (SIDA, doenças venéreas, etc) (Joaquim, submisso, 56 anos).

Ser visto por alguém conhecido, para ser o principal receio para Artur, submisso, 63 anos.

Apenas o receio de ser visto por pessoas conhecidas que nada sabem (Artur, submisso, 63 anos).

Os receios de António, dominador, 34 anos, residem na avaliação negativa por parte dos outros aliada à falta de compreensão e ao julgamento que adviria caso fosse descoberto.

Tenho muito receio em relação ao que os outros possam pensar, quer no trabalho, quer no seio familiar e de amigos. A falta de compreensão para com esta prática, os julgamentos que daí advêm e consequente afastamento social e ficar com rótulo de tarado, equiparar esta prática a violadores (António, dominador, 34 anos).

Contrariamente à maioria dos participantes, Filipe, *switcher*, 54 anos, não reconhece a existência de receios inerentes a estas práticas, considerando o controlo que exerce durante o processo.

Não existem receios. Não existe nenhuma prática que fuja ao controlo e exceda a vontade das partes (Filipe, *switcher*, 54 anos).

No que diz respeito aos cuidados, a maioria dos participantes assume como prioridade os cuidados de higiene. Vasco, submisso, 39 anos, para além dos cuidados a ter numa relação convencional, refere a importância dos cuidados para a prática das chuvas (dourada e negra).

Penso que os cuidados são os normais de qualquer relação. Embora na prática das chuvas tenha de ser ter cuidado, pois tanto uma como outra podem transmitir doenças sem ser o HIV. Nunca ingerir qualquer líquido ou sólido das chuvas (Vasco, submisso, 39 anos).

Gustavo, submisso, 36 anos, faz alusão à importância do diálogo, paralelamente à desinfecção dos objectos e da higiene pessoal.

Todas as sessões são sempre faladas primeiro, todos os objectos sexuais devem estar desinfectados (nisso eu confio nas dominadoras) e claro, a higiene pessoal também é um factor determinante claro, quer seja do Sub ou da Domme (Gustavo, submisso, 36 anos).

Para além dos cuidados com o material utilizado na sessão, André, dominador, 45 anos, relata os cuidados a ter com os submissos, considerando-os responsabilidade sua.

Antes de tudo, sou responsável. Não me passa pela cabeça ter alguém que confia em mim, se entrega a mim, nem que seja por uma ou duas horas, e eu não cuide da sua segurança e saúde! Considero esses aspectos 100% responsabilidade minha. Desde ler a reacção do Sub durante toda a sessão, ver a expressão facial, a cor da pele, a reacção a certos estímulos, ir fazendo perguntas e ver se o seu comportamento é normal...por aí. Depois, todo o material bem lavado e desinfectado, guardado em local longe de impurezas, etc (André, dominador, 45 anos).

A importância com a higiene e limpeza dos instrumentos constituem-se para Miguel, submisso, 24 anos, como os seus principais cuidados.

Existem os mesmos cuidados que nas restantes relações sexuais, mais a questão de higiene e limpeza dos instrumentos usados (Miguel, submisso, 24 anos).

Da mesma forma, para Alfredo, dominador, 52 anos, a importância dada à higiene aliada à preservação da integridade física das submissas surgem no seu discurso como os cuidados mais importantes.

Tem de haver o máximo de higiene possível, de ambas as partes para que haja confiança e segurança na sessão. Nunca coloco em causa a integridade física da submissa e tenho o cuidado de não deixar marcas permanentes ou visíveis (Alfredo, dominador, 52 anos).

Maria, submissa, 51 anos, considera como principais cuidados a higiene e a preservação da sua saúde.

A questão da higiene e algo que ponha em risco a minha saúde (Maria, submissa, 51 anos).

Também para Joaquim, submisso, 56 anos, a higiene ocupa um lugar de destaque no que concerne aos cuidados.

Sobretudo higiene, de nível exigente, pelo menos idêntico a qualquer outra relação sexual (Joaquim, submisso, 56 anos).

Filipe, *switcher*, 54 anos, salienta a importância do uso do preservativo e de materiais lubrificantes.

Luvas, preservativos, muita lubrificação e cremes (Filipe, *switcher*, 54 anos).

Também o uso do preservativo é referido por Artur, submisso, 63 anos.

Usar preservativo mas como normalmente não gosto de usar, prefiro não ter relações pois o facto de estar a ver ou que me estejam a ver, acariciar e outras práticas de fetiche para mim já é o suficiente. Porque o acto sexual é como comer um bife todos os dias! Há que variar, ou seja, tento evitar ao máximo o contacto sexual que possa provocar doenças (Artur, submisso, 63 anos).

Dinis, submisso, 57 anos, chama atenção para um outro tipo de cuidados, designadamente a importância do anonimato e do sigilo, comparando-os a outras áreas como a homossexualidade ou outras minorias.

Não mais do que ser gay, professar a religião “errada” ou ser simpatizante do partido “errado” ou qualquer forma de ficar fora do “padrão” da comunidade onde nos inserimos. Há temas tabus. Sexualidade, religião, política, futebol, ninguém procura levantar polémicas, a não ser que esteja bêbado. Aí tem desculpa (Dinis, submisso, 57 anos).

Para António, dominador, 34 anos, os cuidados prendem-se com a não realização de práticas que envolvam sangue, com recurso a agulhas e laminas.

Apesar da excitação natural da sessão, tenho-me como um ser racional, não faço nada com sangue, por exemplo agulhas e laminas (António, dominador, 34 anos).

As regras e os limites no universo BDSM ganham expressão na forma relacional, implicando reciprocidade e negociação, onde há um fluxo de poder.

No discurso de Gustavo, submisso, 36 anos, a par da excitação e do nervosismo, é sublinhada a importância da palavra de segurança, acordada previamente entre as partes envolvidas

Há um nervosismo, excitação do que vai acontecer, do que vamos sentir, da quantidade de dor/prazer que uma acção vai causar. A palavra de segurança é mais para despreocupar o submisso, sabendo este que pode sempre terminar a sessão a qualquer altura. Imagine que o submisso está a receber algum castigo, ele pode dizer “não...mais não, por favor” mas isso não significa que ele queira que a dominadora pare, são palavras que fazem parte do jogo, logo é importante ter uma palavra muito distinta, como por exemplo Azul ou Céu ou qualquer coisa que não vá ser usado na sessão, porque gritar, pedir para parar faz parte do jogo (Gustavo, submisso, 36 anos).

Miguel, submisso, 24 anos, refere a importância da existência de respeito mútuo e de uma relação de confiança.

O próprio respeito que existe, e que com todas as pessoas da comunidade que me envolvi o respeitaram, todos os códigos de conduta, no meu caso no início das sessões com as duas Rainhas que tive (como elas queriam ser chamadas) o juramento inicial das sessões e o respeito que elas tinham por mim, todas as vezes que tive de usar o código de segurança. Eu como submisso submetia-me à outra pessoa e durante o período da sessão era controlado por ela, aqui está a questão da entrega e onde é preciso desenvolver uma relação de confiança. E depois a Supremacia Feminina é no seguimento da outra onde eu como submisso acredito que a Mulher é superior ao homem (Miguel, submisso, 24 anos).

Também para Alfredo, dominador, 56 anos, a relação de confiança assume-se como primordial nas práticas BDSM aliada ao respeito pelos limites dos submissos/as e à definição da palavra de segurança.

Uma sessão é um momento a dois, para os dois, embora visto de maneiras opostas. A ideia é perceber o prazer que poderia obter e claro tentar também de alguma forma dar prazer ao submisso. Tem que existir antes de mais nada uma relação de confiança entre o Dom e o Sub, de respeito pelos limites que ambos tenham, neste caso mais o Sub, porque ele vai-se colocar completamente nas mãos de outra pessoa, de forma diferente tem que sentir “prazer” no que vai fazer para agradar, na forma como vai ser tratado, mas no fundo segurança em saber aquilo que foi definido como limite a ser respeitado, por isso existe sempre uma palavra de segurança que no caso desse limite estar a ser pisado ou ultrapassado, ao ser dita, a sessão pára imediatamente. É aqui que a tal confiança entra, o Sub saber que isso acontece mesmo, que a sua integridade não será colocada em risco, para além dos seus limites. No início é combinada uma palavra de segurança, que ao ser utilizada faz terminar imediatamente a sessão, a submissa tem esse poder. Tento estar atento aos sinais e percebi isso mesmo, que por inconsciência ou vontade de testar os seus limites, uma submissa estava à beira de os ultrapassar de forma pouco segura e fui eu quem parou a sessão (Alfredo, dominador, 52 anos).

Para Maria, submissa, 51 anos, a integridade da sessão está garantida com a definição da palavra de segurança.

Há uma palavra de segurança ou gesto que indique que estou no meu limite e aí a sessão pára. Estas práticas têm sempre segurança, nada é feito além dos meus limites (Maria, submissa, 51 anos).

Joaquim, submisso, 56 anos, assume a necessidade de conhecer minimamente bem a personalidade da outra parte, reconhecendo as práticas BDSM como um processo no qual se vão estabelecendo os limites.

Nunca me entreguei sem anteriormente conhecer minimamente bem a personalidade da senhora. E a dominação/submissão é um processo que se vai desenvolvendo, dando para estabelecer limites. Isso poderá acontecer em encontros isolados com desconhecidos mas eu não sou promíscuo (Joaquim, submisso, 56 anos).

O respeito para Filipe, *switcher*, 54 anos, é a palavra de ordem neste jogo, considerando o fluxo de poder excitante.

O respeito é regra inultrapassável e quem entra nestes jogos tem isso presente. Nunca dou elementos suficientes sobre a minha vida pessoal, alguns sim, mas não de “livro aberto”. De alguma forma existe cumplicidade na situação, com respeito pela esfera de cada um. Acho que o poder exercido, concedido ou até partilhado é excitante (Filipe, *switcher*, 54 anos).

(Joaquim, submisso, 56 anos).

O discurso de António, dominador, 34 anos destaca a importância de assegurar que a submissa com quem possa envolver-se também obtenha prazer na sessão, reconhecendo-lhe poder nesse sentido.

A submissa é quem tem o poder de decisão, basta ela dizer a palavra de segurança e a sessão acaba. Obviamente que a satisfação do meu prazer é algo que preenche em grande parte a sessão mas garantir que a submissa obtém prazer da sessão é muito importante, sem esse prazer, a sessão fica esvaziada. Jogar entre as minhas vontades, o fazer sofrer a submissa e dar prazer à submissa é a essência de qualquer sessão, caso a submissa tenha interesses específicos gosto de os introduzir, mas sempre como recompensa ou em casos esporádicos como um mimo, que todos gostamos de receber. No final, os dois estarmos satisfeitos é sinal que mais sessões irão acontecer. O mais perto que estive de uma situação onde a outra parte não conhecesse os seus limites foi com uma submissa que praticava asfixia, pediu para mesmo atada com as mãos para eu a asfixiar, só concordei com a asfixia estando ela com as mãos soltas (António, dominador, 34 anos).

Rodrigo, submisso, 36 anos, reconhece os seus limites para agradar, admitindo que nunca lhe ocorreu que os mesmos não fossem respeitados.

Sabemos os nossos limites para agradar. Uma boa dona tem noção disso e também cuida do submisso. O que sinto é um poder enorme do outro lado, quando de facto se encontra uma dominadora, automaticamente sou submisso. Nunca me ocorreu que não fossem respeitados os meus limites, a minha entrega era total, tinha contrato assinado, servo por completo (Rodrigo, submisso, 36 anos).



## 4.2 Contactos, encontros e (des)continuidades

O tema Contactos, encontros e (des)continuidades emerge das construções discursivas dos participantes acerca dos seus primeiros contactos com vista em encontrar um/a parceiro/a para as práticas BDSM. Acrescenta ainda informação sobre a tipologia e os objectivos dos encontros e o que favoreceu a sua (des)continuidade.

### 4.2.1 Contactos

De acordo com os resultados apurados, o ciberespaço é a via seleccionada pela maioria dos participantes com interesses e comportamentos sexuais atípicos para iniciar os seus primeiros contactos. Trata-se de um espaço com múltiplas valências, sendo utilizado para procurar informação, pesquisar *sites* temáticos, bem como estabelecer contactos. A *internet* constitui-se, assim, como uma poderosa ferramenta para pessoas com comportamentos sexuais atípicos. Não obstante, utilizada de uma forma benigna, é ainda uma ferramenta potencialmente geradora de oportunidades, permitindo que pessoas com gostos complementares possam desfrutá-los, vivenciá-los e partilhá-los, sentindo-se, deste modo, como pertencentes a uma comunidade.

#### 4.2.1.1 Tipologia

Dinis, submisso, 57 anos, descreve a sua experiência da seguinte forma:

111As coisas ficam muito mais fáceis quando temos acesso a informação quase ilimitada. Com os *chats* e os *sites* temáticos, apercebemo-nos de que não estamos sós e é fácil procurar e partilhar experiências e sentimentos. O mais importante, sem dúvida, foi o IRC<sup>3</sup> (em 2001/2002). Conheci, pessoalmente, muita gente da comunidade (Dinis, submisso, 57 anos).

---

<sup>3</sup> *Internet Relay Chat* (IRC) é, de acordo com a página (<http://portalmarketing.digital/IRC>) consultada a 15 de Julho de 2018, um protocolo de comunicação dedicado à criação de salas de chat. Foi muito popular nos anos 90 mas perdeu significativamente interesse com o surgimento do *MSM Messenger* e *Skype*. É muitas vezes erradamente chamado de *mIRC*. No IRC os *chats* podem ser privados (entre dois utilizadores) ou em grupo. As salas de *chat* do IRC chamam-se canais e os nomes dos canais são apresentados com o prefixo #. Os nomes de canais e nomes de utilizadores (*nicknames*) no IRC são únicos por servidor. O maior servidor de IRC português é o PTnet.

A maioria dos participantes refere ter estabelecido o contacto para as sessões através *sites* temáticos, nomeadamente o *Fetlife*, o *Manhunt*<sup>4</sup>, o *Recon*<sup>5</sup> e o *Adultos Classificados*<sup>6</sup>.

Só pratiquei com alguém que não conhecia de lado nenhum e que pôs um anúncio num *site* (Vasco, submisso, 39 anos).

Da mesma forma, Alfredo, Dominador, 52 anos refere que:

Normalmente, existe um contacto prévio; depois passa a pessoal para poder "ler" a pessoa (Alfredo, Dominador, 52 anos).

O facto de ser abandonado pela sua Dona levou Joaquim, submisso, 56 anos a procurar uma nova e fê-lo através de um *site*:

Quando me abandonou, procurei desesperadamente uma outra Dona, na *internet*, e foi precisamente no *site* onde a Filipa publicou o seu anúncio para este estudo que a encontrei. O título era expressivo: "*Quero comer o seu cozinho!*". Não tinha fotografia. Desconfiado respondi e troquei muitas mensagens, convencendo-me que a personagem era genuína e gostava MESMO daquilo que oferecia (Joaquim, submisso, 56 anos).

Dinis, submisso, 57 anos, refere que o contacto para as sessões era estabelecido através de um *chat*.

Num *chat*. Se fosse hoje, o melhor, para mim, é claramente o *Fetlife*. Toda a comunidade portuguesa está lá. Mas ainda não havia ou eu não conhecia... Mas na altura foi num *chat* brasileiro onde havia pessoas de todo o mundo, incluindo portugueses (Dinis, submisso, 57 anos).

---

<sup>4</sup> É o maior site de chat *gay* do mundo. Segundo informação da página oficial (<https://www.manhunt.net/signup>), consultada a 15 de Julho de 2018, desde o seu lançamento em 2001, a Manhunt.net dá aos *gays* a possibilidade de se encontrarem com qualquer homem, a qualquer hora, em qualquer lugar. Possibilitando a procura entre mais de 6 milhões de homens, pois é o maior site de sexo *gay* e vídeo *chat* do mundo para homens à procura de outros homens. Alguns dos recursos do Manhunt.net incluem conversas *gays*, vídeo chat, porno *gay* grátis e conteúdo *gay* explícito.

<sup>5</sup> É um site *gay* com perfis para homens, De acordo com a informação da página oficial (<https://www.recon.com/pt/>), consultada a 1 de Agosto de 2018, conta com o registo de 65.671 usuários. Este site está a dominar a evolução fetichista com milhões de *gays* em todo mundo, destina-se a homens *gays* com interesse por couro, látex, BDSM e *kink*.

<sup>6</sup> É, segundo a página oficial (<http://www.adultosclassificados.com>), consultada a 15 de Julho de 2018, um site de anúncios que contem expressões, linguagem e imagens que não são apropriadas a pessoas menores de 18 anos. O adultosclassificados.com faculta aos seus visitantes, a possibilidade de pesquisar anúncios e de inserir anúncios grátis, não estabelecendo nenhum contacto directo entre os anunciantes e os visitantes.

Também as redes sociais, como o *Facebook*, são, de acordo com as experiências dos entrevistados, um veículo para o contacto com outros praticantes.

Conheci a pessoa em questão num grupo de *Facebook*. Falámos através do *Messenger* cerca de dois meses até ao primeiro encontro” (Miguel, submisso, 24 anos).

Outros participantes parecem munir-se dos próprios contactos, angariados ao longo do tempo, sendo o agendamento das sessões feito via telefone, tal como esclarece Filipe, *Switcher*, 54 anos.

Telefonicamente, com base em contactos existentes ou em novos que surgem (Filipe, *Switcher*, 54 anos).

#### 4.2.1.2 Critérios

O recurso à *internet* é também utilizado para encontrar potenciais parceiros/as de acordo com critérios de inclusão e de exclusão previamente definidos. De acordo com os discursos dos participantes, foi possível apurar critérios mais e menos rígidos referentes às características do/a parceiro/a procurado/a.

Para André, por exemplo, dominador, 45 anos, os critérios de inclusão e de exclusão são bastante específicos;

Estarem dentro da faixa etária que me agrada (claro que superior a 18 e de preferência abaixo dos 30 para submissos e 40 para submissas), terem facilidade de se deslocarem, terem disponibilidade adequada à minha, serem fisicamente interessantes para mim e, acima de tudo, terem verdadeira personalidade submissa. Não gosto de homens peludos e com barba, a esses, domino mas não pratico sexo (André, dominador, 45 anos).

Ser fisicamente interessantes traduz-se, para este participante em:

Não muito gordos/as, apesar de um rabo mais gordo ser mais interessante para mim para castigar, até o som de umas palmadas ou chicotadas é diferente e mais excitante (!!!), serem minimamente bonitos, depilados/as (quando não são, adoro pegar num aparador de pêlo e fazer isso! (essa humilhação excita-me bastante! eheheh) e terem resistência física para as práticas que vamos realizar (André, dominador, 45 anos).

Já para Alfredo, dominador, 52 anos, os critérios básicos de inclusão, com enfoque na autodeterminação, incluem:

Alguém que saiba o que quer, que tenha uma cabeça "limpa" sem traumas de nenhum aspecto, ou do foro patológico, e que se mostre inclusive mentalmente forte; o estilo de vida, que não consuma

drogas, tenha uma vida profissional e pessoal estável, e que esteja bem fisicamente, estes são os critérios básicos, poderão depois entrar mais alguns (Alfredo, dominador, 52 anos).

Para Filipe, *switcher*, 54 anos o mais importante é: “*abertura e respeito*”.

O preenchimento dos requisitos é, de facto, algo importante para que estejam criadas as condições mínimas para avançar para o próximo passo, tal como é possível constatar através da leitura da próxima passagem discursiva.

Encontrei na *net* uma Senhora com quem tenho conversado nos últimos dias e acredito que pode preencher todos os requisitos para ser minha Dona. Eu só sinto real desejo de me submeter a uma mulher se ela me “encantar” pelo físico mas também, e sobretudo, pela personalidade (Joaquim, submisso, 56 anos).

## 4.2.2 Encontros

### 4.2.2.1 Online

A *internet* dá o mote, como vimos, para que se passe do virtual para o mundo real. O ciberespaço possa servir também, ainda que para uma minoria, de cenário para sessões *online*.

*Online* é muito fácil. Só precisamos de um teclado para dar largas à imaginação. E temos milhares de "candidatos" disponíveis ao alcance de um clique (...) *Online* tem a vantagem de ser prático e fácil (Dinis, submisso, 57 anos).

#### 4.2.2.1.1 Objectivos

As sessões *online* podem ter igualmente, de acordo com os discursos dos participantes, o propósito de conquistar a confiança. Para além dos contactos encetados pelos diversos participantes, outros há que os contactam também através do ciberespaço, tal como refere André, dominador, 45 anos:

Enquanto estamos a conversar, estou a conversar com um submisso que está na Alemanha e vai regressar a Portugal. É mesmo muito submisso, masoquista, adora ser humilhado. Anda há mais de um mês a implorar-me para o ter como meu escravo. Pelo *Messenger* já fez várias coisas, como se expor, já urinou para um copo e bebeu em directo ou já apertou os testículos de forma violenta até eu permitir que parasse, tudo isto para demonstrar que merece ser meu escravo. Isto para merecer, demonstrar que estão à altura, mas neste caso até foi ele que implorou que o pusesse à prova (André, dominador, 45 anos).

Para Alfredo, dominador, 52 anos, as sessões online têm como único objectivo, acertar pormenores.

O *online* serve para tratar de pormenores. (Alfredo, dominador, 52 anos).

#### 4.2.2.2 Presenciais

Apesar de alguns encontros poderem decorrer *online*, a primazia parece ser dada às sessões presenciais, em espaços que podem ser públicos ou privados e sempre com objectivos previamente definidos. Como refere Alfredo, dominador, 52 anos:

São sempre presenciais (Alfredo, dominador, 52 anos).

Algo que é igualmente partilhado por Joaquim, submisso, 56 anos, ressaltando a importância do tacto, considerada, como vimos anteriormente, uma das componentes sensoriais do erotismo.

Não acho qualquer graça a sessões *online*. Nunca fiz. Preciso de sentir proximidade e tacto (Joaquim, submisso, 56 anos).

Apesar de reconhecer a existência de uma maior carga emocional, para Dinis, submisso, 57 anos, as sessões são, maioritariamente, realizadas *online*.

Devo ter tido uma dúzia de presenciais, talvez. Presencial tem uma carga emocional mais forte. E sente-se um peso de maior responsabilidade. Presencial requer preparação. Psicológica incluída. *Online*, não (Dinis, submisso, 57 anos).

##### 4.2.2.2.1 O primeiro encontro

O primeiro encontro foi associado à concretização da sessão física e presencial podendo ou não existir actividade sexual. Convidámos os nossos participantes a descrever o seu primeiro encontro no contexto BDSM. Gustavo, submisso, 36 anos, chama a atenção para a importância da definição da palavra de segurança, mais conhecida no meio como “*safe word*”.

Há sempre uma conversa para se definir limites e o que vai acontecer na sessão. Também há normalmente uma palavra chamada “*Safe Word*” para o caso de eu querer parar imediatamente. Claro que isto acontece no primeiro encontro, depois disso, podemos ir falando de novas experiências ou práticas que eu queira explorar e depois inicia-se a sessão (Gustavo, submisso, 36 anos).

No seu primeiro encontro, André, dominador, 45 anos, concedeu, de acordo com as suas palavras, o privilégio ao seu submisso de se deslocar até ele.

Foi em 2012, a meio do ano talvez. Abri uma exceção e desloquei-me a Coimbra (normalmente o submisso vem a mim e não o contrário, apesar deste ter pago a deslocação), mas quando se está a dar os primeiros passos, por vezes fazem-se cedências. Foi com um professor, com cerca de 37 anos, adepto de pés, calçado, *ball busting*, *trampling*, *piss*, *spanking hard*. Além de tudo isso, rapei-lhe os pêlos púbicos, o que foi uma grande humilhação para ele, já que é professor. Não foi uma perfeita sessão, mas para a primeira vez, considero muito positiva. Foi uma sessão onde não houve sexo de qualquer espécie (André, dominador, 45 anos).

Após algum tempo de conversação, Miguel, submisso, 24 anos, concretizou o seu primeiro encontro relativamente ao qual tinha criado algumas expectativas:

Falei durante algum tempo com essa pessoa e criei expectativas, como é natural. Tudo o que foi dito *online* confirmou-se, desde a aparência física à história contada, tudo bateu certo, correspondeu às minhas expectativas e também existiu química entre nós. Eu era totalmente inexperiente e estava aberto a experimentar (quase) tudo (Miguel, submisso, 24 anos).

Um compêndio de emoções, fantasia, desejo, preocupação e sentido de competência definem a forma como teve lugar o primeiro encontro de Alfredo, dominador, 52 anos.

É como quase todas as primeiras vezes, um misto de nervosismo, emoção, até porque se está a entrar num mundo ainda obscuro e recriminado pela sociedade. Foi com uma parceira da altura que também tinha uma mente aberta e curiosidade de experiências novas, diferentes. É a consequência do que se imaginou antes, do que se perspectivou, do que se espera, das experiências que se “vivenciou” ao ler relatos, ver vídeos, etc. Depois ambos se fundem num misto de nervosismo, por ser a primeira vez, emoção, por ser a também a primeira vez, o desejo de que tudo corra como se idealizou, que o resultado seja aquilo que se esperava; no fundo, também aqui entra um pouco de receio e insegurança humana com algo novo. O receio de não fazer bem determinada coisa, de magoar o outro, de haver um bloqueio e não saber como sair dele, de não conseguir ler os sinais dados pelo outro, enfim de não sermos “competentes” (Alfredo, dominador, 52 anos).

Maria, submissa, 51 anos, relata-nos que o seu primeiro encontro se construiu numa amálgama de apreensão e desejo.

Estava um pouco apreensiva, mas ao mesmo tempo com desejo de ter essa sessão. A humilhação verbal à qual não estou habituada (...) faço uma filtragem e sei que não sou nada dos nomes que sou apelidada. Quanto ao físico era uma questão de saber gerir essa dor e transformá-la em prazer. A vida é feita com “dor” física, emocional e há dores emocionais que são muito piores que as físicas. Eu aprendi a tirar partido da “dor” e transformá-la (Maria, submissa, 51 anos).

Joaquim, submisso, 56 anos, estava absolutamente absorvido por toda a envolvimento sentindo-se num filme.

Eu estava "hipnotizado", não conseguindo desviar os olhos das suas pernas, cruzadas por forma a revelarem as suas coxas fortes. Tinha o robe entreaberto, mostrando-me o rebordo do peito farto que eu ainda não conhecia. Divertida com o meu elevô e "paralisia", investiu-me: *"O Sr. Dr. é muito tímido mas malandro. Há muito que percebo que me come com os olhos. E então? Gosta do que vê?"*. E entreabriu as pernas por forma que eu visse que não tinha calcinhas. Corei como um tomate e ela riu-se com vontade. *"Querida ver, não era? Venha cá que eu mostro melhor"*. Puxou-me para junto dela e abriu bem as pernas, exibindo a vulva brilhante. *"Quer dar um beijinho? Faça ela chorar de alegria, meu querido!"*

Eu sentia-me num filme, reagia como um autómato e mergulhei a cara naquelas coxas quentes e macias com sofreguidão. Devo ter tido arte porque ela gemeu e contorceu-se de prazer, agarrou-me pelos cabelos pressionando-me a cabeça e mandando-me lambar mais e mais. *"Chupa meu querido, chupa essa xoxora esfomeada. Vou encher-te a boca de sumo!"*

Seguiram-se com regularidade outros encontros em que ela progressivamente me foi "treinando" a seu gosto, submetendo-me a seu bem prazer e acabando por me transformar numa *sissy*, o que lhe dava um imenso gozo (Joaquim, submisso, 56 anos).

O primeiro encontro no mundo físico pode ser, de acordo com a experiência de Filipe, *switcher*, 54 anos:

Exploratório, ou melhor, o primeiro encontro não é vinculativo, pode haver total falta de empatia e adeus... no entanto, como, por regra, já se trocaram impressões anteriormente, quanto mais não fosse por *e-mail* ou telemóvel, normalmente acaba em sexo (Filipe, *switcher*, 54 anos).

Resumindo o seu primeiro encontro em duas palavras:

Fascinante e libertador, foi uma parte da sexualidade que emergiu, foi um orgasmo único e novo (Filipe, *switcher*, 54 anos).

Dinis, submisso, 57 anos, viu o seu primeiro encontro se concretizar na presença de duas pessoas “especiais”, a sua esposa e um amigo.

A experiência foi boa. Foi com uma pessoa especial e a minha mulher esteve presente. Mas talvez por isso eu tenha sentido algumas inibições. Não poder "libertar" completamente a "Helena" que existia dentro de mim. Um homem. Mas que gostava de se vestir como a "Helena" só que de forma submissa. Portanto, e apesar de eu me considerar 100% hetero, nós (os 3) éramos apenas... lésbicas. Se que isso consegue fazer algum sentido na sua cabeça. De qualquer forma algumas pessoas minhas conhecidas do BDSM dizem que o problema do género é menos forte aqui. Há dominadores/as e submissos/as. Ponto. Se o género se tornar demasiado importante talvez não seja BDSM, mas apenas uma forma diferente de ter sexo. Aliás, como sabe, muitas vezes o BDSM não inclui o sexo tradicional. A minha esposa também se envolveu. Mas apenas por essa pessoa ser mesmo especial. Fora do BDSM. Ainda somos amigos e durante anos foi visita querida de nossa casa (Dinis, submisso, 57 anos).

António, dominador, 34 anos, descreve-nos o seu primeiro encontro, detalhando com pormenor o padrão das suas sessões.

Foi com uma submissa Brasileira, estava cá de férias, foi no hotel dela. Não tenho problemas em pormenorizar, as minhas sessões seguem um padrão, tenho que realizar sempre tudo o que gosto. Começamos por definir a palavra de segurança, escolhida por ela, era vulva. Gosto de ir despindo a submissa até ficar de cuecas e *soutien*, sobre uma mesa ou cama, utilizar uma palmatória, pôr a descoberto as nádegas e deixá-las vermelhas, só depois tirar as cuecas, roçando-as na pele agora mais sensível. Depois, depende do momento, ou com a submissa de joelhos, com os pulsos presos aos tornozelos, prender o cabelo e iniciar o sexo oral, só aí me dispo. Começa então a garganta funda até ela se engasgar com a própria saliva, ver os olhos lacrimejantes a olhar para mim, tendo a minha glândula a tocar-lhe na garganta, começa então o jogo do gato e do rato. Tentar tirar o sexo da boca para respirar mas eu vou obrigando, pelo meio, caso se porte mal, leva mais palmadas nas nádegas, deixo as palmas dos pés para castigos mais severos, é uma área muito sensível e com uma dor extrema. Posso também deitar a submissa na borda da cama, com a cabeça virada para cima, com os pulsos presos aos tornozelos, ficando com a boca mais aberta e disponível para *facefucking*, aqui utilizo o peso do meu corpo para obrigar a ir tudo até ao fundo, aqui posso também introduzir o botão rosa. Vem depois a parte do *bondage*, tenho algemas de velcro e cintas, adoro por exemplo, com as cintas prender o antebraço às coxas ficando o sexo da submissa completamente exposto, aqui posso fazer brincadeiras de orgasmos, a submissa está quase a atingir um e paro, dar mais palmadas, introduzir *toys* na vagina e ânus, prolongar a ânsia de querer atingir o orgasmo. Tanto de quatro ou de barriga para baixo (com almofadas) praticamos sexo anal, começa com os dedos e língua passando para a penetração peniana. Depois é repetir até me sentir satisfeito, pelo meio introduzo os desejos das submissas (António, dominador, 34 anos).

Pode ainda variar em função do modo como ambas as partes travaram conhecimento:

Depende da forma como nos conhecemos, se for através de conhecidos há uma proximidade maior e temos um encontro prévio para clarificar regras. Quando nos conhecemos *online*, discutimos tudo previamente e partimos para a sessão (António, dominador, 34 anos).

Difícil de explicar e único, são os adjectivos escolhidos por Rodrigo, submisso, 36 anos, para descrever o ser primeiro encontro.

Foi sem dúvida algo que nunca tinha sentido, tal como ela (dominadora) descreveu, um poder difícil de explicar, um poder único que, de certa forma, faz uma pessoa fazer e calar (Rodrigo, submisso, 36 anos).

#### **4.2.2.2 Espaços públicos**

Para outros participantes, é importante que o primeiro encontro tenha lugar num espaço público. Conforme esclarece Miguel, submisso, 24 anos:

O primeiro encontro foi num espaço público para nos conhecermos pessoalmente e perceber se existia "química" (Miguel, submisso, 24 anos).

Da mesma forma, ir ao encontro de alguém num espaço público serve, também, para aferir a existência de química ou a sua ausência, tal como refere Rodrigo, submisso, 36 anos:

E claro haver o *click* entre os 2 (Rodrigo, submisso, 36 anos).

Também para Joaquim, submisso, 56 anos, é importante que o primeiro encontro tenha lugar num espaço público, reforçando a pertinência da empatia.

Encontrámo-nos num café e fiquei deslumbrado: era uma brasa, com 30 anos, determinada e autoritária e descaradamente mostrava que "adorava" fazer de um homem sua fêmea. Era discreta, trabalhava numa empresa e queria também manter secreta aquela inclinação. Vivia com uma prima que tinha um horário fixo, enquanto ela tinha horários rotativos. Estava com tanta "fome" que seguimos logo daí para o seu apartamento (Joaquim, submisso, 56 anos).

Joaquim, submisso, 56 anos, acrescenta que o encontro num espaço público permite uma maior percepção de segurança.

Fui hoje tomar um café com a minha nova amiga. Como faço sempre, por uma questão de segurança e para me permitir "baldar" rapidamente se não gostar, combinei o encontro numa bomba de gasolina (Joaquim, submisso, 56 anos).

#### 4.2.2.2.3 Espaços privados

Quando os encontros decorrem num espaço privado, estes tendem a ter lugar, de acordo com as experiências dos participantes, em hotéis, pensões ou motéis, tal como esclarecem António, dominador, 34 anos e Filipe, *switcher*, 54.

Quartos em hotéis e pensões (António, dominador, 34 anos).

Em motéis ou locais equipados...o que é por mim preferido, pois a gama de acessórios disponível é muito maior (Filipe, *switcher*, 54 anos).

Dentro da esfera privada os encontros podem ainda acontecer na casa de uma das partes.

No decorrer da entrevista, Joaquim, submisso, 56 anos, recordou uma experiência que teve com a porteira do prédio onde reside, cuja descrição foi feita nos seguintes termos:

“Se gosta do que vê, apareça hoje à noite que gostava de lhe pedir um conselho. Poderá apreciar melhor” [Reproduzindo a fala da porteira do prédio onde reside]. Fiquei nervosíssimo todo o dia e, ao fim da tarde, angustiado, hesitava em corresponder ao convite mas não resisti. As pernas tremiam-me quando toquei à campainha. E quando ela abriu a porta, vestindo um *negligê*, comecei, atordoado, a debitar o que tinha ensaiado. Ela desatou a rir, pegou-me pela mão e puxou-me para a salinha, sentando-se num pequeno sofá e fazendo-me sinal para me sentar num *puff*, diante dela. Esperançado em assim fosse, eu tinha-me rapado completamente, à frente e no cozinha, como aliás já fazia para a minha anterior Dona. Vestiram uma calcinha bem feminina com racha no sítio da vulva, pela qual, obviamente, se pendurava o meu "clítoris" de menina...

Mandou-me entrar para a sala e despir-me, enquanto ela se foi aprontar. Eu estava super excitado, ansioso com a sua reacção à minha "apresentação". Quando entrou, imponente, fiquei extasiado: vestia um corpete preto que lhe suportava as belas mamas. Vinha de saltos altos realçando as suas pernas belíssimas e não trazia calcinhas. Estava completamente depilada, com um pequeno (agradeci mentalmente)  *strapon*, bem erecto, já acoplado num cinto. Ao ver-me desatou a rir, com vontade: "Não mentiste, és mesmo uma *sissy*. Mas vais deixar de te chamar Nina. Agora és minha e vou chamar-te de *Little Sissy*. Vais lambe-me o cu, para mostrares a tua obediência, e depois vais dar-me esse cozinho que vou comer sempre que quiser. Adoro mesmo enrabar *sissys*, acredita!". E era verdade. Durante meses sempre que lhe apetecia, convocava-me para ser usado, divertindo-se a masturbar-se com um vibrador enquanto me mandava cheirar os seus deliciosos aromas ou lambe o seu cozinho, chamando-me de "cadelinha lambareira". Eu já sabia que, inevitavelmente, quando estivesse bem excitada, me deveria pôr de quatro, com o rabo alçado, afastar as bochechas com as mãos e pedir para ser enrabado! Por vezes refinava, mandando-me "implorar" que fizesse de mim uma puta! Quase sempre me "vinha" com aquela massagem diabólica e ela sempre me ralhava por sujar a cobertura do sofá e mandando-me lambe, para limpar. Frequentemente resolvia brincar enfiando-me *plugs* e esperando que eu lhe suplicasse que me montasse. Fiquei viciado. Sofria quando não era chamado para ser comido. E nos intervalos ela "martirizava-me" com mensagens, dizendo o que me ia fazer da próxima vez (Joaquim, submisso, 56 anos).

### 4.2.3 Continuidades

Em relação à continuidade dos encontros, e de acordo com as experiências dos participantes, esta pode assumir, por diversas razões, uma regularidade variável.

#### 4.2.3.1 Regularidade

Práticas *online*? Duas ou três vezes por semana, pelo menos (Dinis, submisso, 57 anos).

No mínimo, uma vez por semana, podia ser 2,3... (Rodrigo, submisso, 36 anos).

Depende da minha disponibilidade de tempo e da vontade emocional. Como tudo na vida, nem sempre apetece, há dias em que nem tenho cabeça para isso, mas no mínimo uma vez por semana, às vezes 2 ou 3 (André, dominador, 45 anos).

Em todo o caso, para a maioria dos participantes a base para a realização das práticas BDSM é esporádica:

Não existe um padrão de regularidade, pois depende da minha disponibilidade profissional assim como dos submissos ou candidatos, não deixo que esta prática interfira com a minha vida quer pessoal, quer profissional (Alfredo, dominador, 52 anos).

Os encontros são agendados mediante a disponibilidade de ambos, tendo em conta que temos as nossas actividades profissionais e as nossas famílias. Sim, posso dizer que existe alguma regularidade (Maria, submissa, 51 anos).

Quando posso. Meia dúzia por ano (Filipe, *switcher*, 54 anos).

Agora pratico menos. Como disse, não tenho ninguém fixo mas apenas casos esporádicos e como todas as mulheres são diferentes, normalmente tenho que escolher a mulher para o fim que pretendo realizar, porque umas fazem umas coisas e outras não (Artur, submisso, 63 anos).

Não consigo ter uma base regular; a última vez foi em Março e tenho alinhavada para esta semana uma sessão ou para a próxima (António, dominador, 34 anos).

#### 4.2.3.2 Com quem?

Relativamente ao modo de funcionamento das relações BDSM dos participantes, estas podem, uma vez mais de acordo com os seus discursos, assumir um carácter de exclusividade, variável ou ainda extraconjugal.

Para Maria, submissa, 51 anos, as práticas BDSM têm lugar sempre com o mesmo dominador.

Sim, sempre com o mesmo dominador. Existe um conhecimento e confiança entre nós (Maria, submissa, 51 anos).

Tal como para Rodrigo, submisso, 36 anos:

Até uma certa data, como lhe disse, eu tinha uma dona, eu era propriedade de uma senhora (Rodrigo, submisso, 36 anos).

Para outros participantes, estas práticas acontecem com diferentes parceiros, sejam eles dominadores ou submissos:

Na semana passada fui submisso a uma mulher, um homem e um travesti. Numa festa (Francisco, *switcher*, 31 anos).

Dá-me prazer em estar nu a obedecer a uma ou mais mulheres, talvez também como um escape ao stresse do dia-a-dia cada vez mais exigente e complicado (Artur, submisso, 63 anos).

Em relação à sua companheira e ao facto do seu envolvimento nas práticas BDSM ser extraconjugal, Gustavo, submisso, 36 anos e Rodrigo, submisso, 36 anos relatam:

Recorro a dominadoras profissionais porque elas são qualificadas e sabem o que estão a fazer, se fosse grátis ia mais vezes (Gustavo, submisso, 36 anos).

Ela [a esposa] não tem esse poder, não é dominadora por natureza, não tem o poder de me fazer submeter, nem sequer prazer nisso (Rodrigo, submisso, 36 anos).

Por fim, Joaquim, submisso, 56 anos assume o carácter extraconjugal no que respeita às práticas BDSM, descrevendo um desses encontros da seguinte forma:

Estou sempre extremamente nervoso nestes primeiros encontros, sem saber como me comportar e o que dizer. Mais confuso fico se a Senhora me impressionar. E foi o caso. Tem [uma das dominadoras com quem se encontrou] cerca de 40 anos, professora, é divorciada, sem filhos, e vive sozinha. Fisicamente é uma mulher muito interessante, da minha altura, revelando um peito volumoso sob uma blusa calculadamente justa. Reparei que tinha escolhido vir de saia, bastante curta, provavelmente para me permitir apreciar umas pernas grossas q.b. Morena, com cabelo castanho escuro, tem um rosto expressivo em que sobressaem uns olhos castanhos escuros. Começou logo a tratar-me por "tu". Respeitosamente tratei-a por Senhora. Já tínhamos exposto por *email* o essencial dos nossos gostos e tendências mas ela quis ouvir confessar-me as minhas "fraquezas", perscrutando atentamente a minha reacção às suas perguntas. O seu olhar parecia ficar mais felino quando ouvia algo que informava a minha total submissão à vontade de uma Dona... Depois de um interrogatório cerrado, disse-me que achava que poderia treinar-me para ser sua "*sissymaid*"! Se eu estava interessado? Que teria de fazer todo o serviço doméstico e teria de me fardar "com um uniforme de sopeirinha muito bonito" e estar "disposta" a obedecer-lhe em tudo. Não tolerava erros ou hesitações que seriam severamente castigados. Que nas minhas obrigações incluíam satisfazer os seus caprichos sexuais, "bem estranhos"... E que, para estimular a minha docilidade e vontade de a servir, teria de aceitar todas as limitações que quisesse impor-me (...). Eu corei como um tomate e assenti repetidamente com a cabeça. A minha expressão deve ter-lhe agradado, porque riu-se, pela primeira vez. Fez-me sinal de que ia à casa de banho e eu fiquei ali, em brasa, na ânsia de saber se dali seguiríamos para casa dela. Quando voltou estendeu-me, pelo lado da mesa, qualquer coisa que trazia na mão. Ao pegar-lhe vi imediatamente que eram umas calcinhas de cetim, ainda quentes... "*Vais cheira-las e esfrega-las na tua carinha, agora mesmo. Se gostares do aroma podes entrar ao serviço no próximo sábado.*" Desvairado, mas disfarçando para ninguém se aperceber, esfreguei a peça na cara e sorvi sofregamente aquele "perfume" para lhe mostrar quanto desejava tornar-me na sua *sissymaid*! "*Linda menina! Acho que és obediente, sim. Vais ser uma boa aluna. Disseste que te chamavas Nina. É nome de puta, minha querida, mas por ora vou manter-to. Depois veremos. No sábado estás em minha casa às 4 horas. Quero que leves essa calcinha vestida. Vais rapar-te todinha, não tolero pêlos. Durante a semana vou-te enviar trabalhos de casa para te ires preparando. Vais dar-me um número de telefone para eu contactar em caso de imprevisto. Só vou ligar depois de avisar por email e, por isso, vais estar sempre atenta.*" Trocámos os números e ela levantou-se, com ar altivo. Segui-a até ao carro, sempre dois passos atrás, e não mereci um beijo de despedida. Apenas um aceno e um sorriso de triunfo. Tenho estado numa ânsia, esperando as "instruções" que ainda não chegaram. Nota-se claramente que tem bastante experiência nesta área, pelo à vontade e desembaraço com que conduziu a conversa. Eu, ao contrário, estava e continuo muito inseguro, ansioso por lhe agradar e experimentar as "novidades" que antecipo maravilhosas. Voltei a ir ver a caixa de entrada e... Nada (Joaquim, submisso, 56 anos).

## 4.2.4 Descontinuidades

### 4.2.4.1 Motivos

Se há encontros que se prolongam no tempo, gratificando as partes envolvidas, outros há que, por razões diversas, acabam por terminar. No caso de Dinis, submisso, 57 anos, a descontinuidade das duas práticas BDSM com a mulher deveram-se, essencialmente, à emergência de uma espécie de inibição sua, conforme é possível constatar pela leitura da seguinte passagem discursiva:

A experiência foi boa. Foi especial e a minha mulher esteve presente. Mas talvez por isso eu tenha sentido algumas inibições. Não poder “libertar” completamente a Helena que existia dentro de mim. A coisa foi funcionando de forma cada vez pior. Era sempre uma tentativa (um pouco forçada) de aproximação de ambas as partes. E eu sentia-me um pouco desconfortável em “modo” Helena junto dela. Os desentendimentos na altura aumentaram e eu desisti. Fui eu, foi culpa minha. Ela às vezes ainda me perguntava se a Helena não queria vir. Para ela não era mau de todo, porque o meu “desempenho” sexual aumentava brutalmente. Ficávamos os dois a ganhar. Mas, como disse, tomei a firme decisão de fechar todas as contas e abandonar os meus *chats* favoritos e nunca mais falar nesse assunto. Em Setembro de 2016 deixei “morrer” a Helena. Nunca mais calcei saltos altos. Nem sozinho em casa. No máximo usei algumas vezes umas havaianas velhíssimas que uma antiga professora de nataçãõ me deu e que eu adoro (Dinis, submisso, 57 anos)

A descontinuidade dos encontros foi igualmente explicada pelo afastamento temporário do mundo BDSM, tal como descreve Miguel, submisso, 24 anos:

Neste momento sinto-me sexualmente satisfeito, por isso não me causa muito constrangimento. O BDSM é apenas uma componente da minha vida sexual. Tive duas dominadoras. O último contacto com a comunidade foi em Novembro do ano passado num evento que foi a *Domme Academy*, falei com algumas mas foi só (Miguel, submisso, 24 anos).

A emigração de uma das partes e a conseqüente cessação do contrato foram também apontadas como causa da descontinuidade do relacionamento BDSM:

A minha antiga dona emigrou e fui libertado por ela, cessámos o contrato de propriedade, libertou-me. Há cerca de 6 meses que não tenho dona (Rodrigo, submisso, 36 anos).

Por fim, o facto de uma das partes exercer chantagem sobre a outra ditou o fim do relacionamento. Joaquim, submisso, 56 anos descreve-nos a sua experiência:

A pouco e pouco começou a pedir-me dinheiro para comprar bela *lingerie* e, depois, quantias mais avultadas, sob os mais absurdos pretextos. Percebi que a situação estava a ficar insustentável quando, veladamente, insinuou que me tinha na mão, seria um escândalo se a minha mulher soubesse que eu era uma *sissy* e "escrava" de uma bela Rainha! Aproveitei umas férias para cortar. E ela percebeu. Tentou meses depois recomençar mas, apesar de eu o desejar loucamente, consegui resistir (Joaquim, submisso, 56 anos).



### 4.3 Vivências eróticas e sexuais (des)vendadas

O tema *Vivências eróticas e sexuais (des)vendadas* refere-se às descrições de cada participante acerca da procura intencional de prazer, à importância dada ao erotismo, ao modo como conciliam, ou não, a prática de actividades sexuais atípicas com outras dimensões das suas vidas e, por fim, aos balanços e perspectivas de futuro nesta área.

#### 4.3.1 A procura intencional de prazer

Ao longo da narrativa dos participantes foi possível apurar que o prazer pode ter uma tonalidade monocromática ou, pelo contrário, diversa, traduzindo uma mescla de vários tipos de prazer. Nesta procura intencional de prazer, os discursos dos participantes retiraram da invisibilidade um prazer de cariz físico, erótico, emocional e espiritual.

Para Francisco, *switcher*, 31 anos, o objectivo final de cada encontro BDSM é, exclusivamente, o prazer sexual sem barreiras.

O prazer final é sempre no âmbito sexual. O caminho de dominador ou submisso é apenas o eu verdadeiro, sem barreiras e julgamentos, a querer ir mais longe. Mas para mim é puramente sexual. Um prazer mais sincero, sem barreiras. Pois só nós podemos admitir até onde conseguimos ir (Francisco, *switcher*, 31 anos)

Da mesma forma, Filipe, dominador, 54 anos refere.

O meu fim é mesmo o orgasmo, bem carnal, de preferência de todos os participantes.

A maioria dos participantes, todavia, envolve-se nas práticas BDSM pelo prazer emocional e não tanto pelo prazer sexual. Joaquim, submisso, 56 anos, associa o prazer às emoções, descrevendo-nos um episódio que pode ser ilustrativo deste significado.

Não é nada fácil de explicar. É algo similar ao estado de paixão no enamoramento. Nestes dias, por exemplo, nada é mais importante para mim do que imaginar como vai decorrer a iniciação do processo de submissão a uma nova Dona. Já vesti vezes sem conta as calcinhas que ela me confiou, observando-me ao espelho. Imagino que me vai mandar pôr um aventalinho de empregadinha, sem mais nada, deixando exposto o meu rabo para eventuais castigos. Por me ter mandado comprar uma palmatória, desejo pela primeira vez, intensamente, que lhe apeteça dar-me umas boas palmatoadas no rabo! E, ao observar mesmo ao espelho, inconscientemente espicho-me como que a pedir esse desejado "castigo"! Como explicar estas emoções? Não sei mesmo. Ao regressar das minhas compras, fui à noite para o escritório onde, sozinho, pude dar início ao "treino" que me foi ordenado. Com que entusiasmo me enterrei no *plug*, desejando que a minha professora soubesse quanto me estava esforçando para lhe agradar... Não, não sei explicar. Mas para isso é que existem

os psicólogos, não é? É um estado de alienação. Como sabe o macho tem, em regra, um orgasmo, podendo ter mais um ou dois, dependendo do volume da ejaculação anterior. A explosão de prazer é extraordinária, provavelmente só comparável à que ouço dizer ser o orgasmo múltiplo na mulher.

Já Dinis, submisso, 57 anos, recorre ao discurso metafórico para a descrição deste prazer.

Como um maremoto. Uma intensidade avassaladora que nos faz vibrar até ao tutano, na tira o ar e nos faz perder a “consciência”. Entrega total. A perda do “controlo”. O único prazer, não comparável a coisa nenhuma. A vibração, a intensidade, a quase perda da razão. Nunca consumi drogas mas acredito que deva ser uma sensação muito parecida. Uma ansiedade prazerosa do coração a bater tão forte que se sente nos ouvidos. A quase falta de ar. As mãos e os lábios a tremer (Dinis, submisso, 57 anos).

Artur, submisso, 63 anos, associa à vivência do prazer a sensação de jovialidade, conforme é possível testemunhar pela leitura da passagem discursiva que se segue:

É difícil explicar por palavras o que sinto mas é como um relaxamento que a mente me pede para fazer sentir-me bem comigo próprio. Por vezes, como obviamente não consigo essas práticas, ando nu em casa e imagino que está uma mulher em casa a dominar-me e humilhar-me. É quase como uma situação em que estamos a atingir o orgasmo que é difícil de explicar por palavras. Sinto um alívio dentro da minha mente que tem de ser descarregado em qualquer momento. Será uma necessidade como outra qualquer que tem que ser concretizada que me faz sentir até mais jovem.

António, dominador, 34 anos, descreve o prazer emocional como algo que apazigua.

Esse prazer emocional é aquela necessidade que de tempos em tempos sinto necessidade de preencher. É procura para acalmar essa sensação. Depois da sessão fico mais tranquilo, é um sentido de preenchimento que sinto ao subjugar a parceira às minhas vontades.

Alfredo, dominador, 52 anos, acrescenta que:

Naturalmente cada um tem a sua própria postura e vontade. Ambos (prazer erótico e emocional) estão muito próximos e por vezes tocam-se. É a satisfação em se ter atingido um determinado objectivo e também a satisfação ao ver, embora de forma diferente, a satisfação do Sub em ter agradado ao seu Dom. É difícil traduzir em palavras essa sensação.

Maria, submissa, 51 anos, assume, igualmente, a existência de um equilíbrio entre o emocional e o sexual.

A prática mexe muito comigo, quer emocionalmente, quer a nível do prazer. Leva-me a níveis elevadíssimos de adrenalina. Este prazer existe em mim e no meu Dom. Eu sinto prazer e orgasmos e por saber que o dom está a sentir prazer também é gratificante para mim.

André, dominador, 45 anos, paralelamente ao prazer emocional, introduz uma dimensão prazer espiritual associada ao prazer.

Para mim a dominação é mais importante do que o sexo. Já tinha referido que muitas das sessões que faço, são sem sexo envolvido ou pelo menos sem penetração. Tenho pessoas na minha vida para praticar sexo mais erótico, na dominação é normalmente sexo digamos com “tesão”, sexo mais selvagem, desculpando os termos. É uma mistura de prazeres, tem algumas coisas que se fazem que dão mais prazer emocional, por exemplo, dar determinada ordem difícil e saber que ela está a ser cumprida, outras dão mais prazer espiritual, como costume dizer, é um mundo fantástico. O prazer espiritual nada tem que ver com a religião mas sim com uma paz comigo mesmo, uma paz interior quando o faço. Essa paz interior dá-me tranquilidade mesmo no meu mundo fora do sadomasoquismo (a nível profissional, social, familiar) preenche espaços que não estariam preenchidos caso não vivesse este mundo paralelo. Acho que o melhor exemplo é dizer-lhe que vivo sozinho mas não sinto verdadeiramente a solidão porque há algo que compensa.

O prazer foi ainda referido por Rodrigo, submisso, 36 anos, como tendo uma natureza heterogénea.

É um misto de sensações, de respeito, prazer, nervosismo e adrenalina.

#### **4.3.2 A importância do erotismo**

O erotismo foi descrito pelos participantes como essencial para que seja activado o desejo e a excitação sexual.

##### **4.3.2.1 Fantasias e restrições**

Quando convidados a falar sobre as suas fantasias, os discursos dos participantes deram visibilidade a uma pluralidade de pensamentos, mas também de restrições. Começando pelas fantasias:

A chuva dourada e chuva negra, vestir cuecas de senhora e submissão. Não é todo o BDSM, só a parte da dominação por parte da mulher em relação ao homem e penso que algum infantilismo da minha parte, pois gostei da primeira vez que uma mulher me fez chuva dourada e pediu para que eu usasse fraldas e chupasse os peitos dela, pois tinha sido mãe há pouco tempo e tinha ainda leite (Vasco, submisso, 39 anos).

Humilhação, ser usado psicologicamente, agredido verbal e psicologicamente, ordenarem-me que me ponha numa determinada posição, chamarem-me nomes, cuspirem-me para cima. Chupar e ser chupado enquanto vemos fotos da minha ex-namorada e lhe chamam nomes. Humilhações verbais acima de tudo. Gosto de ser ofendido e tratado como uma puta. A nível físico, gosto que se venham em cima de mim, levar estalos na cara. Enquanto dominador, dominar, comer a outra pessoa sem que ela possa fazer nada, humilhá-la e castigá-la. Como dominador só castigo mulheres, gosto de comer-lhes a boca até se engasgarem e salivarem imenso e enrabá-las enquanto lhes chamo nomes, puta, vaca, filha da puta, etc (Francisco, *switcher*, 31 anos).

*Pet-play*, onde desempenho o papel de um animal de estimação. Tenho uma sensação de prazer quando a outra pessoa o faz. Humilhações verbais, tanto esta prática como a anterior apenas é benéfica em pessoas com boa autoestima, como era o meu caso, caso contrário pode gerar alguns problemas para o submisso. *Facesitting*, controlo da respiração do submisso ou sexo oral, sentando-se a pessoa sobre a minha cara. O *facesitting* tem duas formas: uma de controlo, onde controlava a minha respiração, podia ser 30 segundos a 1 minuto quando eu estivesse no meu limite, batia com a minha mão direita duas vezes no chão e depois era sexo oral à minha Rainha, a minha fonte de prazer seria dar prazer. *Bondage e Shibari* muito relacionada com a questão da dominação e submissão onde perdia o controlo dos meus membros (estava amarrado) e cedia o controlo à outra pessoa. *Bodyworship e Assworship* estavam incluídas no cerimonial de adoração à Rainha. E depois, inversão de papéis ou simulação masculina e ser *Sissy*, eram práticas onde sentia prazer em ser penetrado pela minha Rainha e (peço desculpa pelo termo usado) onde era a sua putinha. O CBT (tortura genital) e o *Spanking* eram práticas usadas para me disciplinar, quando me portava mal, mas apesar de não me considerar sádico, a dor causada, em especial no CBT, dava-me prazer e o objectivo era mesmo causar dor para sentir esse prazer (Miguel, submisso, 24 anos).

Vou dar um exemplo específico: tenho um submisso jovem (30 anos) que se diz hetero, noto que se recusa a assumir-se como homo ou bi. Submisso que nunca vi (ou tinha visto) com uma erecção, algo do qual já tínhamos conversado na última vez que ele veio aqui, um dos maiores prazeres dele é *spanking*, sem lhe dizer resolvo pô-lo à prova. Depois de o castigar bem, sem ele estar imobilizado, amarrei-o à cama e aí comecei a castigá-lo de forma muito intensa mesmo. Acredite que foi a primeira e única vez que o vi erecto, quanto mais o castigava mais excitado ele ficava! Entende o porquê dos submissos se excitarem ao serem dominados, ao lhes ser administrada dor ou humilhação? Tenho muita vontade de explorar agulhas, da mesma forma que quero fazer suspensão, mas é preciso ter segurança para o fazer. Agulhas quero fazê-lo como arte, penso que já viu obras de arte com agulhas, embora possa usá-las como forma de castigo e de administrar dor. A suspensão é uma variante do *bondage*, que eu adoro e quero explorar mais. Embora sendo limite para quase todos, gostava de um dia ter um/a submisso/a que aceitasse ter uma marca permanente, feita a através de *branding*. Uma marca permanente só farei com alguém que me seja fiel e saiba de antemão que vai ser minha posse por muito tempo, talvez para toda a vida, e é uma forma de a marcar, dizendo “pertencem a fulano de tal”. Ver a minha “marca” gravada no corpo de uma submissa, claro que significa muito para mim, é uma demonstração de entrega a 100% (André, dominador, 45 anos).

Imobilização, o sentimento de impotência, de indefesa que se impõe a outra pessoa, perceber que tem a nítida sensação que está completamente à mercê do seu Dom, por vezes o pânico, o medo no olhar. Dominação, humilhação e um pouco de *spanking*, a satisfação em ter atingido um determinado objectivo e também satisfação ao ver embora de forma diferente a satisfação do Sub em ter agradado ao seu Dom, por exemplo, ao ser castigado, ter de agradecer por isso. É difícil traduzir em palavras essa sensação. Muito raramente as práticas envolvem penetração, sexo oral sim, é frequente, como forma de subjugação (Alfredo, dominador, 52 anos).

Sinto um especial enlevo se me faz vestir uma calcinha bem feminina e me trata como uma ordináriazinha que está ali para satisfazer os seus caprichos. E quanto mais humilhantes mais prazer sinto. ADORO ser submetido a *facesitting*! Sentir a minha Dona esfregar-se com vontade, abrir as bochechas com as mãos e dizer-me para fazer “*o que gostas, minha safada, lambe esse cuzinho e mete a língua para dares gozo à tua Dona, minha puta!*”. Fico sôfrego, lambendo e mamando sem parar, sentindo um imenso orgulho se a sinto alagar-se e a ouço gemer, mandando para eu não parar. “Subo as paredes” se uma Dona afivela um  *strapon* e me manda, sem me pedir opinião, por em posição para me penetrar. Mas só sinto real prazer se perceber que gosta MESMO de me humilhar dessa forma. A minha última Dona era entusiasta desta prática e, frequentemente, abria-me a porta do seu apartamento já com o caralhinho de cintura posto. “*Vá, Little Sissy, vá vestir a sua calcinha de puta que estou doida para comer esse cuzinho. Fizeste o que eu mandei? Treinaste durante a semana? “Não quero ouvir-te berrar com dor, vais gemer como uma puta e vais pedir mais e mais. Não é?”* Eu assentia sempre, doido de excitação com a forma como me tratava. E, porque sabia que isso a divertia, muitas vezes tomava a iniciativa de lhe pedir, suplicar mesmo. Também me dá um enorme prazer ser submetido e penetrado, estando uma amiga (ou conhecida) da minha Dona a assistir e a comentar, trocando dichotes humilhantes a meu respeito

e rindo-se de mim. "Já viste como esta puta se contorce? Tem mais tesão no cu do que na picha! Por vezes até chora para que eu a enrabe, a cabrona!". E a amiga ri-se e aproveita para roçar o rabo na minha cara. Desespero por ser humilhado regularmente, desde que fiquei sem Dona. Passo o tempo a idealizar o mulherão que poderá aceitar-me, quais os seus gostos e "perversidades". Ensaio, às escondidas, comportamentos de uma *sissy* assumida que lhe possam agradar. Tenho uma malinha, no escritório, bem fechada, onde guardo uma colecção de calcinhas e cintos de ligas, que quase todos os dias "provo", na casa de banho, para me decidir sobre quais as mais *sexy* para me apresentar a uma nova Rainha! E, sobretudo, sofro horrores por não ser "comido" por uma amazona já há alguns meses! É estúpida a consideração mas ser submetido e sodomizado por uma mulher é uma forma de me sentir amado. E, parece parvo dizê-lo, mas sou estupidamente romântico. Encontrei a forma de me dar totalmente a uma mulher. Quanto a "chuva dourada" é necessário que uma Dona tenha já um grande ascendente sobre mim, um domínio total que me leve a querer agradar-lhe em TUDO. Então, se perceber que isso lhe dá prazer, sou mesmo capaz de pedir e implorar. E sinto um real prazer psicológico ao constatar o semblante de triunfo da minha Rainha. Aconteceu meia dúzia de vezes. Em geral sinto desejo de me sujeitar a todas as formas de humilhação que maior prazer dão a cada uma das minhas Donas (Joaquim, submisso, 56 anos).

Humilhação verbal e física. Dentro da humilhação física, a utilização de chicote, chibata, vendada, amarrada com cordas, uso de coleira, *spanking* e a utilização de brinquedos para ser masturbada. Há uma prática que gostaria de experimentar, talvez pela posição, seria de pé, amarrada a uma estrutura (Maria, submissa, 51 anos).

Sou bastante eclético, na dominação tudo, desde cordas, vibradores, penetrações com dilatadores, chicotes, chibatas, *fisting*, masturbação por ordem. Na submissão, mais imobilização, não tanto castigos físicos, penetrações mais leves, comportamentos forçados, como masturbar por ordem e na medida ordenada, *cunnilingus* ordenado, chuva dourada. Em nenhum dos casos tenho prazer na humilhação verbal, parece-me muito teatral. Gostaria de ver uma dominadora a preparar-me uma submissa, com castigos físicos que a deixassem incapaz de recusar fosse o que fosse. Tenho uma certa curiosidade pelos aparelhos de choques eléctricos mas nunca fiz e gostaria de usar uma bomba de clítoris, para o tornar bem saliente e o usar como entendesse (Filipe, *switcher*, 54 anos).

Adoração, submissão incondicional, humilhação, feminização (se caso disso), castigos e muito mas MUITO *roleplay*. Eu gostava de escrever previamente uma espécie de cenários (normalmente discutidos ao detalhe com a outra pessoa), definimos ambas as personagens e depois "representávamo-las". Quase como um guião de um filme, mas sempre com a liberdade de alterar a qualquer hora conforme os desejos emergentes. Quando falo de castigos, estou a falar de punições físicas. Começa normalmente com o ajoelhar diante da Dona/Mestre/Patroa/Governanta/Professora, o que for, a colocação eventual de uma coleira, seguido de beijinhos nos pés. Assim chegamos aos castigos, como deve imaginar de entre chicotes "cat-of-nine-tails" e *bullwhips*, chibatas de todos os feitios e "paddles" a "arma" preferida de longe da nossa amiga Helena, são as chinelas. Desde as *flip flop* de borracha tipo Havaianas ou Ipanema passando pelas rasteirinhas (usando a expressão brasileira) de couro. Só não dá se tiverem plataforma. Os castigos dependiam dos gostos da outra pessoa (a Helena podia parecer muito altiva, quiçá malvada, mas existia um tremendo respeito pela outra pessoa e pelos seus desejos e fantasias). Como disse, as chineladas era quase "default". Mas também havia *trampling*, *gags*, *cuffs*, chibatas e chicotes. Às vezes a Helena até calçava uns *Stiletto*s ou botas altas para agradar à outra pessoa. As humilhações passavam por transformar a outra pessoa em criada, por exemplo, claramente subalterna, obrigá-la a ser servil, apresentar-se sempre ajoelhada, dar-me a trela, baixar os olhos, falar baixo, acompanhar a Dona nas refeições mas debaixo da mesa, com um prato no chão, servir de banco ou tamborete para a Helena retocar a maquilhagem, reduzi-la à condição inferior, verbalmente chamando-lhe nomes, enaltecendo as qualidades da Helena, mostrando-lhe o privilégio que tinha de ter uma Dona tão elegante e poderosa, aumentando ao máximo o fosso social Dona/Criada. O meu preferido de sempre é Criada/Filha da Patroa, mas isso porque tive uma experiência real muito novo. A inversão tem a piada de normalmente para quem é subalterno, descobrir e aproveitar uma ou mais fraquezas do seu superior e vira o jogo. Foge ligeiramente ao padrão mais tradicional, onde as coisas já estão, naturalmente definidas à partida. Os cenários

partilhados e quase co-escritos têm a vantagem de conter cenas que agradem a ambas as partes, têm menos probabilidade de “falhar”. O Dinis é menos BDSM, mais *soft*, mais fetiches, mas com grande paixão. O Dinis tem fetiche por pés e chinelas/sandálias dos pés à cabeça mas como beijar os pés é um acto de submissão, o BDSM só entra quando o Dinis sente um desejo desesperado de apanhar com essas chinelas (Dinis, submisso, 57 anos).

Exibicionismo, servilismo. Sinto uma ânsia dentro de mim por uma mulher ou mulheres que me estejam a ver, vejam que apesar da idade tenho um corpo de 40 anos e um pénis grande e grosso e isso dá-me muito prazer. Por isso gosto muito de ir a praias nudistas quando estou sozinho e gosto de ficar com erecção. Excita-me mostrar o meu pénis ao sexo feminino e dizer as medidas (17x5cm real) embora saiba que para a maior parte das mulheres isso não é muito importante *Dogging e Carparking*. Outra situação que gostaria de realizar era eu deitado e uma mulher em cima de mim e ser obrigado a saborear o seu sexo em cima da minha boca e depois, de repente fazer me chuva para a boca (Artur, submisso, 63 anos).

Sexo oral com garganta funda, *gagging, facefucking* (estando manietada), sexo anal, botão rosa, humilhação física e verbal (estas estão na fronteira do comum e do BDSM) (António, dominador, 36 anos).

*Crossdressing/feminização, sissy training, pet training, spanking* (com acessórios ou manual com chapadas e palmadas), obediência e disciplina sempre diariamente, humilhação aqui sobre várias formas, quer públicas quer privadas, já passei um pouco por todas, só o facto de levar dois ou três pares de estalos, humilha sem dúvida ou ter de lambar o chão que a dona pisa e claro, os insultos humilha psicologicamente mas mentalizamo-nos como Sub, podolatria, chuvas de prata e dourada um pouco constante, fui baptizado como cão assim, o meu baptismo foi com chuva e *facesitting* que sempre encarei como um privilégio, encaro como um privilégio tocar na dominadora e de certa forma ter o prazer de lambar e senti-la (Rodrigo, submisso, 36 anos).

Paralelamente às fantasias, surge no relato dos participantes a referência àquilo que consideram ser as restrições, englobando-se, nesta categoria, as práticas que já exploraram e que não equacionam repetir e aquelas que, mesmo sem terem experienciado, julgam, à partida, não vir a envolver-se.

Experimentei Castidade mas foi demasiado doloroso e não creio voltar a repetir (Miguel, submisso, 24 anos).

Das práticas que experimentei e não gostei foi queimadura com cera. Não gosto, em geral, de qualquer prática que envolva dor física, a não ser que seja suave e claramente associada a humilhação, como, por exemplo, umas boas e severas palmadas no traseiro (Joaquim, submisso, 56 anos).

Chuva de prata, não apreciei (Filipe, *switcher*, 54 anos).

Submetendo-me e sendo submisso de alguém não tenho esse poder de decisão, limito-me a passar por isso e calar, mas como é obvio há algumas que me fazem engolir em seco claro. Mijarem-me em cima ou na boca e com ordem de engolir, humilhação pública, bi forced sem dúvida para mim das mais exigentes e que custa (Rodrigo, submisso, 36 anos)

Alfredo, contrariamente aos restantes participantes, afirma:

Até hoje não houve nenhuma que houvesse arrependimento (Alfredo, dominador, 52 anos).

No que concerne às práticas que julgam considerar não ter curiosidade em explorar, os testemunhos apurados são ilustrativos da concepção que fazem face a algumas práticas.

Já me sugeriram *Scat*, mas isso não (André, dominador, 45 anos).

Práticas que envolvam sangue, agulhas ou electroestimulação e também chuva dourada ou negra, estão fora de questão (Miguel, submisso, 24 anos).

Qualquer uma onde esteja colocada em causa padrões de higiene básico (Alfredo, dominador, 52 anos).

Práticas que interfiram com a higiene (urina e fezes) e práticas que interfiram com a minha segurança e saúde (Maria, submissa, 51 anos).

Nunca aceitarei práticas que envolvam qualquer participação de outros homens. Só gosto mesmo de mulheres. No entanto, já diversas vezes hesitei em aceder ao pedido de uma Dona que insistia em querer ver-me a ser comido por um/a transexual. Insistia que algumas são mais femininas e sensuais que muitas mulheres (e é verdade) e que, afinal, em vez de usarem um brinquedo para me "foderem", me comeriam com um caralho de verdade. Resisti então mas não posso jurar que venha a resistir sempre. Porque tenho visto fotos de algumas que são autênticas belezas e na minha cabeça já não são homens mas "mulheres com pau de carne". Acho que se uma Dona me "armar" uma situação de, em vez de uma amiga, fizer assistir ao seu exercício de dominação uma transexual bem sensual que, inesperadamente, me "surpreenda", receio bem que cederei. Aliás, tenho quase a certeza disso, tantas têm sido as vezes em que me ponho a imaginar a situação (Joaquim, submisso, 56 anos).

Onde exista dor, pedofilia ou algo que seja motivo de punição judicial, isto é para nos sentirmos bem e não, por exemplo o que aconteceu ao Carlos Cruz (Artur, submisso, 63 anos).

Não vou à experiência. Nesse aspecto, a minha cabeça está muito arrumadinha: sei exactamente o que mexe comigo e com a Helena. O que não quer dizer que não possa haver coisas que desconheça e que se experimentasse, até poderia descobrir gostar. Há muitas coisas que não me atraem, como tal, à partida, não gostaria de experimentar (Dinis, submisso, 57 anos).

*Scat* e algo que envolva sangue (António, submisso, 34 anos).

#### 4.3.2.2 A novidade

As práticas envoltas num certo mistério, o ser surpreendido, fazer coisas inesperadas e sair da rotina são alguns dos elementos que caracterizam o erotismo, tal como podemos constatar:

Decidiu um dia pôr-me à prova e exigiu pôr-me um "cinto de castidade" durante uma semana (guardando a chave com ela), sabendo o enorme risco que eu corria se, por qualquer acaso, fosse descoberto. Aquela semana foi talvez a mais excitante da minha vida. Para além de ter de evitar qualquer contacto com a minha mulher, fui obrigado a usar de extrema cautela para não poder ser surpreendido. Sentir o "clítoris" aprisionado dentro de uma caixinha de plástico, obrigava-me a pensar constantemente na minha Dona e no "prémio" que ia merecer pelo meu sacrifício. Quase não dormi naqueles 8 dias, preocupado com qualquer "toque" se estivesse adormecido... E toda

aquela situação me provocava uma "tesão" incontável que só amainava com a dor que sentia quando o volume já não aguentava o "cárcere" que o continha. Mas sentia-me orgulhoso de ser capaz de suportar aquilo para agradar à minha Dona e não tenho dúvida de que também ela se sentiu "amada". Como prémio recebi uma "calcinha" linda e, pela primeira vez, a minha Rainha acariciou-me o "clítoris" enquanto me "comia", incitando-me a libertar o meu "veneno" e não me ralhando quando lhe sujei abundantemente a cobertura do sofá. *"Vem-te minha puta, nunca mexeste o cu com tanta alegria, que gozo me estás a dar."* Estava mais excitada do que o costume e não teve complacência mesmo sabendo que eu já me tinha "entornado", continuando a bombar-me, ao mesmo tempo que me repuxava o órgão já frouxo. (...) [Numa outra ocasião] cheguei a sair para trabalhar vestindo uma calcinha de cetim bem feminina, alimentado, na minha imaginação, que alguma colega adivinhasse a situação! Cheguei a sonhar que algum dia uma juíza me "topasse" e decidisse tomar-me como escravo sexual. Passei alimentar uma grande atracção por mulheres fardadas, polícias ou enfermeiras (Joaquim, submisso, 56 anos).

Sair do habitual, novidade, conjugação de práticas para o mesmo fim, com transferência de poder (Filipe, *switcher*, 54 anos).

Sempre tive vontade de fazer sexo *gay*, sempre me excitou mas somente depois de embarcar neste navio do BDSM dei esse passo (André, dominador, 45 anos).

Um novo estímulo, vontade de conhecer mais, estudar formas de ter e dar prazer através deste modo, ir aperfeiçoando métodos, técnicas, encontrando novos utensílios, novas pessoas que queiram ser submetidas, irmo-nos refinando e, no fundo, nunca deixar cair de novo a rotina, o que é algo difícil porque cada submisso que se encontra é uma pessoa diferente, de diferente personalidade, logo isso requer sempre um tratamento diferente (Alfredo, dominador, 52 anos).

Trouxe descoberta do prazer com estas práticas sexuais e abertura para descobrir outras práticas futuramente (Maria, submissa, 51 anos).

#### 4.3.2.3 A transgressão

Situações proibidas e transgressoras concedem a estas práticas uma componente que as torna ainda mais apetecíveis para os seus adeptos.

Para António, dominador, 34 anos, parte da excitação reside no interdito e para Joaquim, submisso, 56 anos, no receio de ser descoberto.

O facto de ser proibido dá uma carga maior de excitação, é algo que não acontece todos os dias, logo quando acontece, sim é um acontecimento muito atractivo e atraente (António, dominador, 31 anos).

Penso que o secretismo é uma componente essencial do "tesão" que a sua prática proporciona e o permanente receio de ser descoberto, também (Joaquim, submisso, 56 anos).

A nosso pedido, o mesmo participante descreve uma das suas experiências:

Uma delas ocorreu logo quando estava a ser iniciado pela minha primeira Dona. Estava confuso e num permanente estado de excitação. Com frequência tinha a tentação de ir à gaveta da minha mulher (quando sabia que estaria ausente por algum tempo) e vestir uma das calcinhas mais femininas, querendo imaginar como reagiria a minha Dona. Nesta fase a minha confusão era grande. Tinha uma empregada doméstica, com cerca de 30 anos, algo sensual e descontraída.

Sempre fui muito formal e distante na relação com as empregadas. Mas, desorientado como andava, senti um desejo enorme que ela me "surpreendesse" usando uma calcinha da patroa. Escolhi um momento em que ela andava na lida próxima do quarto e, deixando a porta estrategicamente entreaberta para que ela me pudesse ver, despi-me, como se fosse para o banho, e em frente do espelho, pus-me a provar uma, e depois outra, calcinha bem provocante. Pelo espelho podia ver se ela me observava, o que aconteceu pouco depois. Ficou especada, de expressão espantada, sem desviar o olhar. Senti uma excitação imensa e, contra minha vontade, o "membro" inchou rapidamente e, literalmente, saltou pelo lado da calcinha, incapaz de o conter. Nunca esquecerei a reacção dela, a sua expressão. Era evidente que tinha percebido que eu me estava exibindo para ela propositadamente. Mas sorriu, parecendo-me então que com um certo ar de orgulho (por, como mulher, me ter despertado desejo?). Tive de me ir masturbar de imediato, na casa de banho. Em seguida senti-me envergonhadíssimo e quase entrei em pânico com receio de que ela fosse contar à minha mulher. Paradoxalmente, esse receio também me excitava. Quando me apronte e saí do quarto falei-lhe normalmente e ela respondeu-me como se nada se tivesse passado. "Aquilo" não tinha acontecido... Este "segredo" entre mim e a empregada excitou-me durante longo tempo. E, paralelamente às sessões que tinha com a minha Dona, não resistia a exhibir-me para a empregada, mostrando-me cada vez mais ostensivamente. Firmámos tacitamente um pacto de silêncio. Podia eu sair para a sala com uma curta toalha à cintura que deixava ver o meu caralho fortemente erecto que ela nada dizia, seguindo-me no entanto com o olhar. Nunca nos olhávamos directamente. E nunca houve, da parte dela, qualquer "indirecta" sobre a situação. E eu ia forçando a situação. A certa altura vinha para a sala, quando a ouvia aspirar, apenas com uma toalha enrolada a cintura e estendia-me no sofá, fingindo ler o jornal. Ela punha-se em frente, sempre com o aspirador ligado, e desfrutava do "panorama" que eu lhe proporcionava, com a toalha a já não esconder em nada o caralho erecto e a vibrar de tesão. E sempre sem uma palavra, de um ou de outro. No princípio, o receio de que ela, de um momento para o outro, me denunciasse, excitava-me tremendamente. Tinha-me colocado por minha iniciativa nas mãos dela. E isso foi também uma forma de submissão (Joaquim, submisso, 56 anos).

### **4.3.3 Conciliações (im)possíveis**

#### **4.3.3.1 Entre o público, o privado e o secreto**

No universo BDSM os relacionamentos íntimos revelam-se complexos, a maioria dos participantes assume estar envolvida paralelamente numa relação “baunilha” explicando os motivos que os levam a manter oculta esta faceta. André, dominador, 45 anos, apenas se revelou de forma efectiva como adepto das práticas BDSM na fase pós divórcio:

Fui casado durante dezassete anos e estas práticas nunca entraram no meu casamento, porque a minha esposa era muito conservadora. Também nunca o fiz fora do casamento. Apesar de separados, continuamos bons amigos e temos conversado mais sobre este tema, agora do que quando éramos casados. Tentei falar disto, iniciar de uma forma subtil, mas nunca resultou. Acho que há muito mais abertura dela neste momento. Agora sabe o que sou, o que faço e, apesar de a notar um pouco reticente, também a noto mais curiosa em relação ao BDSM. A minha personalidade é a mesma mas separo o BDSM da minha vida familiar, social e profissional, o que não significa que na vida profissional, por exemplo, não olhe para certos atributos físicos ou certas personalidades de pessoas que se cruzam comigo e não pense “como adorava ter-te aos meus pés” (André, dominador, 45 anos).

Joaquim, submisso, 56 anos, reforça a necessidade de existir um fosso entre aquilo que considera ser a sua vida pública e familiar e o mundo BDSM.

Na minha vida pública e familiar sou completamente “certinho” e conservador. Se achasse graça, e não acho, a ser humilhado pela minha mulher, tratado como uma putinha e até enrabado, seria inevitável que, quando surgisse qualquer crise, isso me fosse atirado à cara. Para mim o encanto é maior precisamente quando sou submetido por uma desconhecida, com a qual não tenho qualquer ligação fora desse contexto. Por isso também não concebo ter uma relação d/s com uma amiga. Acho que a amizade não resistiria. Acho mesmo insustentável uma relação BDSM entre um casal. Ou não é autêntica, sendo apenas um “jogo” esporádico e divertido, ou pode não resultar. Não me imagino a ter prazer a ser humilhado pela minha própria mulher. Pelo menos no meu caso, o prazer de me submeter a uma mulher pressupõe uma relação clandestina e secreta, inclusivamente dos amigos. Acho que a prática d/s entre um casal necessariamente conduzirá a uma degradação da relação conjugal. Uma relação d/s entre duas pessoas que, na vida “normal” se respeitam (ou devem respeitar-se) só pode ser um fingimento, uma representação, e nessa medida não me proporciona prazer. Tenho de acreditar que a minha dominadora sente mesmo desejo de me humilhar, me rebaixar e sente prazer com isso. Acreditar que a minha mulher quereria genuinamente rebaixar-me é um pouco confuso e irrealista. Na vida social e na vida profissional “normais” estou habituado a ser reverenciado pelas pessoas que me prestam serviços e que me tratam por “Sr. Dr.”, e o “Senhor”, são atenciosas e tentam agradar-me, isto é, implicitamente eu estou habitualmente numa posição de preponderância e recebedor de atenções (Joaquim, submisso, 56 anos).

Apesar de actualmente se encontrar separado, Alfredo, dominador, 52 anos, nunca partilhou com a sua companheira o interesse pelas práticas BDSM:

Nunca partilhei, de todo. Pela educação demasiado rígida dela, falta de interesse ou abertura para variantes bem mais *softs*. E, claro, o meu respeito pela sua vontade e, naturalmente a pouca vontade de ser rotulado por quem está ao nosso lado, de tarado ou algo similar (Alfredo, dominador, 52 anos).

Algo foi igualmente relatado por Artur, submisso, 63 anos, actualmente separado:

Nunca partilhei com a mulher que vivi! Aliás, esse é o problema de muitos homens, procurarem aquilo que não conseguem ter em casa. Actualmente, dou aulas no sector do mar, faço projectos, estou a tirar um curso de avião ultra-leve, nunca me vou considerar velho, velhos são os trapos (Artur, submisso, 63 anos).

Para Joaquim, submisso, 56 anos, existem duas “vidas” distintas:

(...) uma, a que chamo “normal”, no âmbito familiar, profissional, social e outra “secreta”, em que me dispunha a agradar em tudo à mulher que conseguir descobrir e explorar as minhas “fraquezas” (Joaquim, submisso, 56 anos).

De igual forma para Gustavo, submisso, 39 anos:

Na minha vida privada, numa relação, nunca pus isto em prática (Gustavo, submisso, 39 anos).

Para António, dominador, 34 anos, o BDSM é uma extensão secreta das restantes que compõe a sua vida.

A minha vida inserida na sociedade não tem qualquer ponto em comum com o BDSM. Muito por culpa do estigma. Trabalhei numa multinacional onde existe uma “sociedade” BDSM grande, quando trabalhava em Lisboa, era uma grande fonte de “recrutamento”. Infelizmente, comecei no mundo BDSM antes de a conhecer (a esposa), não gostou da abordagem ao tema e às suas práticas. São sentimentos complicados, a relação com a minha mulher é muito saudável e feliz, à qual se junta dois filhos. A questão do BDSM é algo completamente à parte. Tendo uma vida “normal” tenho necessidade do preenchimento de algo que a sociedade não aceita. No meu caso sou adúltero para saciar esta necessidade. Se ela partilhasse o interesse pelo BDSM ficaria circunscrito às práticas em casal, não é desculpar, sei e tenho consciência do que faço, mas a necessidade de procurar “esse conforto” é mais forte. O BDSM é completamente estanque da restante vida. É como se o BDSM ficasse numa dimensão à parte, uma fenda no tempo e no espaço (António, dominador, 34 anos).

Pelo contrário, Dinis, submisso, 57 anos, refere que o seu envolvimento nas práticas BDSM é do conhecimento da sua esposa que, de resto, participou, numa fase inicial, nas mesmas.

Enquanto homem e marido sou querido e amoroso, ultra sensível, sinto a honra e a nobreza de um cavaleiro medieval e ferver em pouca água. Mas quem se aproxima e me conhece bem, não gosta de mim: Adora-me. Sou casado há 27 anos e tive sexo com a minha mulher centenas de vezes, das quais resultaram duas filhas lindas mas o prazer que se obtém através do BDSM não é comprável a coisa nenhuma. A minha esposa sabe, até porque como já referi, houve uma altura em que tínhamos alguma convivência (Dinis, submisso, 57 anos).

A maioria dos participantes que entrevistámos considera que, regra geral, os outros têm uma representação negativa relativamente aos praticantes de BDSM. A percepção do estigma face a estas práticas influencia os participantes a ocultar esta componente, criando espaço para uma dimensão secreta das suas vidas.

Miguel, submisso, 24 anos, entende que o facto da descoberta das suas práticas BDSM levaria a uma mudança na forma como muitos o vêem.

Acredito que muitas pessoas que me conhecem me veriam de outra forma se soubessem que sou praticante de BDSM (Miguel, submisso, 24 anos).

Esta preocupação parece ser partilhada por outros participantes, tais como Maria, submissa, 51 anos.

Tenho uma “imagem” há muitos anos, tenho a certeza que perante a sociedade em que vivemos seria rotulada de estar com alguma patologia. Acabamos por ter uma vida paralela, em que interpreto um papel de submissa, durante determinado tempo com outra pessoa que é dominadora (Maria, submissa, 51 anos).

Joaquim, submisso, 56 anos, reconhece que seria assustador caso fosse descoberto que, também ele, é um praticante BDSM.

Não conheço (a não ser, porventura, pessoas associadas), alguém que assuma publicamente as suas [práticas BDSM]. [Caso fosse descoberto] Sentia uma imensa vergonha. E aterrorizava-me a hipótese de que alguém das minhas relações, familiares ou de amizade, pudesse descobrir esta minha faceta. Mas, paradoxalmente, esse sentimento de vergonha (que se mantém) causa-me prazer! Habituei-me a redobrar as cautelas para não ser "descoberto" (Joaquim, submisso, 56 anos).

O mesmo cuidado em relação à ocultação é partilhado por Alfredo, dominador, 52 anos, ressaltando o facto de esta faceta não o tornar diferente do original.

Não tenho que dar satisfações a ninguém das minhas práticas. Naturalmente, tenho cuidado por razões familiares, para que os meus filhos não sejam afrontados por minha causa, mas também não faço questão de embandeirar que sou Dom, é uma faceta minha que faz parte da minha privacidade. Essa faceta não faz de mim uma pessoa diferente no meu dia-a-dia, quer profissional, quer socialmente, quer a nível familiar. Quando estou numa sessão é como que se encarnasse um papel. Quando termina a sessão, fico a mesma pessoa de sempre, sociável, bem-humorado, amigo, calmo (Alfredo, dominador, 52 anos).

Dinis, submisso, 57 anos, reconhece que a barreira que separa o BDSM e a sua vida social é imperscrutável.

Tudo o que sai do “padrão” é hipoteticamente mal aceite. A sexualidade é só mais uma dessas formas. Só falava disso com aquela pessoa especial que também se envolveu nas práticas BDSM aquando da minha esposa. Não posso falar disto com ninguém. Morria de vergonha se soubessem. Os meus melhores amigos, principalmente amigas (felizmente tenho muitas) que me acham uma pessoa simpática, “normalíssima”, iam ficar eventualmente chocadas. E também, isto não é tema de conversa de café. Como poderia alguma vez abordar o tema? E não, não suportaria que me olhassem/vissem com outros olhos, diferentes. Prezo demasiado as minhas amizades para poder correr “riscos”. Poderiam pensar que eu não era aquele rapaz certinho, doce e amoroso que acham que eu sou. Isso não muda em NADA a minha forma de estar/pensar mas, poderia mudar os olhos dessas pessoas. Não estou em condições psicológicas de perder amigos/as. Pode achar que é covardia, um lobo em pele de cordeiro, etc. Mas, em relação a isso não me apetece fazer nada (Dinis, submisso, 57 anos).

Para Rodrigo, submisso, 36 anos, a possibilidade de ser descoberto obrigaria a mudanças com impacto na vida social e pessoal.

Poderiam pensar tudo e mais alguma coisa, seria uma humilhação enorme na sociedade e o fim de uma vida na área de residência (Rodrigo, submisso, 36 anos).

#### 4.4 Balanços e perspectivas de futuro

Considerando a importância das práticas BDSM para os seus praticantes, quisemos aferir os seus balanços em termos de experiências vividas e as suas perspectivas futuras neste campo. No que concerne aos balanços e, mais concretamente, àquilo que o BDSM trouxe de novo à vida dos praticantes, Gustavo, submisso, 36 anos relata:

Adiciona novas emoções, é como um pouco de molho picante na comida, não se faz sempre mas quando se faz, transpira-se, sinto-me bem. Acho muito divertido experimentar coisas novas e até saudável. Acho que toda a gente devia experimentar tudo, infelizmente as pessoas não têm coragem (Gustavo, submisso, 36 anos).

Para Miguel, submisso, 24 anos, a par do fascínio, da entrega e do todo o cerimonial BDSM, estas práticas representam uma nova forma de explorar a sua sexualidade.

Tudo aquilo me fascinou, em especial a entrega a outra pessoa e também toda a envolvimento “cerimonial” do BDSM que é muito interessante. Trouxe uma nova forma de explorar a minha sexualidade (Miguel, submisso, 24 anos).

Para Alfredo, dominador, 52 anos, o envolvimento nas práticas BDSM representa um novo estímulo instigado por um processo de aprendizagem contínua.

Um novo estímulo, vontade de conhecer mais, estudar formas de ter e dar prazer através deste modo, ir aperfeiçoando métodos, técnicas, encontrando novos utensílios, novas pessoas que queiram ser submetidas, irmo-nos refinando e no fundo nunca deixar cair de novo a rotina, o que é algo difícil porque cada submisso que se encontra é uma pessoa diferente, de diferente personalidade, logo isso requer sempre um tratamento diferente (Alfredo, dominador, 52 anos).

Para Joaquim, submisso, 56 anos, o BDSM é sinónimo de emoção.

Sobretudo trouxe emoção. Emoção é emoção. Tornei-me, de certa forma, “ninfomaniaca”, psicologicamente sinto-me uma “puta”! Se eu perceber que uma mulher sensual quer divertir-se à minha custa e usar-me para satisfazer os seus desejos e caprichos sexuais mais “perversos”, a minha tendência é “oferecer-me” (Joaquim, submisso, 56 anos).

Aliada a uma nova forma de explorar o sexo, Filipe, *switcher*, 54 anos, considera que o seu envolvimento nas práticas BDSM em nada o alterou enquanto pessoa.

As práticas em si, uma nova forma de explorar o sexo, com a relatividade da situação. Como pessoa, não creio que tenha melhorado ou piorado nada, nem tão pouco tenha alterado comportamentos ou percepções da realidade (Filipe, *switcher*, 54 anos).

Para Dinis, submisso, 57 anos, para além de organizador, o BDSM confere-lhe um sentimento de pertença.

Como o BDSM tem várias componentes, ajudou-me a arrumar as ideias. Perceber que há centenas de milhar de pessoas como eu (que gostam de alguma coisa “estranha”), pôr algumas etiquetas. Perceber minimamente que todos sentimos alguma coisa muito fortemente, embora de formas díspares (Dinis, submisso, 57 anos).

Também para Artur, submisso, 63 anos, o seu envolvimento nas práticas BDSM, traduz-se num sentimento de satisfação.

Ânimo, felicidade, sentir-me bem, é como um desejo que tem que ser concretizado. Eu diria mais, é uma necessidade como outra qualquer que temos habitualmente (Artur, submisso, 63 anos).

Já para António, dominador, 34 anos, o BDSM representa:

Um sentimento de preenchimento. Consegue acalmar um lado quase irracional (António, dominador, 34 anos).

Para Rodrigo, submisso, 36 anos, atribui ao BDSM, o assumir da sua essência.

Fez-me assumir a minha natureza (Rodrigo, submisso, 36 anos).

Em termos de perspectivas de futuro, Gustavo, submisso, 36 anos, reconhece que as práticas BDSM serão para continuar admitindo, inclusive, a possibilidade de intensificar as mesmas.

Considero que é possível que vá haver sempre fases em que tenho mais vontade de repetir a experiência (Gustavo, submisso, 36 anos).

Miguel, submisso, 24 anos relata que apesar de actualmente não ser um praticante activo, a sua experiência no universo BDSM não se encontra extinta.

Apesar de ter o perfil activo no *Fetlife* e de ter participado num evento em Novembro do ano passado, neste momento não sou praticante activo. Mas sim, pondero voltar (Miguel, submisso, 24 anos).

Apesar de assentir ser uma fase, Alfredo, dominador, 52 anos, não delimita a sua duração.

Penso que como em quase tudo na nossa existência será uma fase. Quanto tempo durará? Isso não sei (Alfredo, dominador, 52 anos).

Também para Maria, submissa, 51 anos, o envolvimento nas práticas BDSM é perspectivado como algo limitado no tempo.

São uma fase. Para o resto da vida seria difícil, a idade depois já não permite certas práticas (Maria, submissa, 51 anos).

Já André, dominador, 45 anos, concede ao BDSM um lugar demasiado importante para o considerar apenas uma fase.

Já deve ter percebido que é importante demais para mim para ser uma fase. Sem dúvida para o resto da vida, mesmo quando a idade não me permitir ser tão activo sexualmente (André, dominador, 45 anos).

Da mesma forma, para Joaquim, submisso, 56 anos, a importância do BDSM é suficiente para encará-lo como algo que o acompanhará ao longo da sua vida, não especificando até quando.

Sinto um prazer tão grande na submissão e em muitas das suas variantes que, assim sentir, não conseguirei sequer resistir a continuar (Joaquim, submisso, 56 anos).

Esta perspectiva é também partilhada por Filipe, *switcher*, 54 anos:

Oxalá que seja para o resto da vida mas receio bem que não vá dar (Filipe, *switcher*, 54 anos).

Apesar de algumas incertezas em relação ao que o futuro lhe reserva, Artur, submisso, 63 anos, reconhece no seu envolvimento nas práticas BDSM um carácter de jovialidade.

Nunca se sabe o dia de amanhã, mas diria que Sim! Pois sinto que quanto mais velho mais gosto. Para me sentir sempre novo, basta estar aqui a falar com alguém do sexo feminino para me sentir com 30 anos. E isso juntamente com o facto de nunca ter fumado nem bebido, dão-me uma aparência de 10 anos mais novo, que é isso que pretendo (Artur, submisso, 63 anos).

Também para António, dominador, 34 anos e Rodrigo, submisso, 36 anos, embora não delimitem o envolvimento numa esfera temporal, irão envolver-se enquanto sentirem essa vontade.

È algo que não sei responder, enquanto sentir esta necessidade vou tentar preencher essa necessidade, não consigo delimitar num espaço temporal (António, dominador, 34 anos).

È algo que não sei responder, sinto-me submisso, tenho noção disso, por isso por enquanto sim (Rodrigo, submisso, 36 anos).

#### 4.5 Discussão

Uma vez apresentados os discursos proferidos pelos participantes, no que concerne ao despertar do interesse pelo universo BDSM, os resultados deram visibilidade a compreensões distintas. Uma parte dos participantes explicou a emergência do seu interesse pelo universo BDSM à luz da natureza individual, uma espécie de chamamento, e outra de influências externas, destacando-se a importância dos media e, em particular, da indústria cinematográfica. Tal vai de encontro ao referido por Yoster e Hunter (2012), que avançam duas explicações mutuamente exclusivas para os interesses iniciais pelo BDSM, designadamente uma parte intrínseca do *self* e a motivações provenientes de influências externas. Na realidade, na identificação das explicações de interesse relativamente ao universo BDSM os discursos dos participantes fizeram uma associação a factores de natureza individual e a uma motivação instigada pela curiosidade, alicerçada, sobretudo, pela literatura erótica e/ou pornográfica, pela pornografia *online* e pela navegação em *sites* temáticos. Tais discursos deram ainda visibilidade a uma multiplicidade de fetiches, com foco específico em determinadas partes do corpo, em particular os pés, mas também a sapatos, facto que vai de encontro à literatura sobre o tema (Scorrolli et al., 2007).

O fetichismo ocorre, como se disse anteriormente, quando uma pessoa experimenta uma intensa excitação sexual em resposta a um objecto não humano, uma parte do corpo não genital ou uma secreção corporal (Kafka, 2010). Importa recordar que muitas pessoas com fetiches, entre as quais os participantes do presente estudo, não preenchem os critérios para uma perturbação fetichista, uma vez que, não experimentam necessariamente qualquer tipo de sofrimento ou prejuízo pessoal (Scorrolli et al., 2010). De acordo com os discursos da maior parte dos participantes do presente estudo, o

consolidar do interesse pelo universo BDSM ocorreu na idade adulta (entre os 21 e os 48 anos). Contudo, em alguns casos, os relatos revelaram a existência de experiências mais precoces, situadas na infância, ainda que no domínio da mera fantasia e da imaginação, na altura não enquadrados no universo BDSM. Conforme descrito na literatura, a fantasia sexual pode ser uma história elaborada ou um pensamento passageiro, envolver imagens bizarras ou ser muito realista, podendo as imagens ocorrer espontaneamente ou ser elaboradas de forma intencional (Carvalheira, 2018).

O processo de consolidação do interesse pelo universo BDSM foi descrito pelos participantes como um processo de aprendizagem com vista a reforçar o conhecimento numa área descrita como complexa e com múltiplas nuances, subtilezas e exigências. Tal processo envolve, de acordo com os participantes, a identificação, fixa ou fluída, face a um papel que se quer desempenhar (e.g., dominador, submisso ou *switcher*), implicando um crescimento e amadurecimento pessoal, num sentido de comunidade e de respeito pelo outro. A identificação a um papel pode resultar da experimentação de práticas e jogos de papéis, num exercício de libertação, incorporando sempre os limites previamente acordados. Recorde-se que todos os participantes tiveram a preocupação de sublinhar veementemente a importância do respeito e da tríade associada ao universo BDSM: são, saudável e seguro.

A maior parte dos participantes do presente estudo identificou-se como dominador ou submisso/a, sendo que um número reduzido se reviu no papel de *switcher*. De acordo com Hébert e Weaver (2015) os/as dominadores/as habitualmente assumem-se como empáticos/as, carinhosos/as e capazes de assumir o controlo, atentos/as e responsáveis, enquanto que, os submissos/as são vistos como alguém disposto a desistir do controlo e com desejo em agradar. Trata-se, conforme refere Weiss (2011) de um intercâmbio consensual de poder.

Tanto no papel de dominador, como no papel de submisso há uma clara consciência dos receios e cuidados associados às práticas BDSM e os resultados do estudo evidenciaram isso mesmo. Dentro dos receios, os discursos dos participantes destacaram a possibilidade de ser descoberto por pessoas não envolvidas no universo BDSM (e.g., colegas de trabalho, amigos, familiares). Tal risco foi apresentado como um receio de julgamento e de exclusão da parte de terceiros, motivada por uma avaliação ancorada em representações negativas e alguns estereótipos. Em relação aos cuidados observados

enquanto praticantes BDSM, os participantes foram unânimes ao referir a importância da higiene e outros relacionados com o evitamento da transmissão de infeções sexualmente transmissíveis. Foi ainda destacada a regra de ouro da comunidade BDSM, como a importância da confiança e do respeito mútuos.

Assumir o papel de dominador/a ou submisso/a implica, de acordo com o discurso dos participantes, implica uma relação de confiança, respeito mútuo, sentido de segurança, aliado a um conhecimento e domínio sobre as técnicas e informações básicas, incluindo a definição prévia da palavra de segurança (*safe word*), a preservação da integridade física e psicológica, uma compreensão da comunicação e uma aprendizagem que seja facilitadora para a leitura de sinais ou reacções emocionais e/ou psicológicas. A comunicação surge, deste modo, como um elemento chave para o sucesso dos relacionamentos (LeVay, Baldwin & Baldwin, 2015). De acordo com a literatura, os praticantes de BDSM tendem a demonstrar uma maior consciência das suas próprias práticas linguísticas e dos seus parceiros, assim como níveis elevados de competências metacomunicativas que podem ser decorrentes da educação através das redes sociais de BDSM (Busbee, 2008).

Neste jogo de dar e receber prazer as percepções dos participantes são claras e unânimes, no que respeita à base para estas práticas, regida, como se disse, pela tríade do são, saudável e consensual, ou, como também é possível ler na literatura, RACK (Risk-aware Consensual *Kinky*) (Williams, Thomas, Prior & Christensen, 2014). Neste caso, a noção de detenção de poder absoluto ganha uma dimensão diferente, apontando-se mais para um fluxo de poder, no sentido de manter um equilíbrio entre as partes envolvidas (Busbee, 2008; Nielsen, 2010).

Os resultados evidenciam a importância da partilha de interesses de ambas as partes, através de uma prévia negociação clara e explícita. Nesse sentido, a obtenção de prazer através das práticas de eleição e de gosto pessoal não se desligam dos interesses da outra parte, sendo que cada sessão tende a ser construída de modo a agradar a ambas as partes, ainda que de modos, quase sempre, radicalmente diferentes. Face ao exposto, as práticas BDSM devem ser encaradas como relacionais, não se baralhando a procura intencional do prazer com a procura desregulada do mesmo.

A sexualidade, dentro do universo BDSM, é, tendo em conta os resultados apurados, interpretada como um “jogo” com regras muito específicas, sendo o prazer

associado a experiências extremamente intensas. A relação que se estabelece entre os parceiros é fundamental, conferindo sentido às práticas. Os papéis que cada um decide, de modo consciente e autodeterminado, desempenhar, estão intimamente ligados à convicção de que o prazer sexual, físico e emocional são um direito e não devem ser reprimidos por uma qualquer ordem social moralizadora ou médica e psicológica castradora.

Em termos de contactos entre as partes envolvidas nas práticas BDSM, os discursos dos participantes referiram a *internet* como um palco com múltiplas valências, revelando-se um valioso meio de comunicação para os adeptos de práticas sexuais minoritárias, facilitando a comunicação e reforçando a auto-aceitação e a satisfação, facto que vai de encontro à literatura sobre o tema (LeVay, Baldwin & Baldwin, 2015). O crescimento da *internet* permitiu, na verdade, uma abertura irrevogável do estilo de vida BDSM (Glyde, 2015). É, de facto, através deste poderoso veículo que a maioria dos participantes estabelece o contacto para as sessões, quer através de *sites* temáticos, *chats* ou redes sociais. Nestas redes sociais de BDSM os membros compartilham um léxico especializado e estilos interaccionais complexos e que contribuem para o processo de aprendizagem anteriormente mencionado (Busbee, 2008). Através da *internet*, os utilizadores podem interagir frequentemente uns com os outros em condições de relativo anonimato e sem a presença física de outra pessoa. Estas condições são, por essa razão, facilitadoras da partilha de aspectos íntimos importantes ou “verdadeiros” do eu (*self*) que, amiúde, são difíceis de exprimir na vida fora do ecrã (McKenna, 2015).

No que toca a encontrar um/ parceiro/a para o envolvimento nas práticas BDSM, os participantes entrevistados reforçaram definir previamente critérios de inclusão e de exclusão, destacando três categorias: i) psicológicas (e.g., traços de personalidade, estabilidade emocional, autodeterminação, independência); ii) físicas (e.g., ser saudável, apresentar resistência física); e iii) sociais (e.g., ser maior de idade, abertura e respeito interpessoal). Todos os participantes rejeitaram veementemente o envolvimento com menores de idade, classificando correctamente como actos criminosos associados à pedofilia.

Ainda relativamente à *internet*, a mesma foi mencionada como um palco onde, raramente, podem ter lugar algumas sessões BDSM. Para os participantes que privilegiam as sessões presenciais, a quase totalidade, o recurso às plataformas *online* tem como

objectivo conquistar a confiança ou afinar alguns pormenores. A esfera física e presencial confere aos encontros um carácter de proximidade, tacto e uma maior carga emocional. Desta forma, o primeiro encontro no mundo físico e palpável surge, no discurso dos participantes, como confirmatório das expectativas, um misto de nervosismo e emoção regido pela preocupação e sentido de competência, podendo ainda ser meramente exploratório e não vinculativo, determinado pela existência de empatia, podendo, ou não, culminar em actividade sexual.

Uma vez encetados os encontros no mundo físico, estes podem ter lugar, de acordo com os resultados, em espaços públicos ou privados. Os primeiros encontros em espaços físicos foram associados a uma maior percepção de segurança e também à possibilidade de descartar o outro caso não se verifique compatibilidade. Dentro da esfera privada, os hotéis, motéis, pensões ou a casa de uma das partes, integram a lista das preferências enunciadas pelos participantes.

Em relação à periodicidade da realização das práticas BSDM, os resultados sugeriram algo esporádico, dependente da disponibilidade profissional e pessoal de ambas as partes, sugerindo a ausência de qualquer dependência ou disfunção. As experiências descritas pelos participantes permitiram compreender que as relações estabelecidas no universo BDSM visam a satisfação das necessidades sem existência de um prolongamento do vínculo afectivo e sexual, assumindo maioritariamente um carácter extraconjugal. Contudo, para um dos participantes, o carácter de exclusividade foi apresentado como algo decisivo, descartando-se a hipótese da estigmatizada noção de promiscuidade.

Relativamente ao desejo, este é mobilizado pelo erotismo, sendo que o investimento sexual pressupõe uma apropriação da própria sexualidade e do prazer sexual. O erotismo é uma busca intencional pelo prazer. O desejo masculino é, de acordo com a literatura, mais facilmente activado e os homens predispõem-se mais para o sexo; por outro lado, as mulheres mais dificilmente se envolvem sexualmente se estiverem stressadas ou tristes. No que concerne às diferenças psicológicas, o desejo sexual masculino não é tão orientado pela conexão emocional como o feminino (Carvalheira, 2018).

Partindo do pressuposto de que a durabilidade das relações convencionais não é passível de ser prevista, no universo BDSM esta imprevisibilidade também se verifica. A

descontinuidade das relações pode ser, no discurso dos participantes, instigada pela inibição da espontaneidade e conseqüentes repercussões no seio matrimonial (no caso dos participantes casados), apesar da aceitação por parte dos parceiros “baunilha”. Um afastamento temporário, a dificuldade em encontrar um/a novo/a parceiro/a para as práticas, uma conduta fora do expectável advinda de uma das partes podem igualmente ditar a descontinuidade das práticas BDSM. Não obstante, esta interrupção não é sinónimo de que esta descontinuidade se revele definitiva.

De uma forma geral, e numa visão mais simplista e quase desprovida de conhecimento as práticas BDSM podem significar obtenção de prazer e formas de infligir dor. Instigados a falar sobre o prazer que advém e do tipo de gratificação que obtêm através do envolvimento nestas práticas, são arrolados pelos participantes diferentes tipos de prazer, que vão desde o prazer sexual, físico e erótico, suplantando-se para um prazer psicológico e/ou emocional culminando numa forma de prazer espiritual, apesar de, para alguns participantes, o objectivo final ser única e exclusivamente o prazer sexual, adjectivado de carnal, sincero, orgásmico, sem barreiras nem julgamentos. Neste enclave, a busca de um prazer psicológico e/ou emocional ocupa o topo da hierarquia naquilo que são as possíveis formas de prazer. As características alavancadas pelos participantes para a descrição deste prazer emocional traduzem-se em emoção, algo similar a um estado de paixão, ausência de consciência, sensação de jovialidade, alívio mental, tranquilidade e sensação de preenchimento. O prazer espiritual surge como algo apartado da religião e em comunhão com uma paz interior e pessoal.

Sendo o erotismo o motor do desejo e da excitação sexual (Gomes, 2004; Carvalheira, 2018), o universo das fantasias, umas concretizáveis e outras cristalizadas numa visão utópica, é visto como o combustível necessário para que o desejo ecloda. Da multiplicidade de práticas emergente nos discursos dos participantes, a humilhação verbal e psicológica, o *spanking*, a dominação, o *facesitting*, o *pet-play* e o *sissy training* revelaram-se as práticas mais comuns. Altamente mencionada, a humilhação surge associada à importância da existência de uma boa auto-estima, sob pena de, caso esta não se verifique, o resultado ser profundamente perverso.

Já no que diz respeito ao fantasiar, tal deve ser entendido como uma experiência universal, um sinónimo de estar vivo (Carvalheira, 2018). No universo BDSM, as fantasias assumem igualmente um papel preponderante. As sessões que incorporam a

prática do *roleplay*, sustentada na base da teatralidade, possibilitam a fertilização da imaginação, onde a sua realização exige a criação de um guião, em que as personagens e os cenários são definidos colaborativamente. Esta co-construção traduz-se numa maior probabilidade de agrado para ambas as partes e numa menor probabilidade da sessão “falhar”. O recurso a determinados instrumentos, para além de alimentar a fantasia, é também um suplemento na execução das práticas, o  *strapon*, a chibata, os chicotes, as cordas, a coleira e os dilatadores integram a lista das preferências dos participantes (LeVay, Baldwin & Baldwin, 2015). Algumas das práticas descritas como preferidas por parte de alguns participantes (realizadas ou ainda não) foram rejeitadas por outros, dando visibilidade, como seria de esperar, a uma diversidade de motivações e desejos. As práticas que envolvam sangue ou agulhas foram descartadas pelos participantes do presente estudo, bem como as de electroestimulação.

A importância da novidade e da transgressão esteve, de um modo geral, presente em todos os discursos dos participantes entrevistados, conforme, de resto, é apontado na literatura, que reconhece que o erotismo envolve o desconhecido, a incerteza e o risco, florescendo no imprevisível e no mistério (Carvalheira, 2018). Considerando a possibilidade de que cada ser humano se moverá em três domínios da sua vida, um público, um privado e um secreto, o presente estudo procurou ainda apurar o que se entendeu designar por conciliações (im)possíveis. Assim, para a maioria dos participantes as práticas BDSM têm lugar fora das relações ditas convencionais. O carácter conservador, uma educação rígida, a falta de abertura para algo novo e diferente, a importância do desconhecido e a exigência de que estas práticas tenham lugar com alguém sem nenhuma ligação fora do BDSM, explicaram os motivos que levam estes actores sociais a ocultar o seu envolvimento nas práticas BDSM dos parceiros/as “baunilha”. É verdade que os relacionamentos extraconjugais tendem a incorrer na desaprovação social, sendo a monogamia considerada, para muitos, como ideal. São considerados relacionamentos extraconjugais, encontros únicos e breves ou uma sucessão de relacionamentos com uma variedade de parceiros. Podendo ocorrer com ou sem o conhecimento do/a parceiro/a, tendo lugar na vida real ou na *internet* (LeVay, Baldwin & Baldwin, 2015).

O facto de todos os entrevistados comungarem da ideia de que, de uma forma generalizada a representação que os outros fazem sobre quem se envolve nas práticas

BDSM é negativa, conduz a que os mesmos ocultem esta faceta. A protecção desta dimensão secreta ocorre com o objectivo de evitar aquilo que é arrolado no discurso dos participantes como sendo as consequências, caso esta fosse descoberta, destacando-se o macular da imagem social, o rótulo e o sentimento de humilhação e vergonha. Com a ressalva de que, apesar de se movimentarem em vários cenários, a identidade pessoal, social e profissional mantém-se imperscrutável. A descoberta de que se é praticante BDSM poderia prejudicar, no entender dos participantes, não só a situação social corrente, como também as relações sociais estabelecidas; não apenas a imagem presente que as outras pessoas têm de si, como também a que teriam no futuro; não só as aparências mas também a reputação. O estigma e o esforço para escondê-lo ou consertá-lo fixam-se, como tal, como parte da identidade social (Goffman, 2004).

Recorde-se que o presente estudo foi pensado e desenvolvido numa perspectiva não patologizante das práticas BDSM. Importa, por isso, lembrar que, segundo o DSM-5 (APA, 2014), para se ser diagnosticado como um distúrbio parafilico este deve causar dano ou sofrimento quer para o praticante, quer para a outra parte envolvida. Sabe-se, porém, que, tal como os participantes do presente estudo, existem muitas pessoas se encontram bastante confortáveis no exercício das suas práticas consensuais (Glyde, 2015). Incitados a falar sobre que significado atribuem às suas experiências no universo BDSM, os entrevistados elencaram como benefícios gerais: novas emoções, novos estímulos, aprendizagem de novas formas de ter e de dar prazer, sentido de pertença, sentimentos de ânimo e de felicidade, apresentando o BDSM um carácter organizador. Segundo Hébert e Weaver (2015), dominadores e submissos usufruem dos mesmos benefícios dentro do universo BDSM, obter prazer ao dar prazer ao outro, prazer físico e excitação, diversão, crescimento pessoal, sentido de comunidade, relacionamentos amorosos melhorados e liberdade. De acordo com Glyde (2015), as pessoas que se envolvem nas práticas BDSM experimentam um renascimento pessoal, aprendem novas habilidades e fazem novos amigos. Relatam experiências profundas, de mudança de vida, terapêuticas e até espirituais. O universo BDSM revela-se, por isso, como complexo, atraente, onde as motivações são variadas e as práticas vão para além do infligir e receber dor, para além do dar e ter prazer. Para a maioria dos participantes estas práticas são vistas numa perspectiva de continuidade, e caso esta seja interdita poderá dever-se a limitações de ordem física associadas ao factor idade.

## Conclusão

Rejeitar e patologizar aquilo que se considera como uma sexualidade não normativa é sinónimo de perder uma oportunidade para crescer (Glyde, 2015). A comunidade *kinky*, isto é, aquela que se envolve em comportamentos que envolvem *bondage*, disciplina, dominação, submissão, sadismo e masoquismo e fetichismo sexual (Waldura, Arora, Farala, Randall & Sprott 2016) é apenas a face pública de uma vasta colecção de estilos e orientações de vida (Glyde, 2015).

O presente trabalho visou, como se disse, explorar os percursos e discursos de praticantes de BDSM, contextualizando a emergência, desenvolvimento e avaliação das suas práticas. Das vozes escutadas acerca das múltiplas experiências e vivências individuais enquanto praticantes BDSM, foi dada visibilidade a percursos e interesses vários, contados na primeira pessoa. Foi uma oportunidade de crescimento e amadurecimento para a investigadora, sem dúvida, mas também para todos os participantes que, durante algumas horas, puderam falar de si sobre um assunto tão importante das suas vidas e sobre o qual têm tão raras ou qualquer oportunidade de pensar de modo colaborativo, desligado de apriorismos conservadores ou moralistas. Sendo a sexualidade humana umas das áreas importantes de cada indivíduo, a possibilidade de aprender sobre diversidade sexual, legitimando-a de forma responsável, é um exercício importante para qualquer área científica relacionada com pessoas, em particular a área da psicologia clínica e da saúde.

O recurso à metodologia qualitativa permitiu privilegiar os discursos dos participantes, reconhecendo-lhes o papel de actores sociais, bem como a sua importância para o desbravar do conhecimento numa área ainda repleta de sombras e zonas cinzentas. Numa área onde quase nada se sabe, o desafio é procurar, questionar e querer saber. Nesse sentido, o presente estudo evidenciou uma diversidade de experiências, cujo denominador comum pode ser englobado na categoria sexualidade atípica. Deu visibilidade a pessoas com vidas organizadas, quer do ponto de vista pessoal, quer profissional e relacional.

Como qualquer estudo, este também tem as suas limitações. As vozes escutadas e os resultados apresentados e discutidos não permitem fazer generalizações. Para além disso, houve apenas a possibilidade de escutar uma praticante do sexo feminino. Teria sido interessante e importante um outro equilíbrio em termos de género.

Como pistas de investigação futuras seria pertinente uma exploração mais aprofundada no que diz respeito à identificação de papéis (dominador/a, submisso/a, *switcher*). Considera-se, de igual relevância, uma abordagem ao BDSM profissional e às suas motivações, assim como a exploração do sentido de completude que impera no discurso dos praticantes, procurando uma melhor compreensão sobre o que motiva as pessoas a procurar as práticas BDSM e, por fim, uma abordagem que desse voz aos terapeutas que lidam com clientes BDSM. Tal poderia ser, igualmente, uma contribuição no sentido da despatologização ou, melhor dizendo, da não patologização generalizada. A par com o que foi sugerido anteriormente, outra questão relevante aponta para a necessidade da promoção de discussões sobre os riscos das práticas BDSM para a saúde, integrando a participação de profissionais de saúde, onde não impere o sentido de julgamento.

## Referências Bibliográficas

- American Psychiatric Association [APA]. (2014). *DSM 5. Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais* (5ª ed.). Lisboa: Climepsi.
- Anderson-Hunt, M., & Dennerstein, L. (1994). Increased female sexual response after oxytocin. *British Medical Journal*, *309*, 929.
- Arnow, B.A., Desmond, J.E., Banner, L.L., Glover, G.H., Solomon, A., Polan, M.L., ... Atlas, S.W. (2002). Brain activation and sexual arousal in healthy, heterosexual males. *Brain*, *125*, 1014–1023.
- Bagemihl, B. (1999). *Biological exuberance: Animal homosexuality and natural diversity*. New York: St. Martin's Press.
- Baker, C., Pistrang, N., & Elliot, R. (2016). *Research Methods In Clinical Psychology. An Introduction for Students and Practitioners*. (3rd Ed.). UK: Wiley Blackwell.
- Bancroft, J. (2002). The medicalization of female sexual dysfunction: The need for caution. *Archives of Sexual Behavior*, *31*, 451–455.
- Barker, M. (2007). Turning the world upside down: Developing a tool for training about SM. In Langdridge, D. & Barker, M. (Ed.), *Safe, sane and consensual contemporary perspectives on sadomasochism* (pp.256). Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Blanchard, R. (2010). The DSM diagnostic criteria for transvestic fetishism. *Archives of Sexual Behavior*, *39*, 363–372.
- Braun, V. & Clarke, V. (2006) Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, *3* (2), 77-101.

- Brennan, R. (2010). *OMG Lady Gaga gives herself mental orgasms!* Retirado de: [www.glamour.com/sexlove-life/blogs/smitten/2010/03/omglady-gaga-gives-herself-me.html](http://www.glamour.com/sexlove-life/blogs/smitten/2010/03/omglady-gaga-gives-herself-me.html))
- Busbee, E. R. (2008). Power exchange: Interaction and identity in a BDSM community. *Humanities and Social Sciences*, 9 (6), 2330.
- Carlstrom, C. (2018). BDSM, becoming and the flows of desire. *Journal Culture, Health & Sexuality*, 24, 1-11.
- Carvalho, A. A. (2018). *Em Defesa do Erotismo: A favor da liberdade e da saúde sexual*. Porto Salvo: Edições Desassossego.
- Chaline, E. R. (2010). The Construction, Maintenance, and Evolution of Gay SM Sexualities and Sexual Identities: A Preliminary Description of SM Sexual Identity Practices, *Sexualities* 13 (3), 338–56.
- Chivers, M.L., Rieger, G., Latty, E., & Bailey, J.M. (2004). A sex difference in the specificity of sexual arousal. *Psychological Science*, 15, 736–744.
- Chizzotti A. (2006). *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis: Vozes.
- Clarke, V., & Braun, V. (2013). Teaching thematic analysis: Over-coming challenges and developing strategies for effective learning. *The Psychologist*, 26 (2). 120-123.
- Clarck, S. K., Jeglic, E. L., Calcins, C., & Tatar, J. R. (2014). More Than a Nuisance: The Prevalence and Consequences of Frotteurism and Exhibitionism. *Annals of Sex Research*, 28(1), 3-19.

- Creswel, J. W. (2007). *Projecto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto*. (2 ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Davidson, J. (1985). The utilization of sexual fantasies by sexually experienced university students. *Journal of American College Health*, 34,24–32.
- DeLamater, J. (1987). A sociological perspective. In J.H. Geer & W.T. O’Donohue (Eds.), *Theories of human sexuality* (pp. 237–256). New York: Plenum.
- Denzin, N. K. e Lincoln, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: Denzin, N. K. e Lincoln, Y. S. (Orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 15-41.
- Doctor, R., & Prince, V. (1997). Transvestism: A survey of 1,032 cross-dressers. *Archives of Sexual Behavior*, 26, 589–605
- Doshi, S. M. (2015). BDSM: A sexual deviance rather a sexual culture an overview. *Journal of Indian Academy of Forensic Medicine*, 37(1), 78–81.
- Faccio, E., Casini, C., & Cipolletta, S. (2014). Forbidden games: the construction of sexuality and sexual pleasure by BDSM players. *Culture, Health & Sexuality*, 16(7), 752-764.
- Fugl-Meyer, K., Oberg, K., Lundberg, P., & Lewin, B. (2006). On orgasm, sexual techniques, and erotic Perceptions in 18- to 74-year-old Swedish women. *Journal of Sexual Medicine*, 3, 56–68.
- Giddens, Anthony (1992) *The Transformation of Intimacy: Sexuality, Love and Eroticism in Modern Societies*, Cambridge: Polity Press.

- Graham, B. C., Butler, S. E., McGraw, R., Cannes, S. M. & Smith, J. (2016). Member Perspectives on the Role of BDSM Communities. *The Journal of Sex Research*, 53, 895-909.
- Gimpl, G., & Fahrenholz, F. (2001). The oxytocin receptor system: Structure, function, and regulation. *Physiological Reviews*, 81, 629–683.
- Glyde, T. (2015). BDSM: psychotherapy’s grey area. *The Lancet. Psychiatry*, 2 (3), 211–213.
- Goffman, G. (2004). *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada* [pdf]. Retirado de:  
<http://www.aberta.senad.gov.br/medias/original/201702/20170214-114707-001.pdf>
- Gomes, F. A. (2004). *Paixão, Amor e Sexo*. Lisboa: Dom Quixote
- Gough, B., & Madill, A. (2012) Subjectivity in psychological science: from problem to prospect. *Psychol Methods*, 17 (3), 374-384.
- Gregersen, E. (1996). *The world of human sexuality: Behaviors, customs, & beliefs*. New York: Irvington.
- Harding, A. (2006). Beijing’s penis emporium. *BBC News*. Retirado de:  
[http://news.bbc.co.uk/2/hi/programmes/from\\_our\\_own\\_correspondent/5371500.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/programmes/from_our_own_correspondent/5371500.stm).
- Hébert, A. & Weaver, A. (2014). An examination of personality characteristics associated with BDSM orientations. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, 23 (2), 106-115.

- Hebernick, D., Reece, M., Sanders, S., Dodge, B., Ghassemi, A., & Fortenberry, J. D. (2009). Prevalence and characteristics of vibrator use by women in the United States: results from a nationally representative study. *The Journal of Sexual Medicine*, 6(7), 1857-1866.
- Herbenick, D., Reece, M., Schick, V., Sanders, S. A., Dodge, B. & Fortenberry, J. D. (2010). Sexual behavior in the United States: Results from a national probability sample of men and women ages 14–94. *Journal of Sexual Medicine*, 7 (5), 255–265.
- Holloway, I., & Todres, L. (2003). The status of method: flexibility, consistency and coherence. *Qualitative Research*, 3(3), 345-357.
- Holvoet, L., Huys, W., Coppens, V., Seeuws, J., Goethals, K., Morrens, M. (2017). Fifty Shades of Belgian Grey: The prevalence of BDSM - related fantasies and activities in the general population. *Journal of Sexual Medicine*, 14 (9), 1152-1159.
- Kafka, M.P. (2010). The DSM diagnostic criteria for fetishism. *Archives of Sexual Behavior*, 39, 357–362.
- Karama, S., Lecours, A.R., Leroux, J.M., Bourgouin, P., Beaudoin, G., Joubert, S., & Beauregard, M. (2002). Areas of brain activation in males and females during viewing of erotic film excerpts. *Human Brain Mapping*, 16, 1–13.
- Keesling, B. (2004). *Sexual pleasure: Reaching new heights of sexual arousal and intimacy*. Alameda, CA: Hunter House.
- Koukounas, E., & McCabe, M. (1997). Sexual and emotional variables influencing sexual response to erotica. *Behaviour Research and Therapy*, 35, 221–230.

- Kruger, D.J., & Hughes, S.M. (2011). Tendencies to fall asleep first after sex are associated with greater partner desires for bonding and affection. *Journal of Social, Evolutionary, and Cultural Psychology*, 5, 239–247.
- Langdrige, D., & Barker, M. (2007). Situating sadomasochism. In D. Langdrige & M. Barker (Eds.), *Safe, sane and consensual contemporary perspectives on sadomasochism* (pp. 3–9). Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Långström, N. (2010). The DSM diagnostic criteria for exhibitionism, voyeurism, and frotteurism. *Archives of Sexual Behavior*, 39, 317–324.
- Långström, N., & Zucker, K. (2005). Transvestic fetishism in the general population: Prevalence and correlates. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 31, 87–95.
- Långström, N., & Seto, M.C. (2006). Exhibitionistic and voyeuristic behavior in a Swedish national population survey. *Archives of Sexual Behavior*, 35, 427–435.
- Lawrence, A. A. & Love-Crowell, J. (2008). Psychotherapists' experience with clients who engage in consensual sadomasochism: A qualitative study. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 34 (1), 67-85.
- Lee, E. M., Klement, Kr., Sagarin, B. J., Finkestein, L. (2017). Stereotypical BDSM practitioners? Depend on role, gender and who you ask. *Paper presented at the Midwestern Psychological Association's annual meeting, Chicago IL.*
- Leitenberg, H., & Henning, K. (1995). Sexual fantasy. *Psychological Bulletin*, 117, 469–496.

- Leitenberg, H., & Hicks, T.V. (2001). Sexual fantasies about one's partner versus someone else: Gender differences in incidence and frequency. *Journal of Sex Research, 38*, 43–50.
- Lehmiller, J. J. (2014). *The Psychology of Human Sexuality*. West Sussex, UK: Wiley Blackwell.
- LeVay, S., Baldwin, J. & Baldwin, J. (2015). *Discovering Human Sexuality*. (3rd ed.). Sunderland, MA: Sinauer Associates.
- Levin, R.J., (2006). Vocalised sounds and human sex. *Sexual and Relationship Therapy, 21*, 99–107.
- Levin, R.J., & Riley, I. (2007). The physiology of human sexual function. *Psychiatry, 6*, 90–94.
- Liebowitz, M.R. (1983). *The chemistry of love*. Boston, MA: Little, Brown, & Co.
- Markey, P. M., & Markey, C. N. (2007). The interpersonal meaning of sexual promiscuity. *Journal of Research in Personality, 41*, 1199–1212.
- Marshall, W. L. & Fernandez, Y. M. (2003). *Phallometric testing with sexual offenders*. Safer Society.
- Masters, W. H. & Johnson, V. E. (1966). *Human sexual response*. Boston: Little, Brown.
- Masters, W., & Johnson, V. (1970). *Human sexual inadequacy*. Boston: Little, Brown.
- Masters, W. M., & Johnson, V. E. (1972). *As Reações Sexuais*. Vila da Maia: Meridiano.

- McCauley, C., & Swann, C. (1980). Sex differences in the frequency and functions of fantasies during sexual activity. *Journal of Research in Personality, 14*, 400–411.
- McClintock, M.K. (2000). Human pheromones: Primers, releasers, signalers, or modulators? In K. Wallen & J. Schneider (Eds.), *Reproduction in context* (pp. 355–420). Cambridge, MA: MIT Press.
- McKenna, K. Y. A. (2015). Do Outro Lado do Espelho da Internet. In Miranda G. L., *Psicologia dos Comportamentos Online* (pp: 194-226). Lisboa: Relógio D’Água Editores.
- McPherson, K., Herbert, A., Judge, A., Clarke, A., Bridgman, S., Maresh, M., & Overton, C. (2005). Psychosexual health 5 years after hysterectomy: population-based comparison with endometrial ablation for dysfunctional uterine bleeding. *Health Expectations, 8*, 234–243.
- Meeker, C. (2013). “Learning the ropes”: an exploration of BDSM stigma, identity disclosure, and workplace socialization. In M. S. Plakhotnik & S. M. Nielsen (Ed.), *Proceedings of the 12th Annual South Florida Education Research Conference*. Miami, Florida International University.
- Meston, C. M., & Buss, D. M. (2007). Why humans have sex. *Archives of Sexual Behavior, 36*, 477–507.
- Miller, J.D., Lynam, D., Zimmerman, R.S., Logan, T.K., Leukefeld, C., & Clayton, R. (2004). The utility of the Five Factor Model in understanding risky sexual behavior. *Personality and Individual Differences, 36*, 1611–1626.
- Moser, C., & Kleinplatz, P. (2006). Introduction: The state of our knowledge on SM. *Journal of Homosexuality, 50*, 1-15.

- Newmahr, S. (2011). *Playing on the edge sadomasochism, risk and intimacy*. Indiana: Indiana University Press.
- Nielsen, M. E. J. (2010). Safe, Sane and Consensual. *International Journal of Applied Philosophy*, 24(2), 265-288.
- Nusbaum, M.R., Lenahan, P., & Sadovsky, R. (2005). Sexual health in aging men and women: Addressing the physiologic and psychological sexual changes that occur with age. *Geriatrics*, 60, 18–23.
- Ortmann, D. M. & Sprott, R. A. (2013). *Sexual outsiders: understanding BDSM sexualities and communities*. Lanham, Md. : Rowman & Littlefield Publishers
- Pascoal, P. M., Cardoso, D. & Henriques, R. (2015). Sexual Satisfaction and Distress in Sexual Functioning in a Sample of the BDSM Community: A Comparison Study Between BDSM and Non-BDSM Contexts. *The Journal of Sexual Medicine*, 12, 1052-1061.
- Pelletier, L.A., & Herold, E.S. (1988). The relationship of age, sex guilt, and sexual experience with female sexual fantasies. *Journal of Sex Research*, 24, 250–256.
- Pereira, N. P. (2014). Prefácio. In N. P. Monteiro (Coord.), *Sexologia Médica* (pp. XV-XVI). Lisboa: LIDEL
- Pillai-Friedman, S., Pollitt, J., & Castaldo, A. (2015). Becoming kink-aware-anecessity for sexual professionals. *Sexual and Relationship Therapy*, 30 (2), 196-210.
- Plante, R. (2006). Sexual spanking, the self and the construction of desviance. *Journal of Homosexuality*, 50 (2), 59-79.

- Plummer, K. (1995). *Telling sexual stories: Power, change and social worlds*. London: Routledge.
- Reece, M., Herbenick, D., Dodge, B., Sanders, S. A., Ghassemi, A. & Fortenberry, J. D. (2010). Vibrator use among heterosexual men varies by partnership status: Results from a nationally representative study in the United States. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 36, 389–407.
- Richardson, R. J. (1999). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.
- Rye, B. J. & Meany, G. (2007). The pursuit of sexual pleasure. *Sexuality & Culture*, 11(1), 28-51.
- Sagarin, B. J., Lee, E. M., Erickson, J. M., Casey, K. G. & Pawirosetiko, J. S. (2018). Collective Sex Environments Without the Sex? Insights from BDSM Community. *Archives of Sexual Behavior*, 1-5.
- Scorolli, C., Ghirlanda, S., Enquist, M., Zattoni, S., & Jannini, E.A. (2007). Relative prevalence of different *Sexual Behavior*, 39, 317–324.
- Tan, M., Jones, G., Zhu, G., Ye, J., Hong, T., Zhou, S., ... Zhang, L. (2009). Fellatio by fruit bats prolongs copulation time. *PLoS ONE*, 4(10), 1–5.
- Turley, E. L. (2016). ‘Like nothing I’ve ever felt before’: understanding consensual BDSM as embodied experience. *Psychology and Sexuality*, 7 (2), 149-162.
- Vieira, M. M. F. e Zouain, D. M. (2005). *Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

- Waldura, J. F. Arora, I., Farala, J. P., Randall, A. M., & Sprott, R. A. (2016). Fifty Shades of Stigma: Exploring the Health Care Experiences of Kink-Oriented Patients. *Journal of Sexual Medicine*, 13 (12), 1918-1929.
- Weeks, J. (2011). *The Languages of sexuality*. London: Routledge.
- Weinberg, T. (1987). Sadomasochism in the United States: A review of recent sociological literature. *The Journal of Sex Research*, 23 (1), 50-69.
- Weiss, M. (2011). *Techniques of Pleasure: BDSM and the circuits of sexuality*. Durham & London: Duke University Press.
- Williams, D. J., Thomas, J. N., Prior, E., & Christensen, M. C., (2014). From “SSC” and “RACK” to the “\$Cs”: Introducing a new Framework for Negotiating BDSM Participation. *Electronic Journal of Human Sexuality*, 7.
- Wismeijer, A., & van Assen, M. (2013). Psychological characteristics of BDSM practitioners. *Journal of Sexual Medicine*, 10 (8), 1943-52.
- Yost, Megan R. & Hunter, L. E. (2012). BDSM practitioners' understandings of their initial attraction to BDSM sexuality: Essentialist and constructionist narratives. *Journal of Psychology and Sexuality*, 3 (3), 244-259.

## **Anexos**

## **Anexo A**



## **Anexo B**



## **Anexo C**



## **Anexo D**



## **Anexo E**